

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

SINARA MARIA BOONE

**A PRODUÇÃO TEATRAL ESCOLAR COMO EXPRESSÃO DOS VALORES
CULTURAIS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

Caxias do Sul

2006

SINARA MARIA BOONE

**A PRODUÇÃO TEATRAL ESCOLAR COMO EXPRESSÃO DOS VALORES
CULTURAIS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional, à
Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani

Caxias do Sul

2006

Ao Felipe,
presença essencial na minha vida.

Aos meus pais e às minhas irmãs,
incentivadores da minha evolução.

*O mundo todo é um palco. Todos os
homens e mulheres são atores e nada
mais. Cada qual cumpre suas
entradas e saídas, e desempenham
diversos papéis durante os sete anos
da existência.*

(William Shakespeare)

Ao concluir este trabalho, quero agradecer:

À Universidade de Caxias do Sul, à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e ao Departamento de Artes, pelo apoio e incentivo à qualificação profissional;

À Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani, pela generosidade em dividir seus conhecimentos comigo na orientação desta pesquisa, por acreditar e respeitar as minhas idéias e principalmente pelas aprendizagens realizadas na trajetória deste estudo;

Ao Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves coordenador do Mestrado em Letras e Cultura Regional e à Profa. Dra. Elisa Battisti, pelo apoio, amizade e incentivo à esta pesquisa;

Ao Centro Tecnológico de Ensino Médio e Técnico da Universidade de Caxias do Sul e a sua diretora Profa. Ms. Ana Cristina Possap Cesa, alunos e professores, que se tornaram colaboradores e “testemunhas” das aprendizagens e reflexões culturais que o Cetec Festival possibilitou nesses onze anos;

À Profa. Ms. Silvana Boone, pelos sentimentos e pelas idéias compartilhadas;

E a todas as pessoas que, de algum modo, apoiaram e contribuíram para a realização desta dissertação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ESTUDOS SOBRE CULTURA E IDENTIDADE.....	16
1.1 A cultura no contexto contemporâneo.....	16
1.2 Cultura e identidade.....	20
1.2.1 A adolescência no contexto da cultura e da identidade.....	24
1.3 O adolescente e a produção cultural.....	28
1.4 Cultura e imaginário.....	31
2 O TEATRO ESCOLAR COMO EXPRESSÃO DA CULTURA.....	34
2.1 A escola e a cultura.....	34
2.2 O teatro escolar.....	37
2.3 O texto dramático.....	42
3 PESQUISA E ANÁLISE DO CONTEÚDO	48
3.1 Metodologia.....	48
3.2 Primeira etapa: estudo exploratório e escolha do <i>corpus</i>	50
3.3 Análise e interpretação dos dados obtidos.....	55
3.3.1 Os valores culturais.....	53
3.3.1.1 <i>Relações sociais: família e amigos</i>	54
3.3.1.2 <i>Traços da cultura regional</i>	60
3.3.1.3 <i>Literatura e cinema</i>	62
3.3.1.4 <i>Passado, futuro e meio ambiente</i>	65
3.3.1.5 <i>Mídia e tecnologia</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS.....	85

RESUMO

O espaço escolar é um dos lugares onde a cultura é manifestada, integrando diferentes valores. Por isso, este estudo tem como objetivo analisar os valores culturais presentes nas produções escritas por adolescentes para a dramatização em período escolar. O estudo foi realizado por meio da análise de textos dramáticos produzidos por alunos de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Caxias do Sul. A pesquisa utiliza o método da análise de conteúdo, tendo como *corpus* textos teatrais produzidos no período dos onze anos de existência da escola selecionada, os quais sinalizam alguns dos aspectos culturais valorizados no período da adolescência. Do estudo dos textos emergiram categorias culturais temáticas que se referem a: relações sociais: família e amizades; cultura regional: traços da cultura italiana e gauchesca; literatura e cinema e passado, futuro e meio ambiente; mídia e tecnologia. A abordagem desses assuntos define aspectos do universo da adolescência, considerado do ponto de vista regional e caracterizado pela mistura de culturas representadas socialmente. Na compreensão das questões culturais, escolares e teatrais, utilizou-se um aporte teórico que definiu alguns termos importantes para a compreensão das manifestações culturais por meio das representações literárias associadas ao teatro, tais como: cultura, identidade, imaginário, adolescência e teatro escolar. O referencial teórico utilizado permitiu o entendimento da cultura e de como os valores aparecem e são articulados nesse grupo, representados pelo texto teatral. Desse modo, o estudo contribui para a compreensão da identidade cultural na adolescência e para os estudos que envolvem a investigação da cultura e da literatura em contexto escolar e regional.

Palavras-chave: Cultura. Adolescência. Identidade. Teatro escolar. Literatura.

ABSTRACT

The school environment is a place where culture is revealed by the integration of different values. This study aims at analyzing cultural values that are disclosed in adolescents' written productions assigned in drama classes. The study analyzed drama scripts presented by students of a private school in Caxias do Sul. The research method was based on content analysis and its corpus is a set of drama scripts produced throughout an 11-year-period, which address to some cultural aspects that are valued among adolescents. From the study it was possible to come up with cultural themes related to family and friends; regional culture; traces of Italian and local (*gaucho*) cultures; literature; movies and the past; (worries about) the future and the environment; media and technology. The approach of such topics is defined by the aspects expressed in the adolescents' universe, from a regional point of view which is characterized by a mix of socially represented cultures. In order to understand the topics related to adolescents' culture, school and drama aspects, it was employed a theoretical support that defines important terminology to the comprehension of such cultural expression represented by literary relations associated to drama, namely culture, identity, imaginary, adolescence and school drama. The theoretical support employed also allowed the understanding of the culture and how values are shown and are articulated within the group, transcribed through the drama scripts. As a result, this study intends to contribute to the understanding of adolescents' cultural identity as well as to further studies that involve the investigation of culture and literature in regional and school contexts.

Keywords: *culture. adolescence. identity. school drama. literature.*

INTRODUÇÃO

Na busca pela compreensão da cultura em suas especificidades, escolheu-se como caminho de investigação as atividades culturais escolares, considerando que essas podem representar a visão que uma parte da sociedade tem do seu próprio meio, podendo tornar-se significativa na compreensão da cultura regional.

Há nove anos, esta autora iniciou experiência na prática de ensino da arte¹ com adolescentes do Ensino Médio e Técnico. Durante esse período, teve a oportunidade de participar da organização e realização de um projeto de teatro escolar,² cujos objetivos fundamentam-se nos conteúdos propostos pelas disciplinas da Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias³ e na integração desses por meio da Arte, da Literatura e da Língua Portuguesa, que orientam o processo de estudo teórico e prático da linguagem teatral e que possibilitam o exercício criativo da escrita e o aperfeiçoamento expressivo do aluno através de manifestações culturais.

Ao participar da realização desse projeto, pôde observar o quanto a linguagem teatral tornou-se significativa na vida dos alunos, envolvendo-os de forma ativa e responsável nos eventos culturais e nas propostas de estudos artísticos, criativos e expressivos.

A execução do projeto parte do estudo da linguagem teatral e resulta na realização de um festival de teatro, que acontece desde o primeiro ano de existência

¹ Professora Licenciada em Educação Artística e Especialista em Ensino da Arte atua como professora de Artes e Teatro no Centro Tecnológico– Cetec e no Departamento de Artes - Dear da Universidade de Caxias do Sul.

² O Cetec Festival: projeto que traduz a visão dos alunos sobre temas de interesse. Resultam de processo coletivo de criação e fortalecem os laços sociais e afetivos entre os jovens, por meio da discussão e reflexão de temas propostos pelos próprios alunos em consonância com os propósitos pedagógicos escolares. Realiza-se sempre no primeiro trimestre letivo.

³ Área de conhecimento que contempla as disciplinas que trabalham diretamente com a linguagem, instituída de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação (1996).

dessa escola,⁴ e ainda permanece como uma das principais propostas culturais da instituição. Nesse período, percebeu-se que, dentre o material arquivado sobre o evento, entre fotografias, programas, gravações em vídeo, estavam alguns dos textos teatrais produzidos pelos alunos ao longo desses anos. Começou-se a refletir sobre a importância desses textos como parte da história da escola e da expressão das idéias dos alunos em diferentes períodos, possivelmente ricos em significações pessoais e grupais, registros escritos da percepção do adolescente sobre o mundo em diferentes momentos, escritos com a inspiração das próprias vivências.

Envolvida com a tarefa de guardar esse material, sentiu a necessidade de reunir e organizar os textos, refletindo sobre a oportunidade de investigação e análise dos possíveis conteúdos e expressões que pudessem auxiliar o grupo docente na compreensão do pensamento e das percepções do adolescente em relação ao meio e à cultura.

Considerando o ambiente escolar como um dos espaços onde se realizam experiências culturais coletivas, acreditou-se que o registro das mesmas pudesse revelar aspectos significativos sobre as características e valores que identificam esses grupos. Esse espaço ainda pode privilegiar a construção, preservação ou transformação das identidades culturais, na medida em que, além de cumprir a sua missão de ensino e aprendizagem de diferentes conhecimentos, integra os alunos a um sistema que configura o consenso cultural, colocando-os em contato com os hábitos e pensamentos comuns de diferentes gerações. Nessa vertente, pode-se considerar que o acesso a produções culturais na adolescência acontece, em grande parte, por meio das vivências artísticas e literárias escolares. Os textos produzidos para a dramatização que compõem o *corpus* desta pesquisa foram escritos sob a inspiração de vivências e experiências culturais absorvidas até a adolescência e podem indicar alguns componentes da cultura valorizada pelo adolescente, revelando, por meio da linguagem teatral, elementos e expressões da cultura, sinalizados na escolha dos temas, na elaboração das falas, na representação de personagens, bem como nas diferentes situações propostas pelo roteiro teatral.

⁴ O Cetec foi fundado em março de 1995. O Cetec é uma escola de ensino médio e profissionalizante, mantida pela Fundação Universidade de Caxias do Sul. A escola segue uma diretriz filosófica e um currículo que se fundamenta na autonomia intelectual e ética, orientando, incentivando e apoiando os alunos por meio da concretização de um ensino qualificado.

Ao observarmos os assuntos sugeridos pelos grupos para a dramatização, percebemos que os mesmos se manifestaram em relação às suas vivências, ao seu meio familiar e social, à sua imaginação, às suas referências de leitura, à interferência da mídia. Aos poucos, esses textos começaram a ser percebidos como registro do pensamento coletivo do adolescente, exercendo uma função que foi além da representação teatral, do resultado de um processo de exercício das expressões artísticas, revelando algumas mudanças importantes nos aspectos sociais e culturais valorizados pelos adolescentes em diferentes períodos.

Assim, surgiram alguns questionamentos que nos motivaram a esta pesquisa: por que o aluno traz determinada preocupação? Por que determinados estereótipos da cultura regional estão sempre presentes? O que ele quer dizer a partir das cenas que apresenta e representa? Como interpreta o seu meio? Que influências literárias ele apresenta em seus textos? Seria interessante investigar essas produções escritas? Por quê? Por que é comum percebermos uma certa indiferença da sociedade em relação às manifestações artísticas e culturais realizadas na adolescência? Que contribuições à comunidade essa experiência escolar pode trazer? Qual é o papel do adolescente na cultura de uma região?

Essas e muitas outras questões foram fundamentais para o início deste estudo, principalmente o reconhecimento do que essas produções podem significar no contexto cultural local, mesmo em se tratando de um caso particular de ensino e aprendizagem da linguagem dramática.

Com esse “cenário” montado, foi preciso buscar elementos para a compreensão e análise das produções escritas, e foi necessário o aprofundamento das questões que envolviam a cultura e a identidade, bem como da relação entre o contexto educacional e a cultura. A definição desses termos, juntamente com a abordagem dos aspectos que envolvem a adolescência, a identidade, o lugar do teatro na escola, a produção do texto dramático foram fundamentais a esta pesquisa.

Paviani (1984) sinalizou a importância de observar a prática teatral escolar sob dois enfoques, como experiência humana e como atividade educativa. Ao deter-se na questão da experiência, enfatiza a importância de o teatro satisfazer algumas necessidades subjetivas do ser humano, possibilitando crescimento e

autoconhecimento através da imitação do outro, da expressão das emoções, do exercício da sensibilidade. Em contrapartida, a questão que coloca o teatro como prática educativa é lançada quando essa linguagem é utilizada com objetivos de superação das dificuldades existentes, sejam elas expressivas, corporais, ou até mesmo de definição de um problema proposto pelo grupo. Fica claro que, no processo educativo, todo o percurso é importante, desde as discussões iniciais até o momento da apresentação final. A valorização de cada função também se torna educativa na medida em que viabiliza a convivência com as diferenças, e envolve todos os membros em vistas da realização de um mesmo objetivo.

Através da observação do “que o texto diz, mas também do que não diz” (PAVIANI, 1984, p. 20), podemos considerar os textos escritos pelos adolescentes para o teatro escolar como uma referência do contexto em que estão inseridos, revelando idéias comuns de um determinado grupo, podendo apresentar também uma forma de diálogo com os seus espectadores, sua família e comunidade, cujo objetivo é a reflexão sobre as vivências e problemas reais mesclando-se com a fantasia, a imaginação proposta pelas histórias, que ainda segundo a autora, “justifica-se na medida em que ela permite dizer o real”. (PAVIANI, 1984, p. 21). A autora ainda argumenta

o palco, ou aquilo que transformamos em palco, é um lugar onde a vida continua e, ao mesmo tempo, um lugar de reflexão sobre a vida, mas não de modo puramente intelectual. É um modo de perceber o homem mergulhado em sua situação social e histórica, frente a frente com suas angústias e alegrias, frente a frente consigo mesmo e com os outros. (PAVIANI, 1984, p. 18).

Se o palco pode ser considerado esse “lugar onde a vida continua”, entendemos que essa vida ali representada pode significar um contexto em que traços da cultura são evidenciados por meio das representações teatrais que são encenadas nesse palco.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) legitimam a importância da prática teatral no ensino, configurando-a como um modo de construir conhecimento artístico e cultural. Assim, no contexto desta pesquisa, o texto dramático será considerado como resultado da produção, exercício e expressão das idéias que povoaram a mente de estudantes em diferentes momentos, representados criativamente por meio do teatro.

Considerando que no Brasil há uma certa carência de publicações na área específica das manifestações e produções culturais escolares realizadas durante a adolescência, acredita-se que os dados aqui mencionados poderão auxiliar também na fundamentação de uma metodologia específica para o estudo da produção cultural realizada pelos adolescentes em período escolar. Nesse sentido, dentre as teorias sobre o desenvolvimento cognitivo e cultural durante a fase escolar, considera-se a idéia proposta por Gardner (1994, p. 22-23), que enfatiza a flexibilidade dos períodos de aprendizagem dentro do sistema educativo, tornando-se fator importante a ser observado nas trajetórias do desenvolvimento humano no interior de uma cultura.

Ao se considerar que o contexto escolar está inserido no contexto maior da cultura, encontra-se em Geertz (1989) uma possibilidade de entender e analisar a cultura como um sistema repleto de códigos e símbolos partilhados pelo mesmo grupo social, no qual freqüentemente existe a necessidade de reflexão e interpretação sobre as práticas dos indivíduos, considerando que a cultura transforma-se permanentemente. Essa definição permite que consideremos as possibilidades de o indivíduo encontrar, nas produções e manifestações culturais, alguns dos recursos para a apropriação e compreensão desses “códigos e símbolos” pertencentes à cultura, tornando-se parte dela.

O ato de escrever, criar um roteiro e encenar a fala escrita possibilita ao jovem um momento de reflexão sobre suas vivências e um diálogo interessante com autores que muitas vezes inspiram as criações ou adaptações cênicas. Nos textos dramáticos, diferentes personagens são imaginados e descritos para serem interpretados, e, nesse processo, a elaboração das cenas propostas pelo aluno/autor possibilita uma organização do pensamento real em função da história proposta. Então, considerando esse projeto como resultado de experiência de teatro na escola, e, compreendendo os fundamentos pedagógicos, teatrais e literários necessários à sua concretização,

entendemos ser possível estabelecer algumas relações dessa produção com as questões de aspecto cultural e regional, considerando que essa produção veicula pensamentos, sentimentos, modos de ver o mundo de um modo característico de um segmento localizado espacial e historicamente.

Assim, a pesquisa coletou e analisou uma amostra desses textos produzidos, com o objetivo de encontrar, nos conteúdos propostos, elementos sinalizadores dos valores culturais neste grupo específico, bem como verificar quais as possibilidades de a prática teatral educativa contribuir para a promoção e desenvolvimento cognitivo, cultural, literário, afetivo e social do jovem, valorizando a presença desse grupo e de suas manifestações culturais.

A partir desse objetivo, levantou-se as seguintes questões: a participação do aluno na criação e produção teatral pode auxiliar no estímulo à leitura e produção textual escolar? Como aproveitar essa linguagem para organizar percursos significativos de valorização cultural e literária? Se, se analisar as produções teatrais escritas em diferentes períodos (por exemplo, das mais antigas às mais recentes), serão encontradas diferenças na manifestação dos valores culturais?

As hipóteses levantadas são: a) os textos dramáticos produzidos em contexto escolar apresentam conteúdos que caracterizam e valorizam a cultura regional; b) o adolescente traduz o contexto cultural na produção teatral, manifestando sua condição cognitiva e criativa, evidenciando transformações em âmbito social, econômico, científico e tecnológico; c) a produção teatral – escrita e encenada – estimula a manifestação e valorização literária, complementando a formação cultural do jovem e interferindo positivamente no seu desenvolvimento cognitivo.

Na tentativa de responder a essas indagações ou não, será necessário analisar e interpretar o conteúdo dos textos, a fim de identificar os aspectos/valores culturais presentes nessa produção e verificar de que forma a mesma promove o desenvolvimento cognitivo, cultural, afetivo e social do jovem.

No primeiro capítulo, tratar-se-á da cultura no contexto contemporâneo, evidenciando a abordagem de diferentes autores que se debruçaram sobre a temática cultural. Também relacionaremos a cultura a outros fatores importantes no contexto desta pesquisa, tais como a relação da identidade e do imaginário com a cultura.

O segundo capítulo aborda as relações entre a cultura, a educação e o teatro escolar, direcionando para o segmento da adolescência, grupo foco das nossas observações neste estudo. O terceiro e quarto capítulos referem-se aos procedimentos metodológicos da pesquisa, a análise e à conclusão dos aspectos culturais presentes nos textos dramáticos escolares. Considerando a amplitude das definições sobre a adolescência, cultura, identidade, produção literária e teatral, é importante esclarecer que a fundamentação teórica foi realizada de acordo com os limites de nossas preocupações específicas, sem que penetrássemos em áreas além do nosso propósito imediato, embora sejam evidentemente relacionadas a ele.

Este estudo vinculou-se à linha de pesquisa Literatura e Cultura Regional, que se propõe a investigar as identidades regionais e suas expressões e poderá contribuir para a compreensão e ampliação das possibilidades culturais e literárias no contexto de ensino, estimulando outras formas de produção artística que integrem atividades de leitura e escrita criativa.

1 ESTUDOS SOBRE A CULTURA E IDENTIDADE

Este capítulo pretende discutir questões relativas ao entendimento de cultura, inter-relacionando o posicionamento de diferentes autores sobre esse conceito, situando-o do ponto de vista de suas relações com a questão da produção cultural na adolescência, estreitando o campo pela escolha dos aspectos que nos interessam diretamente neste trabalho. Primeiramente, será abordado o conceito de cultura no contexto contemporâneo; posteriormente, será realizada a conexão entre cultura, identidade e adolescência, conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.1 A cultura no contexto contemporâneo

Conhecer o conceito de cultura é fundamental para compreendermos diferentes problemas apresentados pelas ciências humanas. O termo cultura apresenta variadas definições, enfocando aspectos que caracterizam desde usos e costumes, práticas folclóricas, manifestações artísticas, nível de escolaridade, modo de vida material, intelectual e espiritual de cada sociedade, bem como atitudes, instituições e valores.

Segundo Werneck (2003, p. 15), a cultura compreende a “ação de instruir para o estado de espírito cultivado pela instrução”, constituindo um conjunto de obras e ações humanas que expressam a relação que os homens estabelecem entre si e com a natureza enquanto espaço e tempo, passando a designar não apenas as características

ou a produção da humanidade, mas o conjunto das peculiaridades dos diferentes povos que os distingue entre si, em que tudo o que é cultural é humano e vive-versa.

Sob um enfoque filosófico, a cultura é apresentada como o produto das ações que agregam valor ao ser humano. Nesse sentido, Gobry (1975, p. 473) afirma que “a cultura é a instauração do valor espiritual no concreto. Os dois termos, espiritual e concreto, são indispensáveis à sua definição [...] cultura é o testemunho sensível da espiritualidade do homem”. Entende-se que essa afirmação expõe um sentido da cultura que ocorre pela incorporação de valores materiais e imateriais, que a antropologia define como um processo resultante do conhecimento e da prática científica humana, compondo um todo organizado e particularizado.

De acordo com Geertz (1989, p. 4), a cultura é entendida como uma rede de significados que o homem tece durante a sua existência, e o autor ainda sugere que, cada sociedade, ao tecer a sua “rede”, a faz de forma particularizada, de acordo com um determinado número de traços culturais específicos, que irão gerar os aspectos da identidade. Nessa perspectiva, para o entendimento da cultura torna-se importante considerar todos os grupos de uma sociedade, inclusive o escolar, pois ali podem estar guardados elementos que definem sua identidade por meio dos conteúdos simbólicos, e que resgatam, nesses indivíduos, seus valores em direção às suas particularidades. Em tal contexto, os fenômenos culturais poderão oferecer muitos dos elementos para a construção dessa “rede” cultural.

Journet (2002, p. 36), considera a cultura como “um conjunto de fenômenos visualizados por seu valor simbólico, ou de normas que orientam a ação, tornando-se objeto de uma transmissão e constituindo um conjunto mais ou menos coerente, e por isso suscetível de permanecer”. Esse conjunto de fenômenos compõe o universo das regras, leis, costumes, tradições e práticas, formado pelos valores comumente aceitos pela maioria dos membros de um grupo. As particularidades desse universo em meio à determinada realidade social caracteriza as identidades locais. Em relação às individualidades que podem caracterizar esses aspectos de identidade, Ostrower (1984) afirma que

todo o indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam nos próprios valores de vida. No indivíduo, confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade, que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura. (p. 5).

Essas concepções explicam a cultura e subsidiam a sua análise a partir da observação das suas especificidades. Nesse sentido, vale considerar ainda o posicionamento de Santaella (2003, p. 43), que apresenta os “traços de cultura”, compostos por “elementos mínimos ou unidades de costumes”, como fundamentais para a análise da cultura em grupos específicos, formados pelas idéias, ações e fatos comuns e que normalmente atendem a necessidades humanas desse grupo. No seu entender, a cultura tende a ser padronizada, pois

ela envolve a repetição de comportamentos similares aprovados pelo grupo, de modo que ela tem uma forma e estrutura reconhecível. Se os indivíduos ajustam seu comportamento através do tempo de acordo com o padrão aprovado, a cultura permanece estável. Além disso, subjacente a todas as culturas, há padrões gerais ou universais que se expressam em categorias tais como atividade econômica, religião, arte e linguagem (SANTAELLA, 2003, p. 44).

No contexto atual, essa questão sobre padronização cultural remete para a reflexão sobre “padrões gerais ou universais” das culturas que estão presentes nas manifestações e nos produtos culturais, aprovados pelo grupo. Na adolescência, podemos observar a incorporação dessas ações culturais padronizadas, como cita a autora, pela “repetição de comportamentos similares aprovados pelo grupo” presenciados também na manifestação das linguagens artísticas e literárias escolares. Esses comportamentos compõem os traços da identidade, que pretendemos reconhecer por meio do texto dramático como sinalizador das vivências culturais do adolescente.

De acordo com o relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (CUÉLLAR, 1997),

as artes fornecem inspiração para sua própria proteção e renovação e podem contribuir positivamente de várias maneiras para isso. A expressão cultural no nível local ou “de base” tem sido utilizada por agentes de desenvolvimento em seus esforços de fortalecimento da identidade de grupo e da organização social e comunitária; de produção de energia cultural; de superação de sentimentos de inferioridade e alienação; de educação e conscientização; de promoção da criatividade e da inovação; de estímulo ao discurso democrático e à mediação social; de auxílio ao desafio da existência de diferenças culturais; e de ingresso direto no sistema econômico pela produção de bens culturais. (p. 109).

Nesse sentido, o relatório ainda complementa que as produções culturais oferecem a oportunidade de descoberta de novos sentidos e novos valores pelos grupos, influenciando o futuro “pela prática e pela expressão de sua criatividade na dança, na música, no teatro e na tradição oral”, tornando-se positiva quando trabalhada por grupos interessados no “reforço da identidade cultural e da criatividade”. (CUÉLLAR, 1997, p. 109).

A formação da identidade e o estímulo à criatividade são abordados pelas manifestações artísticas escolares, integradas a situações que relatam o crescimento pessoal e as mudanças sociais ou culturais com as quais o jovem convive. Nesse sentido, é importante entendermos o lugar da identidade na cultura, que, segundo Erikson (1987, p. 21), é definida, na adolescência, “por um processo de desenvolvimento e mudanças contínuas”.

1.2 Cultura e identidade

O conceito de identidade incorpora-se ao conceito de cultura por diferentes caminhos e possibilidades. Um deles é através de indivíduos comprometidos com suas práticas e valores, preocupados em oferecer sentido ao mundo, sem precisarem estar presentes.

A identidade é entendida por Castells (1999, p. 22) como “um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. Esse “conjunto de atributos culturais inter-relacionados” pode representar traços das etnias que caracterizam a identidade. Essas identidades formam bases organizadoras de sentidos e de cultura, e, segundo o mesmo autor, provém de três formas de origem e construção das identidades em seus mecanismos de organização e ação comum na sociedade.

A primeira delas caracteriza *uma identidade legitimadora*, que pode ser introduzida pelas instituições dominantes da sociedade com o objetivo de expandir e racionalizar sua dominação em relação à sociedade. A segunda destaca-se como *identidade de resistência*, criada por grupos que se encontram em posições e condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, tendo o objetivo de sobrevivência com bases diferentes das que estão presentes na sociedade. A última propõe a *identidade de projeto*, que acontece quando a sociedade busca transformar a estrutura social vigente através da ação de um determinado grupo social.

Por meio dessas definições, o autor propõe a compreensão da identidade como uma essência gerada por meio de elementos que compõem espaços internos e externos, valores e traços de uma unidade e de vínculos de pertencimento, como algo que todos partilham, relacionados aos valores considerados em cada cultura.

Hall (1995, p. 10 - 11), também apresenta a identidade numa concepção formada a partir de um “núcleo interior” relacionado à outros núcleos “significativos”, que medeia o sujeito pela cultura, composta de “valores, significados e símbolos”. O mesmo autor observa que a projeção pessoal nas identidades culturais auxilia o indivíduo a “alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”.

A formação da identidade a partir dos aspectos socioculturais envolve as diferentes relações entre o homem e a natureza, e nesse caso, o conceito de região torna-se fundamental para a definição das identidades regionais nas diversas áreas de investigação. Segundo Pozenato (2001),

região é uma divisão do mundo social estabelecida por uma ato de vontade [...] sem deixar de ser um espaço “natural”, com fronteiras “naturais”, é, antes de tudo, um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, dentre as quais as de diferentes ciências. (p. 585-586).

Esse “espaço construído” torna-se fundamental na questão da identidade, que pode ser marcada pela passagem de fenômenos particularizados, regionais, em que a cultura torna-se capaz de ser cultivada de acordo com o espaço disponível, seja ele real ou simbólico. Ainda segundo Pozenato (2001), a identidade de uma região é composta pela ocupação do tempo e pelas formas de agir, considerado também parte de um contexto nacional ou universal e adaptado à realidade de determinados grupos.

A definição da identidade cultural de uma região é estabelecida pelas ações comuns do homem, e Paviani (2004, p. 74) sugere que também as ações formem o conjunto dos aspectos que expressam as relações de convivência, hábitos, costumes e modos de produção (trabalho) que são objetivados através da fala, das idéias e dos pensamentos expressos na linguagem do grupo. O autor afirma que

a cultura é a presença humana efetivada no espaço social e na história. O ser humano adquire consciência de si mesmo ao dar-se conta de sua “criação cultural”, ao compreender seu “estar” no mundo com os outros e as coisas. Portanto, os aspectos fundamentais que constituem o processo cultural são: o criar, o produzir algo, o compreender e o atribuir sentido, significado ao produzido. (PAVIANI, 2004, p. 75).

Esse apontamento apresenta muito do que se refere à caracterização dos aspectos da identidade no contexto da cultura, na medida em que o autor expressa que “o ser humano adquire consciência de si” por meio das “criações culturais”. A identidade na cultura também será influenciada pelo contexto, pelas crenças comuns, hábitos, língua e relações étnicas estabelecidas socialmente. Nesse sentido, os aspectos de identidade têm auxiliado na compreensão da cultura, e são encontrados por meio da análise de contextos falados ou escritos (discursivos), como em poesias, canções, mitos, provérbios e lendas populares, entre outros. O conceito de tradição também se torna significativo nos *processos culturais*⁵ por caracterizar aquilo que escolhemos como referência para a nossa identidade. Ao compreendermos o pensamento e as ações que o indivíduo tem de si mesmo e com as coisas, é uma maneira de leitura da cultura, em que a identificação do mundo e das relações humanas com o seu meio permite uma interpretação e significação, caracterizando a cultura como uma forma de conhecimento.

A linguagem teatral escolar faz parte de um sistema que utiliza a dramatização como forma de representação, organizada através de seus elementos significativos de prática social e cultural, abordando temas que traduzem dimensões espaciais e temporais. Cada geração veicula aspectos da sua cultura através de narrativas particulares, utilizando, para esse fim, diferentes linguagens. Os textos teatrais produzidos em ambiente escolar podem ser considerados fontes de representação

⁵ Termo citado por Pozenato, no livro: *Processos culturais* (2003), relacionado aos procedimentos, às etapas, à dinâmica, que envolvem os diferentes aspectos da cultura.

cultural, em que o adolescente traduz sua identidade num “espaço e tempo simbólicos” (HALL, 1995, p. 54), que o interligam a um espaço maior, o da cultura à qual pertence.

Considerando a ligação entre a identidade e os sistemas de representação, vale observar de que forma essas identidades são localizadas e representadas em cada grupo social. No contexto cultural contemporâneo, as fronteiras entre os povos são rompidas, originando novas características “temporais e espaciais” (HALL, 2001, p. 66 - 69), e em muitos casos, “as identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização”. Nesse caso, é importante considerar o fenômeno de “homogeneização cultural”, no qual o autor esclarece que

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente [...] as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional, ou moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas”. (p. 75).

Na adolescência, percebe-se a influência direta desse “mercado global de estilos” na expressão das identidades, em que as “diferenças e distinções culturais” são reveladas por meio do pensamento e das manifestações artísticas. Se a cultura é formada pela produção de sentidos influenciados pelo campo econômico, social, científico, tecnológico e educacional, estes também terão papel fundamental na definição das identidades na adolescência, caracterizando o modo de vida e desenvolvimento cotidiano e também o mundo simbólico a partir da linguagem.

1.2.1 A adolescência no contexto da cultura e da identidade

A adolescência é uma fase construtiva do desenvolvimento humano que adquiriu maior relevância a partir das últimas décadas, estabelecendo a transição entre a infância e a idade adulta, fase do desenvolvimento em que a criança se reconhece inserida na estrutura social, econômica e cultural principalmente pela participação em movimentos que têm como centro a escola e a comunidade.

Estamos habituados a pensar no adolescente numa perspectiva etária, uma fase em que o ser está em formação, sem considerar a importância de observar atentamente esse grupo considerando e valorizando as suas especificidades. De acordo com Perrotti (1990, p. 12), “a criança⁶ é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele”. Observando tal afirmação, entendemos a importância de considerar o grupo escolar, mais especificamente o adolescente, nesta pesquisa, como um grupo imerso e influenciado pela história, por características variáveis em diferentes contextos, inserida no ambiente sócio-cultural.

Outeiral (1994, p. 5), define a adolescência como “um fenômeno psicológico e social” que pode apresentar diferentes características de acordo com o ambiente em que o adolescente se desenvolve. Segundo Levisky (1998, p. 87), a adolescência é marcada por características em que a expressividade e as manifestações comportamentais são fatores que auxiliam na adaptação social e cultural na qual o processo se desenvolve.

Uma das características da adolescência é a de que o jovem necessita reconhecer um corpo físico em transformação e integrar-se a um novo mundo, o do adulto, que lhe apresenta diferentes possibilidades culturais as quais contribuirão para que o mesmo se identifique com o seu meio e sinta-se parte dele. O desejo de tornar-se

⁶ Considerou-se que o termo *criança*, citado pelo autor abrange também a fase adolescente.

independente faz com que o jovem organize sua identidade a partir das particularidades externas, com a família, com o seu grupo, com a sua cultura. Muitas vezes, os valores culturais e sociais são negados inicialmente para que depois sejam aceitos e identificados como parte importante do seu desenvolvimento.

A estruturação da identidade é uma das questões essenciais na adolescência, e esse processo é constituído por meio das relações familiares, escolares, com a comunidade, com a sua cultura. Nesse processo, vale considerar quais são os padrões, os modelos culturais disponíveis para que essa identificação aconteça.

De acordo com Wagner (2004),

a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificação com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais, tanto quanto comunitários). (p. 161).

Quanto a esses fatores, citados pela autora, observamos que freqüentemente o adolescente se articula em torno de identidades transitórias, como as que surgem e se desenvolvem em espaços periféricos da sociedade, ou em torno de identidades influenciadas pela mídia. Freqüentemente essas identidades sofrem influência das crises econômicas, políticas e sociais que elevam seriamente o grau de incerteza do ser jovem em transição para o mundo adulto. Há também a necessidade de transformar diferentes espaços funcionais da cidade em território próprio, elaborando identidades que os diferenciam dos outros jovens e do mundo adulto, conferindo-lhe uma identidade assumida em grupo.

As características individuais assumidas pelo grupo podem ser adquiridas por meio de identidades particulares aceitas coletivamente, como por exemplo, grupos de *skatistas*, torcedores de times, tradicionalistas, dentre outros. Ao assumir para si a identidade do outro e ao expô-la publicamente, a necessidade sociológica da presença do outro é reforçada para que o grupo possa existir e se manter. Nesse sentido, o adolescente sente a necessidade de expor “suas marcas”, para tanto, cria um estilo

próprio, utiliza acessórios que funcionam como facilitadores da sua aceitação e integração com seus iguais.

A manifestação desses aspectos materiais e simbólicos de identidade durante a adolescência possibilita identificar certa força cultural, em que uma movimentação é realizada na busca e construção de um espaço próprio, inserido num contexto maior, que muitas vezes não valoriza a presença desse grupo. A escola pode ser considerada um dos espaços onde o adolescente encontra lugar para refletir sobre a cultura, expor suas idéias e ser valorizado por isso, encontrando nas manifestações culturais e artísticas, um espaço para dialogar com a sociedade.

No âmbito das transformações físicas e emocionais, a adolescência é, cognitivamente, uma fase em que a criatividade aflora, em que as possibilidades exercitadas pelo pensamento conferem ao jovem uma nova relação com o mundo adulto. O jovem está em crescimento, estimulado a estudar, ler e descobrir o mundo, sentindo uma necessidade emergente de expor e discutir suas idéias.

Ao analisar aspectos da adolescência e suas relações com os processos de leitura e realidade cultural, Zinani e Santos (2002, p. 19) evidenciam que o desenvolvimento cognitivo nesse período privilegia a evolução dos mecanismos intelectuais que possibilitam ao adolescente a libertação do modo de pensar limitado. É uma fase de aprimoramento mental em que o jovem aprende a formular hipóteses e deduções críticas, a fim de resolver seus conflitos.

Sendo a adolescência uma fase envolvida pelas relações de vida familiar, escolar, social, bem como pelas diferentes formas de entretenimento cultural que preenchem o tempo de lazer do jovem, pode-se observar que tal período é determinado e limitado por uma série de fatores que constituem a rede de relações na qual esse adolescente está imerso e que influencia sua maneira de falar, pensar, agir e situar-se ante a outros grupos sociais, caracterizando seu modo de perceber e inserir-se na cultura.

Segundo Aberastury (1983, p. 28), o adolescente “leva, além do selo individual, o selo do meio cultural, social e histórico, a partir do qual se manifesta, e o mundo atual nos exige mais do que nunca a busca do exercício da liberdade sem recorrer à violência para coartá-la”. Nesse sentido, a autora destaca a necessidade de o

adolescente sair da infância e “entrar no mundo adulto”, vivendo nessa transição, uma crise comportamental que o leva a redescobrir-se por meio da mudança de seu corpo e de seus pensamentos, que lhe permitirá o acesso ao mundo adulto. É durante esse processo que a autora considera que as ações de “fuga do mundo” para “um refúgio na vida da fantasia, no mundo interno” (ABERASTURY, p. 227 - 229) são fundamentais para a maturidade biológica, afetiva e intelectual, cujas conseqüências são de trânsito saudável no mundo adulto.

Essa transição da infância para a idade adulta apresenta modos característicos de pensar, sentir, imaginar, atuar e construir histórias que destacam a adolescência como uma fase em que o jovem aprende a se relacionar com o seu próprio passado ao mesmo tempo em que necessita ter em vista suas metas futuras. Nesse sentido, concordamos com Ferreira (1995), quando afirma que

os modos adolescentes, se transmitem de uma geração a outra, pois são os portadores da renovação cultural. Os adolescentes constituem os elos a unir os ciclos de geração e regeneração, que vinculam os destinos do indivíduo aos destinos da espécie. Na busca da identidade, o adolescente utiliza todas as energias do passado para construir as dimensões culturais do futuro. (p. 130).

Essa tentativa de *renovação cultural* pode ser observada no contexto escolar quando há espaço para que ela seja manifestada pelo jovem, principalmente por meio das produções artísticas, que revelam as transformações culturais. Pozenato (2003, p. 29), ao abordar a questão da dinâmica cultural também sinaliza a importância de considerarmos o caráter mutante da cultura, destacando a importância de considerarmos os significados adquiridos no decorrer da história e a “correspondência a esses novos significados criados culturalmente”. O autor ainda destaca que as mudanças culturais se manifestam também por meio de fatores que respeitam, determinam, modificam a identidade de uma cultura, sem destruir o significado cultural nem a identidade.

Nesse viés, a linguagem teatral escolar possibilita ao jovem refletir sobre as interferências do meio cultural no seu desenvolvimento, revelando, por meio do teatro,

os temas que interessam ou preocupam os jovens, muitos desses interligados aos aspectos físicos, emocionais, sociais, que fazem parte das preocupações dessa fase.

1.3 O adolescente e a produção cultural

As reflexões sobre a adolescência e seu universo cultural situam sempre o jovem em condição passiva diante de sua cultura, como se fosse possível apenas receber e nunca produzir a cultura. Nesse cenário, é importante destacarmos a adolescência também fase portadora de uma cultura própria, mutante, definida pelos grupos e possuidora de valor e significado, pois define os indivíduos perante a sociedade. É na adolescência que o jovem toma conhecimento do mundo e organiza este mundo em função do seu eu, da sua identidade.

Perrotti (1990) afirma que é como produtor de cultura que somos definidos pela sociedade capitalista, em que

são as leis da mercadoria que tentam fixar nosso valor e papel enquanto seres humanos. E as leis do sistema consideram-nos apenas enquanto produtores de mercadorias, enquanto força de trabalho. Nossa capacidade de produção é o que nos configuraria. É essa capacidade, essa força, essa energia que, alienada, possibilita a acumulação capitalista, a reprodução de capital, que, em uma palavra, possibilita o funcionamento da máquina capitalista. (p. 18).

Essa questão é tratada como o resultado de uma situação histórica, em que o tempo humano é particularizado e dividido em etapas. Perrotti (1990, p. 25 - 26) ainda observa que muitas das produções culturais destinadas à infância e adolescência têm o caráter de substituírem, preencherem lacunas existentes nas relações sociais, políticas, afetivas, espaciais, das possibilidades que lhes são negadas no plano real. Ao mesmo

tempo, sinaliza a importância da própria produção cultural desses grupos como possibilidades culturais lúdicas,⁷ em que o autor afirma:

a criança cria a si e ao mundo, forma sua personalidade, humaniza-se de modo muito menos repressivo que em grupos controlados por adultos, experimenta um convívio social rico, exerce funções as mais diversas, lidera, obedece a regras traçadas pelo próprio grupo. Nesses grupos a criança vive e aprende a viver, briga, ama, constrói-se de forma descompromissada, natural, sem maiores ingerências ou, ainda, filtrando somente as ingerências necessárias ao grupo, porque o grupo é forte, permite-lhe sentir-se forte para não aceitar qualquer imposição externa. Nesses grupos a criança experimenta a fala do poeta: “a vida é a arte do encontro...” (PERROTTI, 1990, p. 25).

Por isso, acreditamos que a forma lúdica como ocorre o contato aos aspectos de identidade e de memória viabilizado pela linguagem teatral, justifica a produção cultural na adolescência, fase em que o jovem pode alargar os referenciais simbólicos da sua cultura. A criação escrita e prática do teatro é um caminho para a manifestação e produção cultural, possibilitando que o estudante se veja como um ser social vivendo em coletividade, co-responsável pelas discussões e transformações de sua realidade e pelo contexto em que está inserido.

Aguiar e Bordini (1993, p. 19 - 20), identificam a adolescência como uma fase de interesse pela leitura caracterizada pelo “conhecimento da própria personalidade e o desenvolvimento dos processos agressivos que ativam a vivência social e a formação de grupos” em que “os interesses de leitura preenchem as necessidades do estudante através de enredos sensacionalistas, histórias vividas por gangues, personagens diabólicos, histórias sentimentais”. O adolescente encontra-se em uma fase de descobertas “do mundo interior e do mundo dos valores”, e parte para a hierarquização de diferentes conceitos, bem como a organização de seu universo. “Aventuras de conteúdo intelectual, viagens, romances históricos e biográficos, histórias de amor, literatura engajada e temas relacionados com os interesses vocacionais vão ajudá-lo a orientar-se e estruturar-se como adulto”.(AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 20). É em grupo,

⁷ A linguagem teatral é considerada por vários autores como uma possibilidade lúdica de lidar com as situações reais.

pela comunicação e expressão humana por meio de diferentes linguagens que o indivíduo se certifica de seu conhecimento do mundo e dos outros homens, assim como de si mesmo participando das transformações em todas essas esferas.

Os jovens, ao registrar em código escrito uma linguagem a ser falada no teatro, compõem um texto que passa a conservar a expressão de parte do conteúdo da consciência adolescente individual e social. A análise de textos deste tipo implica na tentativa de deciframos estes textos, estabelecendo ligações aos aspectos socioculturais, localizados num tempo e espaço que nos ajuda a tecer informações sobre o mundo e seus vínculos com os estudantes.

Segundo Aguiar e Bordini (1993),

todas as pessoas, desde a infância, são leitoras em formação, uma vez que estão constantemente atribuindo sentidos às mais diversas manifestações da natureza e da cultura[...] A cultura “abrange todas as transformações que o homem opera na natureza, o que obriga reconhecer que qualquer grupo humano possui objetos culturais que podem ser lidos de forma válida. Não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes, segundo as experiências dos homens que as produzem. (p. 11).

De acordo com essa concepção, o texto escrito, produzido na escola pode ser considerado como uma produção da cultura adolescente, já que o jovem passa por um processo de incorporação de novos sentidos às coisas e ao mundo. A palavra escrita e posteriormente representada permite um diálogo com diferentes personagens, que leva o jovem a imaginar e também assumir novos compromissos, bem como refletir sobre as decisões em relação ao seu futuro. O acesso às produções culturais feitas para o jovem, ou neste caso, pelo jovem, manifesta as idéias comuns de um grupo, compondo um conjunto de referências da imaginação coletiva, que alguns autores definem como imaginário, termo que será definido na seção a seguir.

1.4 Cultura e imaginário

O fenômeno cultural, segundo Werneck (2003, p. 30), se origina por meio do “imaginário”, proveniente do “conhecimento obtido pela razão e pela sensibilidade, mediatizado pela ação da vontade”. O termo *imaginário*, de acordo com Barbier (1994),

tem significados diferentes para cada um de nós. Para uns, o imaginário é tudo o que existe, uma espécie de mundo oposto à realidade dura e concreta. Para outros, o imaginário é uma produção de devaneios de imagens fantásticas que permitem a evasão para longe das preocupações cotidianas. Alguns representam o imaginário como uma força criadora radical, própria à imaginação humana. Outros o vêem apenas como manifestação de um engodo fundamental para a constituição identitária do indivíduo. (p. 15).

Esses significados particulares possibilitam que o imaginário possa ser considerado também como uma parte do conhecimento que leva o sujeito a interpretar a realidade segundo seu ponto de vista e que determinará o processo de criação e adoção de símbolos que se tornarão culturais. Assim, imaginário e simbólico se inter-relacionam por meio da cultura humana.

Morin (1981) também enfatiza que o imaginário está presente na construção do conhecimento. Na infância e adolescência, a família incorpora ao sujeito a sua visão dos fatos, influenciando a sua forma de ver o mundo, compondo características sociais pelo conjunto de significações que lhe conferem identidade e unidade. Para o autor, o imaginário social constitui uma rede de interpretações manifestadas por conceitos, mitos, tradições, usos, produções folclóricas e artísticas que podem direcionar os processos culturais, manifestados no plano sociohistórico por meio dos sistemas simbólicos instituídos. O imaginário individual responde pelas inovações, pelas mudanças na cultura, enquanto o imaginário social mantém as tradições, os usos e costumes da coletividade.

Essa questão nos permite afirmar que o indivíduo sofre a influência do meio cultural, incorporando o imaginário social da comunidade em que passou os primeiros anos de sua vida, recebendo uma visão do mundo que lhe confere uma determinada leitura, norteadas pelos valores considerados pelo seu meio, que interferirão no processo individual e coletivo de manifestação, valorização e produção cultural.

Na visão de Arendt (2004, p. 112), o imaginário é resultado “de um vasto conjunto de experiências coletivas e individuais de uma sociedade”, que “ultrapassa a materialidade dos bens culturais”. Nesse sentido, o imaginário origina a expressão espontânea subjetiva (imaterial), que fundamenta algumas ações da sociedade, importantes na compreensão da cultura. O imaginário, ao ser considerado no contexto social por Baczkó (1991, p. 9), fundamenta-se também como uma possibilidade de representação do pensamento coletivo, das “ideas-imágenes de la sociedad global y de todo lo que tiene que ver con ella”.

A questão do imaginário também permeia as idéias que envolvem o processo educacional. Segundo o relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (CUÉLLAR, 1997),

a educação, concebida como ação integrada com o objetivo de transmitir conhecimentos e valores, formar capacidades técnicas, treinar e aprimorar as pessoas em todos os aspectos e por toda a vida, não pode estar dissociada nem da cultura – da qual a educação é o meio por excelência de difusão e renovação – nem do desenvolvimento – do qual é um fator da maior importância. (p.217).

Nas questões culturais escolares, o respeito às diferentes culturas é evidenciado nos objetivos de ensino, que, reformulados nas últimas décadas para adequar-se ao perfil dos alunos e professores, apresentam uma preocupação maior em relação às necessidades culturais estudantis. O imaginário é revelado na escola por meio das ações e produções culturais, em que as idéias conferem um sentido, ou não, às questões da identidade e diversidade culturais na sua vida.

Nessa direção, valorizar as manifestações culturais dos adolescentes pressupõe que seu imaginário, representado pelo texto dramático, tenham um espaço adequado.

As diferentes instituições deveriam reconhecer e incentivar explicitamente a criatividade e a capacidade que têm os adolescentes de contribuir para o desenvolvimento cultural e representação do seu imaginário. Ainda segundo Cuéllar (1997),

é importante identificar novas potencialidades do jovem. Os jovens são recipiendários, consumidores e beneficiários de novas tecnologias e de novos meios de comunicação – transmissão por satélite, CDs, CD-ROMs, vídeos, computadores e redes eletrônicas. São também veículos privilegiados dessas inovações, a fonte mais poderosa de inspiração de sua constante evolução, e os criadores de novas formas de expressão na mídia. Ao se apropriar dessas inovações para realizar seus próprios objetivos culturais, os jovens lhes dão um sentido útil para sua geração. (p. 209-210).

O imaginário adolescente pode contribuir para o desenvolvimento cultural da sociedade, e, nesse contexto, é importante avaliarmos de que maneira as influências externas (meios de comunicação, literatura, mídia, etc.) também contribuem para o entendimento das informações e valores difundidos no imaginário social, no qual o jovem se insere.

A produção teatral auxilia a retirar o jovem do seu isolamento cultural, na medida em que possibilita que o mesmo escreva suas histórias e busque, além das suas vivências na literatura, a inspiração para suas criações. O imaginário pode ser privilegiado pela variedade de contextos informais que possibilitem a interação entre comunicação e expressão criativa, entre liberdade e autodisciplina, onde a produção teatral aliada às disciplinas da linguagem, como a literatura e a produção escrita dos textos, pode ser útil para a identificação do adolescente com a sua cultura e sociedade.

Assim, as relações entre o homem e a natureza, entre os universos da cultura material e imaterial, entre o real e o imaginário, contribuem para o desenvolvimento da cultura vivenciada na escola.

2 O TEATRO ESCOLAR COMO EXPRESSÃO DA CULTURA

As mudanças culturais que ocorrem na maioria dos grupos sociais influenciam direta ou indiretamente o processo educativo que se instaura. Mudanças sociais podem ser percebidas, na maioria das vezes, pela valorização ou desvalorização de alguns aspectos culturais, determinados pelas sociedades em cada período. Neste capítulo, serão abordadas as relações entre escola e cultura, incluindo considerações sobre o papel do teatro na escola como recurso às manifestações literárias e culturais.

2.1 A escola e a cultura

O contexto escolar contemporâneo convive com os problemas gerados pela crise de valores e mudanças axiológicas que devem ser considerados quando se estuda a questão da cultura na educação. Outeiral (1994) observa que

as escolas são instituições com “culturas” diferentes e têm significados diferentes para diferentes alunos. A escola, a sala de aula, é um lugar “imaginário”, diferente do espaço real de cadeiras, classes e salas. Ela é o que o aluno percebe a partir da sua história, seus desejos, seus medos. (p. 36).

Nesse sentido, devemos considerar que o processo educativo escolar possui vínculos com determinados valores culturais, ainda que isso ocorra de forma implícita. Percebemos, então, que alguns componentes culturais simbolizados pela comunidade

são encontrados nas manifestações culturais artísticas e literárias escolares. É na escola que o jovem aprende a lidar com a expressão e comunicação das suas idéias coletivas, que constituem o seu contexto cultural. Por meio dos estudos, o aluno toma conhecimento das referências locais e universais, compreendendo o ambiente em que está inserido e conhecendo culturas diferentes da sua.

O estímulo aos processos criativos no indivíduo pode ser um caminho para o desenvolvimento de propostas educativas e culturais. Por esse motivo, as pesquisas educacionais transformaram os objetivos de ensino visando ao acesso à cultura, bem como à valorização da mesma nos diferentes grupos sociais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares da Educação Brasileira (BRASIL, 1999, p. 99), o Ensino das Artes no Ensino Médio propõe o acesso e a valorização da cultura por meio de vários fatores: leitura, participação em eventos, acesso ao patrimônio histórico, entre outras atividades que permitem o exercício da sensibilidade, da percepção, da imaginação, tanto no fato de realizar as formas de produção artística quanto na ação de apreciar e conhecer as manifestações produzidas nas diferentes culturas. O ensino de teatro escolar fundamenta-se nos métodos criativos, proposto a aprofundar o lado lúdico do teatro para converter-se em aquisição de conhecimento, por acontecer de forma planejada e consciente, já que a prática teatral é uma forma de apropriação e transformação da realidade, geradora de prazer e conhecimento em grupo. Tendo em vista tal contexto, é possível considerar as práticas artísticas realizadas na escola como um importante recurso para o desenvolvimento cultural do jovem, complementando a educação. De acordo com Forquim (1993),

educar alguém é introduzi-lo, iniciá-lo numa certa categoria de atividades que se considera como dotadas de valor("worth while"), não no sentido de valor instrumental, mas de um valor enquanto meio de alcançar uma outra coisa(tal como o êxito social), mas de um valor intrínseco, de um valor que se liga ao próprio fato de praticá-las (como se vê por exemplo no caso da arte), ou ainda é favorecer nele o desenvolvimento de capacidades e de atitudes que se considera desejáveis por si mesmas, é conduzi-lo a um grau superior (mesmo que esta superioridade seja apenas relativa) de realização. (p. 165).

Acredita-se também que uma das funções da escola deva ser a de iniciar o jovem num ambiente em que a cultura possa ser valorizada, onde o “dar sentido e significado ao produzido” (PAVIANI, 2004, p. 74), depende, na maioria das vezes, do acesso às produções existentes, à leitura, às possibilidades de criação do jovem que se espelha na sua cultura e que, ao mesmo tempo, a recria. Na medida em que transforma sua interpretação do mundo, tendo a possibilidade de refletir sobre sua condição e valorizar ainda mais os aspectos culturais, o aluno adquire esses elementos que se transformam em permanentes e significativos na sua vida.

No contexto escolar, a articulação de significados e de produção de sentido cultural, muitas vezes, é realizada pelos processos de criação artística e literária, que permitem a efetivação da leitura e da escrita como instrumentos sensibilizadores para o desenvolvimento cultural do estudante. Nesse sentido, as manifestações artísticas são compostas por uma parte da cultura que se caracteriza pelo conhecimento criativo e inovador, um “ato criador, que estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante”. (BRASIL, 1999, p. 171).

No sentido de reconhecer os processos criativos, Vigotsky (1998, p. 47) afirma que “a verdadeira educação é aquela que possibilita o desencadear do processo criador na criança e no jovem e os orienta numa determinada direção”. Uma das formas de estimular a criação artística é despertar o desejo de criar, e o exercício artístico possibilita a expressão das representações imaginárias dessas culturas, que são renovadas através dos tempos, construindo o percurso da História humana.

A importância do acesso a fontes culturais durante o período escolar é salientada por Eisner (1991, p. 28), que identifica esse propósito nas atividades intelectuais e artísticas, nas quais o objetivo é desenvolver as múltiplas formas de alfabetização cultural. A linguagem teatral é uma dessas linguagens artísticas que permite o acesso a experiências, tornando possível o enriquecimento cultural e auxiliando na formação de um estudante dinâmico, ciente de si próprio e do seu meio social.

Através da abordagem lúdica de textos dramáticos, pode ser possível redimensionar as possibilidades de crescimento pessoal e desenvolvimento cultural do

estudante, e, na medida em que o aluno confronta-se com idéias e pensamentos de outros (colegas ou autores), novas perspectivas de leitura do mundo lhe são oferecidas. É possível também que as manifestações literárias, veiculadas em texto dramático, possam corresponder a novos significados que se criam culturalmente, que estão em permanente transformação, apresentando características da identidade da cultura em que estão inseridos, ou que, nesse momento, a valorizam e que podem ser identificados.

Pavani e Arendt (2006) apresentam uma definição do papel da escola coerente com os aspectos culturais mencionados, definindo dois papéis para a escola:

por um lado, o de ajudar o aluno a olhar, a partir de diferentes perspectivas de análise, para os produtos culturais que constituem sua identidade; por outro, o de ampliar essa experiência cultural, apresentando-lhes diferentes possibilidades de leitura da cultura erudita, em geral menos acessível. (p.2).

No caso desta pesquisa, o contexto da produção dos textos se dá de forma a assegurar a livre-manifestação dos alunos quanto a crenças e valores, de modo que os textos produzidos são orientados pelas idéias dos próprios alunos.

2.2 O teatro escolar

A linguagem teatral é um importante instrumento educacional e ajudou a disseminar o conhecimento em diferentes épocas, representando um prazer literário disponível e adquirindo uma força unificadora. No mundo antigo, o ensino fundamentava-se na literatura, na música e nos esportes, incluindo a declamação de obras literárias, decoradas e representadas com recursos teatrais.

Pensadores e educadores há muito tempo percorrem diferentes caminhos para colocar a arte a serviço da educação e, numa revisão da arte dramática na história do

pensamento educacional, verificamos que muitos caminhos começaram a ser trilhados desde a Grécia, no século V a.C. De acordo com os estudos de Reverbel (1989), a educação grega valorizou o teatro, a música, a dança e a literatura, e foi Platão quem considerou o jogo, algo fundamental para o ensino, que deveria privilegiar uma forma lúdica de aprender onde o aluno pudesse desenvolver a tendência natural de seu caráter. A autora também aponta Aristóteles e Platão, como pensadores que possibilitaram grande destaque ao jogo dramático na educação.

Houve um tempo em que o teatro teve o objetivo de ensinar lições morais. Na Idade Média, por exemplo, por um longo período, a Igreja condenou o teatro, posicionando-se contra fatores que destacavam nas representações alguns componentes emocionais, religiosos e filosóficos que não deveriam ser discutidos. Posteriormente, por volta do século IX, foram fundadas as escolas dos mosteiros em toda a Europa, e a utilização do teatro foi mudada e reavaliada. Posteriormente, com a adaptação da filosofia aristotélica à fé católica, houve a aprovação da representação de textos religiosos, que propagou a linguagem teatral durante muitos anos através das escolas religiosas, por meio das encenações dos mistérios e das moralidades bíblicas, que propiciaram às massas o contato com a arte dramática.

Segundo Cacciaglia (1980), no Brasil, a utilização do teatro na educação foi inaugurada com os primeiros jesuítas, durante o período colonial, mas distanciava-se de objetivos educacionais, de aprendizagem e desenvolvimento expressivo, mas tinha como objetivo claro apenas a catequização indígena por meio da apresentação de representações dramáticas, recurso que facilitavam o trabalho de disciplinar o povo. Segundo Vasconcellos(1987, p.188), a dramatização nesta época serviu fundamentalmente como pilar pedagógico de doutrinação. Posteriormente, seu espaço dentro das escolas foi reformulado, mas continuava restrito, sendo reconsiderado pedagogicamente a partir da Lei 5.692/71 que sugeria a prática teatral como complemento da disciplina de educação artística, estimulando as escolas a trabalharem a linguagem dramática com os alunos. A oportunidade de estudar e fazer teatro na escola propiciava o desenvolvimento da sensibilidade e a consciência crítica, exercitada através da utilização de técnicas e exercícios dramáticos que auxiliassem os alunos no aprimoramento da sensibilidade, da expressão artística e da identidade

social, contribuindo para que estes se tornassem espectadores de teatro, interessados e esclarecidos.

Nas últimas décadas, estudos que valorizam a linguagem teatral na educação foram retomados, tendo como objetivo principal o desenvolvimento cognitivo e cultural dos estudantes pelo domínio e uso interativo da linguagem teatral, através da improvisação e do jogo teatral e cênico. Atualmente as leis do ensino brasileiro incluem a presença do teatro – e das artes visuais e musicais – na escola como um recurso de estímulo à criatividade, expressão e linguagem.

O teatro passou a ser um meio significativo de aprendizagem, em que o aluno tem a possibilidade de representar a realidade por meio da imitação e dramatização, estimulado pela descoberta do outro, da cultura e de si mesmo. Para Reverbel (1989, p. 25), “a imitação é o primeiro estágio no desenvolvimento da individualidade, e quanto mais rico for o campo de ação para a imitação, mais rica será a expressão dessa individualidade”. No contexto da produção dos textos teatrais escolares, percebe-se a presença da imitação da realidade como um dos fatores utilizados pelos jovens na compreensão e resolução dos problemas que lhe são apresentados diariamente.

Pela arte-educação, difundida no Brasil por Read (1977), o teatro e sua dimensão pedagógica começaram a ser pensados sob um ponto de vista que superava as limitações de seu uso instrumental, compreendendo-o como um sistema de representação semiótica, uma forma da expressão artística e cultural da linguagem, que cresceu em popularidade. Inicialmente as escolas encenavam clássicos literários, prática ampliada pela encenação de outros tipos de textos, inclusive criados em contexto escolar, fundamentados nos temas propostos pelo cotidiano dos estudantes.

De acordo com Santos (2002),

A inserção do teatro na escola, como qualquer modo de conhecimento, pressupõe uma postura epistemológica, uma maneira de pensar a construção de conhecimento. Assim, elaborar um projeto pedagógico que inclua a prática dramática com crianças pequenas implica, além do domínio dos elementos que compõem o teatro (sistema de cognição a ser construído), um profundo conhecimento sobre o desenvolvimento intelectual das crianças e a permanente busca de superação dos preconceitos e das limitações impostas pela estrutura do sistema escolar.(p. 115).

Dessa maneira, o papel do teatro na educação escolar se destaca pela difusão de idéias como essa, que sustentam uma pedagogia que enfatiza a atividade teatral como fonte de aprendizado, em que a autora destaca a sua valorização na educação infantil. Devido à importância pedagógica, e sistematizada posteriormente, através dos jogos teatrais, difundidos por Spolin (1992) ao longo de suas pesquisas, esse reconhecimento também se estendeu ao Ensino Médio.

Há, porém, quem defenda que o teatro para crianças e adolescentes deva ser representado por adultos, para que se preserve a boa qualidade artística e educacional e se estabeleça a relação necessária entre o palco e a platéia. Acredita-se, entretanto, que o teatro representado pelos adolescentes, desde que estimulados e trabalhados adequadamente, como é o caso da escola analisada, também possibilita bons resultados. Para Belinky e Gouveia (1990), a escrita e representação teatral por adolescentes devem ser estimuladas e valorizadas,

porque também constitui importante elemento de formação do hábito do teatro, como, principalmente, porque contribui como poderoso fator educativo para o desenvolvimento da personalidade “social” da criança, graças ao espírito de cooperação que caracteriza o trabalho em equipe, indispensável à realização de um espetáculo teatral. Sem falar no fator de desenvolvimento intelectual implícito no estudo e ensaio de um texto teatral. (p. 38).

Ainda é possível destacar que, em situação escolar, o teatro pode ser aplicado segundo os princípios de uma metodologia específica escolhida pelo professor, em que a aprendizagem pode direcionar-se para o desenvolvimento pessoal, realizado a partir da “improvisação (teatro criativo), movimento criativo, discurso criativo ou teatro escolar” (COURTNEY, 1980, p. XXI). O autor fundamenta-se nas teorias modernas do conhecimento, tais como as teorias behavioristas da imitação, a psicolingüística e a psicologia do desenvolvimento de Piaget.

Para Courtney (1980),

o teatro se envolve em todos os processos educacionais. Está na base de toda educação primitiva, como uma forma de testar os afazeres da vida; quando formalizada na cerimônia de iniciação, ele conduz o adolescente (que “executa”, dentro da esfera dos padrões culturais, ações representadas e palavras ditas e lembradas) para o relacionamento com a comunidade e com as tarefas determinadas pelo meio ambiente. (p. 55).

O teatro pode ser considerado um fenômeno cultural e social na medida que o indivíduo, ao identificar-se com determinado personagem (com ligação real), está “personificando como um método de adequação a sua sociedade” (COURTNEY, 1980, p. 135), estando ligado às origens da própria sociedade. O texto dramático aliado à representação cênica torna-se um importante método de comunicação e expressão, e conseqüentemente, o modelo cultural pode ali estar representado, fazendo parte do sistema cultural artístico e revelando diferentes realidades.

Geertz (1997) considera a arte um sistema cultural, destacando a capacidade que cada linguagem artística tem de fazer sentido, transformando-se em “produto coletivo que vai além da experiência”. O autor destaca que

a participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro nada mais é do que um setor do segundo. Uma teoria de arte, portanto, é ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo. (p.165).

No exercício teatral, está uma das possibilidades de expressão através do movimento criativo e dos discursos e da linguagem espontâneos. Segundo Spolin (1992), “o mundo fornece o material para o teatro, e o crescimento artístico desenvolve-se par e passo com o nosso reconhecimento e percepção do mundo e de nós mesmos dentro dele”. (p.13).

Os textos de teatro escritos na escola são um ponto de referência de um determinado contexto social. Sobre isso, Paviani (1984), comenta que

lendo peças teatrais, conhecendo teatrólogos, memorizando textos, montando e ensaiando peças, escrevendo os próprios textos, estudando e debatendo o teatro, busca-se fundamentalmente um contato consigo mesmo e com o mundo. Cria-se um espaço para manifestar anseios e angústias, problemas sociais e individuais, muitas vezes, reprimidos e sufocados pelo ambiente que nos cerca. Cria-se um espaço para ver e criticar o mundo em que vivemos. (p.19).

Esse espaço criado também comunica, expressa e articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais, literários e lingüísticos em suas especificidades estéticas. O teatro escolar, de acordo com Japiassu (2001), “é capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana culturalmente determinada”. (p. 22).

Aguiar e Bordini (1993, p.63) afirmam que um trabalho criativo deve ser orientado “por tudo o que já se fez e pelos valores cultivados pela sociedade [...] e também pelo inconsciente, cujos impulsos o criador não conhece, embora os perceba operando em suas ações”. Nesse sentido, entende-se que o processo da criação e representação teatral escolar também parte dessas orientações já existentes, e que o professor cumpre a função de orientador desse processo, auxiliando o aluno a estabelecer relações entre as idéias apontadas pelos alunos para a escrita teatral.

Assim, escrever e expressar-se criativamente por meio do teatro pode ter na ação educacional, um objetivo de transformação, pois o aluno se manifesta criticamente perante a realidade e pode adaptar recursos próprios ou alheios para ajustar suas idéias à sociedade com que ele sonha. Nesse horizonte, a produção do texto dramático pode ser considerada um caminho de expressão *paraliterária*,⁸ permitindo ao jovem expressar criativamente as suas idéias em textos dramáticos, sejam elas vinculadas à realidade ou à imaginação.

⁸ Ao privilegiarmos o texto em relação à encenação, estamos abordando o estudo do teatro como possibilidade de considera-lo gênero literário (ou para alguns autores, *paraliterário*).

2.3 O texto dramático

Desde as sociedades primitivas, o homem sente necessidade de representar a si mesmo e os outros, através da imitação. Estudos antropológicos também relacionaram a origem dos grupos sociais às primeiras formas dramáticas, em que o homem primitivo se comunicava por meio de símbolos ainda não verbais, que expressavam gestualmente suas idéias. Ao imitar, o homem simula, disfarça a sua imagem diante de alguém, como em rituais antigos, e encenações religiosas, em que ele vivencia outra personalidade. O teatro oferece possibilidades de o homem poder criar mundos fictícios, explorar a ilusão, que reforça o sentido da arte. Na lição de Cará (1999),

o teatro surge no interior dos rituais religiosos e primitivos, como uma necessidade do homem de representar a si próprio e a seus deuses, a fim de tornar visíveis e acessíveis seus medos, anseios e necessidades. Quando ele colocou e tirou a máscara diante de um outro, do espectador, surgiu a representação teatral. Ele utilizou a máscara e o gesto para agilizar a poesia e, ao responder ao coro e ao corifeu, criou a dramaturgia. Aí estão os elementos básicos da estrutura teatral: a história a ser contada, o ator, a ação e o espectador. (p.25).

A estrutura do texto dramático é entendida como uma das mais ricas e atuantes expressões artísticas, mas também é considerado um material de difícil análise, justificado pela ambigüidade entre arte da representação, do espetáculo e também de fenômeno literário. Moisés (1990) entende que

o teatro discrepa das demais atividades contíguas na medida em que utiliza de forma sistemática um instrumento de comunicação que, nelas, só por vezes aparece: a palavra, a linguagem. E pela linguagem imergimos na outra face de sua visceral ambigüidade, ao mesmo tempo que descortinamos a zona que justifica pensar o teatro nos quadrantes da teoria literária. (p.260).

Nesse sentido, o texto teatral ou dramático pode ser entendido também como obra da escrita, que, afastado da representação teatral propriamente dita, configura um objeto passível de leitura e de análise. É importante considerar que na composição de textos teatrais, além das falas, das expressões a serem dramatizadas, são escritas diferentes marcações específicas para a função da representação, que são relevantes à montagem do espetáculo, mas que muitas vezes, tornam-se irrelevantes no processo de leitura do texto.

Moisés (1990, p. 262) também define o texto do teatro como “uma seqüência de diálogos”, uma forma de narrativa que “se manifesta numa trama ou enredo, com início, meio e fim”.

Conforme o posicionamento de Ingarden (1979), um texto de teatro não é uma obra puramente literária, mas pode ser considerado um limite literário. Tem-se consciência da dificuldade de trabalhar com esse limite, pois mesmo como fenômeno artístico e cultural, a transformação do texto em teatro só é possível se houver alguém em cena, que faça alguma coisa e alguém que assista. Esse elemento que está no limite entre a ação e a idéia é que será chamado de texto teatral.

Chacra (1991, p. 56), propõe o entendimento do texto teatral em consonância com Guinsburg (1980) apresentando o texto teatral como “o conjunto de sinais, signos e símbolos – verbais e não verbais – existentes durante um espetáculo”. O texto de teatro, nas suas origens, não era uma representação voluntariamente literária do destino humano, mas algo distinto da literatura, destinado ao palco, numa espécie de jogo sagrado ou ritual lúdico. Recentemente, os autores abriram espaço para considerar o texto de teatro como um exercício literário, em que o ponto comum com outros gêneros pode ser a base literária, porque a intenção não é também a de se encontrar com o leitor, e principalmente, com o espectador.

No caso da produção escolar, o texto escrito para o teatro passa pelos mesmos processos do exercício literário, a criação não se atém exclusivamente à elaboração das palavras, dos diálogos, das situações-conflito, do enredo, com a finalidade de se tornarem composições para serem lidas, mas o objetivo principal é que esses textos possam ser representados e apresentados a alguém.

Slade (1978, p. 18) apresenta uma visão sobre a função do texto para o teatro na escola. A partir da exploração das capacidades expressivas do indivíduo, a ação teatral não precisa de um lugar limitado, mas de um espaço para a representação das vivências pessoais, do seu mundo real ou imaginário, estimulados pelo adulto na proposta de escrita do texto, cujo sentido é muito mais de expressão do que comunicação das idéias. O autor também aborda a questão de que gradativamente aparece no aluno uma necessidade de escrever suas próprias peças, e que depois disso, os alunos podem encontrar-se preparados para a representação de peças escritas por outros autores.

A linguagem teatral, portanto, pode ser considerada parte de um processo de desenvolvimento simbólico, representado pelo gesto e pelas ações no palco. Desde a infância, jogamos com a simbologia dos objetos, das ações, como nas brincadeiras de faz de conta, das imitações, dos sons entre outros signos que constituem uma espécie de texto. Chacra (1991, p. 69) afirma que “o princípio do teatro é o jogo, e o princípio da peça dramática é a própria vida”, lembrando dos rituais antigos que foram gerados a partir do gesto e da fala para posteriormente serem escritos, compondo importantes referenciais da cultura.

No contexto escolar, percebe-se que a criação dos textos dramáticos se realiza por meio da utilização de uma espécie de linguagem escrita espontânea e criativa, numa atividade prazerosa e lúdica por si mesma. Ao escrever peças teatrais, as capacidades expressivas e de leitura do mundo são ampliadas, principalmente se, no processo de criação textual, forem oportunizados momentos de leitura, observação e questionamento da realidade. O engajamento do adolescente no trabalho de criação textual para o teatro lhe oferece novas possibilidades de significação da palavra na prática discursiva. Assim, ele é induzido a considerar todos os enunciados humanos de representação (a escrita, a fala, os movimentos corporais, os gestos), tornando-se, prazerosamente, autor e leitor de sentidos culturais.

No teatro, são essenciais três elementos: o ator, o texto e o público. Conforme Magaldi (1998, p. 8), o fenômeno teatral não se processa sem essa tríade. O ator comunica-se com o público por meio da palavra, que é o instrumento da arte literária, mas não se reduz a ela na interpretação. O silêncio, os gestos, a mímica, o olhar,

substituem muitas vezes determinadas palavras. Existem muitas maneiras de complementação do texto teatral no momento da apresentação: cenários, figurinos, adereços, auxiliam as formas de o teatro cumprir o seu papel. A linguagem teatral solidifica-se na soma desses elementos artísticos.

No nosso estudo, ao priorizarmos a investigação de elementos culturais por meio do texto teatral, estamos valorizando o estudo do teatro como um gênero literário ou *paraliterário*. Entretanto, hábitos da língua confirmam a evidência: põe-se em cena somente aquilo que já existe anteriormente no texto, ou pelo menos no roteiro, onde os temas abordados aparecem como fatores essenciais para a leitura e análise do texto teatral.

No contexto das produções textuais dramáticas desta pesquisa, o texto de teatro, ao ser escrito pelo grupo, é acompanhado de reflexões e debates em função do tema, da idéia central ou do pensamento que o grupo quer expressar. Na sala de aula, os alunos/atores executam os textos utilizando seu potencial dramático e espontâneo. Eles querem criar seus próprios personagens e inventar suas histórias, que afloram num caráter lúdico do jogo dramático, muitas vezes com um fundamento cômico.

A integração entre disciplinas como Artes e Literatura forneceu subsídios enriquecedores à realização deste projeto: houve troca de informações que propiciou a integração da aprendizagem aos recursos da linguagem e comunicação. Assim há aspectos específicos de cada área do conhecimento que, integrados, auxiliam na compreensão e contextualização do objeto de estudo.

O exercício da produção escrita de um texto para o teatro escolar que é realizado poderia ser considerado uma atividade de criação literária, pois envolve aspectos da leitura e da criação escrita, atividades que, na literatura, segundo Pavani e Machado (2003), “têm funções fundamentais para a formação do ser social que se comunica e que, através de sua expressão, transforma a sua vida e a dos que o cercam”. (p.31).

Nas peças teatrais, é importante considerarmos que o discurso proposto foi composto pelos diálogos que caracterizam as falas dos personagens, sendo esses, para o texto teatral, o recurso ideal para compor as informações da história que será encenada. No processo de criação de um texto para dramatização, o aluno/escritor precisa compor os personagens, atribuindo-lhes características específicas, que irão

formar a trama e possibilitar a realização da história proposta. É essa fala escrita que compõe o roteiro das ações, das cenas.

Assim, a definição do texto teatral passa pela composição de uma peça teatral/dramática a ser contada, representada, no qual são articulados signos de diferentes sistemas da comunicação e expressão. A análise particularizada do texto teatral poderá acrescentar ou diminuir significados, de acordo com quem lê. O texto dramático possui um caráter efêmero e deve ser compreendido dentro do seu contexto de produção, no sentido da ação dramática, dos estilos e elementos culturais presentes.

3 PESQUISA E ANÁLISE DO CONTEÚDO

A pesquisa cultural vem acompanhando a evolução da humanidade, incorporando e aprimorando pressupostos próprios da pesquisa qualitativa dentro do paradigma interpretativo. O homem, suas ações e relações com o meio em que está inserido, compõe o ponto principal destas investigações, considerado como um agente social, que influencia e é influenciado pelas estruturas vigentes (sociais, políticas, educacionais, culturais), possuidor de percepções diferenciadas que lhe permitem interpretar a realidade a seu modo. Neste capítulo, apresentar-se-á o caminho escolhido para a investigação e interpretação diante do fenômeno estudado.

3.1 Metodologia

Ao serem observadas as relações culturais em grupos sociais, é importante considerar os diferentes conceitos e significados construídos socialmente, pois a cultura representada em tais grupos não se reduz apenas aos comportamentos, valores e práticas, mas é composta também pelo conhecimento reconhecido por meio de “estruturas de significado socialmente estabelecidas” (GEERTZ, 1989, p. 9), que caracterizam a mente, a personalidade e as ações humanas, preservadas ou transformadas ao longo da história. Essas estruturas que fundamentam a cultura encontram-se nos diferentes grupos sociais, e, no caso desta pesquisa, nos textos teatrais escritos por adolescentes em período escolar.

Para investigar tal processo, que envolve o conhecimento cultural manifestado na adolescência, foi necessário buscar um método que permitisse a análise do conteúdo dos textos por meio da observação das representações teatrais do adolescente, com o objetivo de verificar a presença de aspectos com referência aos valores culturais. A teoria de interpretação das culturas, proposta por Geertz (1989), nos auxiliou a investigar alguns fatores culturais através da compreensão da rede de significações considerada no meio adolescente, que, segundo o mesmo autor, está presente em diferentes grupos sociais. Posteriormente, a partir do *corpus* selecionado para análise, foi possível observar a presença de expressões e palavras que

sinalizaram alguns sentidos culturais, considerados no contexto da produção, relacionados à cultura universal e regional. Escolhemos como método, para a análise qualitativa dessas expressões, a análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), pois acredita-se que tal metodologia atenda satisfatoriamente às exigências e aos objetivos desta pesquisa. A autora define a análise de conteúdo como sendo

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p.37).

Assim, ao se propor a análise dos conteúdos presentes nas produções textuais dramáticas realizadas pelos jovens, está-se tentando evidenciar o conhecimento cultural manifestado por meio de uma prática simbólica escrita que depois é dramatizada. Nesse processo, acreditamos que há um esforço de um grupo tentar entender o outro, semelhante ou diferente de si mesmo, motivando-os para a escrita e montagem cênica, cujo estímulo para a criação parte das próprias experiências, dúvidas e interpretações sobre o seu grupo, suas relações sociais, sua própria cultura.

Bardin (2004, p. 38) propõe que a análise de conteúdo trabalhe com a palavra, com a “prática da língua realizada por emissores identificáveis”. Sendo assim, a análise de conteúdo tenta compreender os indivíduos no ambiente da escrita em determinado momento, tomando como referência o conteúdo das expressões encontradas, das significações que estão subentendidas nas palavras, nas realidades demonstradas por meio das mensagens escritas. Complementando os fundamentos metodológicos, consideraremos também o posicionamento de Laville, Dionne e Siman (1999, p. 214), que apresentam a análise de conteúdo como um caminho de pesquisa que permite investigar e interpretar atitudes, valores, representações, mentalidades, ideologias, auxiliando na compreensão de fenômenos sociais particulares.

Considerando que o *corpus* desta pesquisa está vinculado ao contexto da adolescência, partimos da hipótese de que os valores culturais encontrados nesse

grupo tenham sido absorvidos por meio das vivências particulares e com o grupo (familiar, escolar, social). Pode-se relacionar esse fato à noção de *habitus* proposta por Bourdieu, que define esse conceito como o resultado da interiorização dos princípios de uma cultura, perpetuando-se nas práticas e princípios comuns (BOURDIEU, 1982, p. 44), engendrando pensamentos, percepções e ações características do meio cultural em que se está inserido. O *habitus* pode não estar acessível à consciência do sujeito, mas associado à identidade do grupo, que também compõe a cultura.

A metodologia de pesquisa escolhida propõe a investigação dos elementos e características culturais num contexto particular, conduzindo a decomposição temática dos conteúdos presentes nos textos e identificação de categorias para a análise das representações escritas pelos grupos, possibilitando a interpretação dos sentidos dentro do contexto cultural regional.

3.2 Primeira etapa: estudo exploratório e escolha do *corpus*

Essa fase iniciou no momento em que se começou a coleta e a leitura dos textos teatrais, cujo objetivo era encontrar os primeiros dados reveladores dos valores culturais presentes no grupo observado. Foram reunidos os 112 textos teatrais produzidos no período dos 11 anos de existência da escola.

Primeiramente, foi necessário organizar esse material, transcrever os primeiros textos que foram gravados em vídeo, recuperar outros, descrevendo o material numa espécie de lista cronológica, com um breve apanhado de seu conteúdo, já guiados inicialmente pelas hipóteses dessa pesquisa. Após a organização inicial do material, o mesmo continuava bruto, dificultando que fossem extraídas tendências claras e conclusivas. Então, foi preciso empreender um estudo detalhado do seu conteúdo, das palavras e frases que compunham os textos, numa tentativa de procurar sentidos, captar as intenções, comparar, avaliar e reconhecer as idéias temáticas principais.

Realizou-se, então, o recorte dos conteúdos, a fim de que os mesmos fossem ordenados, agrupados por “parentesco de sentido” (LAVILLE; DIONNE; SIMAN; 1999, p. 219), dentro de categorias analíticas. As categorias foram definidas segundo o *modelo misto*, em que as categorias podem ser selecionadas no início, sendo permitido modificá-las em função do que a análise apontará. Na primeira leitura foi possível observar um grande volume de informações, assim, devido ao fato de o volume de textos ser muito grande, o que impossibilitaria a análise particularizada de todos os textos no tempo previsto para este estudo, optou-se em realizar a análise de conteúdos em apenas uma amostra desses textos, mais especificamente em oito, selecionados por meio de sorteio aleatório.

Durante o processo de seleção e análise do *corpus*, alguns questionamentos importantes foram realizados, no sentido de definir as categorias que fundamentariam a análise dos conteúdos, tais como: quais os aspectos temáticos apontados pelos textos? Quais as referências culturais sinalizadas pela escolha de determinados personagens? Quais as referências literárias citadas ou corporificadas no texto? Qual a influência da mídia nessas criações?

Essas dúvidas auxiliaram na realização do recorte temático dos conteúdos, e, relacionados aos valores culturais da adolescência, facilitaram a composição das categorias temáticas de análise, que reúnem os conteúdos das categorias propostas.

O conjunto dos textos apresentou os seguintes temas:

- textos que falam sobre relações sociais: família, amigos e amores;
- textos que citam personalidades e fatos históricos, personagens da literatura infantil, da TV (mídia em geral) e do cinema, integrados a contextos do mundo real – ficção e realidade;
- textos com enfoque nas aventuras, morte, mistério, mitologia, missões a serem cumpridas;
- textos que fazem referência aos padrões culturais regionais: cultura italiana e gaúcha;
- textos que discutem o futuro e ações sobre o meio ambiente;

- textos que discutem valores morais e éticos – bem/mal, deus/diabo, bonito/feio, certo/errado, identidade, preconceito, diferenças, personalidade, ética;
- textos que se preocupam com o tempo, a liberdade, a vida intensa;
- textos de humor, presença do deboche, do cômico;
- textos que fazem referência ao passado, outras décadas e tempos distantes.

Diante desses dados mais generalizados, realizou-se o sorteio dos textos para uma análise mais detalhada, relacionando os dados encontrados em novas categorias, de acordo com os temas particularizados pelos textos sorteados, a fim de possibilitar a análise do seu conteúdo, que são descritos a seguir.

3.3 Análise e interpretação dos dados obtidos

Este capítulo consiste na descrição dos valores culturais que esta pesquisa evidenciou mediante análise de conteúdo dos textos sorteados, escritos pelos

adolescentes em contexto escolar em Caxias do Sul. Buscamos aqui a integração dos dados por meio da análise de conteúdo obtidos nos textos.

Dentre as diferentes produções culturais coletivas escolares, os textos teatrais foram destacados como uma das mais importantes possibilidades de manifestação e expressão cultural na adolescência, representados pelas suas especificidades e características culturais.

É importante considerar o contexto da produção dos textos. As famílias desses adolescentes possuem diferentes origens, e acreditamos que o fato de residirem numa cidade povoada por imigrantes italianos influencia o modo de agir e pensar. A influência cultural da região está presente, e é importante destacar que quem escreve são alunos que trazem em sua bagagem cultural o legado que lhes está sendo transmitido pelas famílias e pela sociedade.

Como os textos são escritos visando a apresentação para a comunidade escolar, formada por pais, professores, estudantes e seus amigos, os alunos se utilizam dessa “fala” para comunicar, revelar, manifestar o seu entendimento sobre a vida e, muitas vezes, as suas propostas e reflexões para a resolução dos problemas que vivenciam. Está presente nessa fala, seu pensamento referente à cultura, e aos valores adquiridos e considerados pelos seus iguais, ante aos quais o adolescente posiciona-se de forma positiva ou negativa, por meio da apropriação de instrumentos que o auxiliam a organizar e a compreender o mundo.

A partir do estudo dos conteúdos dos textos, elegemos categorias temáticas no sentido de sintetizar as idéias apresentadas pelos adolescentes nas produções textuais, que serão descritas e fundamentadas a seguir.

3.3.1 Os valores culturais

Na análise das peças teatrais, observamos uma possibilidade de enxergar por meio da fala dos alunos, muito do que representa o contexto contemporâneo da adolescência, do que eles negam ou do que acreditam, ou ainda do que aprendem a desejar ou rejeitar, ou simplesmente apreciar. Em maior ou menor grau, a cultura

cultivada pelo adolescente se faz presente nas produções analisadas e, segundo Fischer (2001), a experiência com expressões e objetos artísticos,

ou mais amplamente, com os diferentes artefatos culturais – filmes, pinturas, esculturas, peças de teatro, programas de televisão, e especialmente aquelas que tomam por completo o olhar, diz respeito a um aprendizado muito específico, de nos olharmos também naquilo que olhamos, e de pensar a partir do que foi visto, de tomar para nós o que alguém pensou e que tornou de alguma forma visível, público. (p.12).

Por meio da ação da escrita e prática dramática, as idéias dos estudantes tornam-se, como sugere a autora, *públicas, visíveis* por meio das apresentações, transformando-se em um *artefato cultural* produzido pelo jovem na escola. Por isso, considerando que os textos teatrais nesta pesquisa compõem um vasto universo temático a ser explorado, foram considerados para a análise os temas mais freqüentes e significativos, relacionados aos valores culturais. De acordo com Pozenato (2003, p. 82), “os valores nascem, e são hierarquizados dentro da prática de um grupo cultural, quem estabelece esses valores, e quem os legisla, é o próprio grupo cultural”.

As categorias foram definidas com base nos temas comuns mostrados pelos textos, representados muitas vezes de maneira fictícia, mas revelando conexões com a vida real. Alguns temas evidenciados pela pesquisa são universais, presentes em narrativas em diferentes contextos, e apresentam aqui um olhar particularizado, característico do universo de representações da adolescência. Acreditamos que a existência desses temas nas peças demonstra como o seu conteúdo ajuda a dar sentido, explicação, a diferentes aspectos da vida. Dessa maneira, a questão passa a buscar os valores culturais obtidos nas peças por meio de categorias que agrupam os elementos que ajudam o adolescente a viver e a se desenvolver melhor.

3.3.1.1 Relações sociais: família e amigos

As relações sociais têm um papel importante na configuração cultural, pois influenciam e determinam as diferentes maneiras do convívio e das ações em grupo. Na observação dos textos propostos para análise, encontramos a repetição de representações de situações que caracterizam as relações familiares e de amizade, que, ao nosso entender, demonstram a necessidade que o adolescente tem de refletir sobre tais relações, encontrando, na linguagem dramática e literária, um espaço para a expressão e reflexão sobre o modo e o lugar que esses aspectos ocupam na sua vida. Acreditamos que, durante o processo de elaboração dos textos teatrais, haja a compreensão e o encontro de sentido e valor dessas relações para o seu grupo, que discute e decide quais situações lhe interessam representar no teatro, revelando alguns dos aspectos preservados ou modificados culturalmente nesse contexto.

A estrutura familiar é considerada pela sociedade como fundamental para o desenvolvimento psicossocial do jovem, pois dela depende a qualidade das relações que determinarão o futuro do adolescente. O modelo familiar contemporâneo é o da família que consegue gerenciar atividades que garantam a coesão do grupo familiar, somados ao afeto compartilhado. Isso nos auxilia a entender a estrutura familiar como um grupo mantém suas relações e equilibra seus afetos em grupo.

Assim, a proposta desta categoria é destacar alguns aspectos valorizados, por este grupo e exemplificar de que maneira estas relações são representadas pelos jovens no texto dramático. Um dos indicadores culturais que se destacam na análise, fundamentando a categoria das *relações sociais* é a transformação da estrutura familiar, evidenciada nos textos pela mudança na representação das relações entre pais, filhos e irmãos.

A representação de personagens que compõem a família e o círculo social do jovem é sinalizada freqüentemente, e as figuras paterna e materna aparecem em destaque. Em alguns textos, estão representados também a figura dos avós, irmãos e primos. Outro elemento de destaque nos textos refere-se ao sentimento de amizade, que predomina como um dos fatores mais valorizados pelo adolescente.

Nos textos analisados, encontramos evidências da transformação ocorrida na estrutura familiar dos alunos (atual) em relação àquela da época em que a família “de antigamente” é representada como uma instituição tradicional, com pai, mãe, irmãos.

As figuras paterna e materna aparecem como autoridades, com um certo distanciamento dos filhos. A família é representada em contextos particulares, reunidos à mesa de jantar, com comida típica italiana, objetos cênicos resgatados das famílias dos alunos. O pai sai para trabalhar, a mãe fica em casa para cuidar da casa e dos filhos. Há intrigas entre irmãos mais velhos e mais novos. A solução dos problemas propostos acontece com a participação de irmãos, primos e amigos. Os avós aparecem em casa, a avó fazendo tricô ou crochê. Apontou-se alguns exemplos que comprovam essa indicação, como se pode observar no trecho extraído da peça “Metamorfose dos Tempos”⁹, que faz referência à estrutura familiar tradicional:

(Pai e quatro filhos sentados à mesa, a mãe chega com o bule na mão)
MÃE - *(Chamando a filha que não está na mesa)* - Anda minha filha!
FILHA - *(Responde)* - Senhora!
MÃE - Vem tomar café senão tu vai te atrasar para o colégio minha filha...*(Serve a todos na mesa, traz um pão colonial)*
FILHA - *(Chega e senta com todos)* - Bom dia!
TODOS - Bom dia!
(Tomam café, o pai olha para um dos filhos que está de chapéu)
PAI – Tira esse chapéu meu filho, não sabe que é falta de educação comer de chapéu? *(ele mesmo tira o chapéu da cabeça do filho)*
FILHO – O café ta frio!
FILHA – Vamos indo senão vamos nos atrasar para a escola.
FILHA 2 – Vamos que a caminhada é longa!
(todos levantam da mesa e se despedem da mãe com um beijo): Tchau mãe!
(o pai e o filho mais velho ficam sentados terminando o café, a Mãe chega para tirar as coisas da mesa)
MAE – E vocês?
PAI – Nós já estamos indo, vamos meu filho senão a gente vai se atrasar, pega o teu chapéu que o sol ta forte! Tchau! *(levantam e saem de cena, a mãe fica recolhendo as coisas da mesa e arrumando a casa)*

Em contrapartida, a família contemporânea, relaciona as figuras maternas e paternas a pessoas ocupadas com trabalho e outras atividades, bem como às responsabilidades financeiras com os filhos. Algumas vezes, os pais aparecem em atividades isoladas ou preocupados com situações profissionais e de administração do

⁹ Os textos teatrais analisados encontram-se, na íntegra, junto aos anexos desta pesquisa. Manteve-se a maneira de apresentação e escrita de acordo com os textos originais.

lar. Freqüentemente aparecem nas histórias os personagens da avó ou do avô como figuras de destaque familiar, representados como pessoas ativas, sábias e companheiras de aventuras, sinalizando a importância que os mesmos têm desempenhado na estrutura familiar contemporânea. Os irmãos numerosos foram substituídos pelos amigos, que sempre estão presentes na resolução dos problemas propostos pela trama da mesma peça:

(uma mesa arrumada com uma garrafa térmica e copos ao fundo, uma menina dormindo. A mãe entra já arrumada, abre as janelas e chama a filha)

MAE– Bom dia Camila! *(vira e sacode a filha para sair da cama)* levanta senão tu vai te atrasar e a mãe já tem que sair pra trabalhar! *(sai de cena e grita dos bastidores)* Camila, te levanta ligeiro!

FILHA – *(acorda resmungando, sonolenta, olha pra platéia e volta a dormir – seu irmão entra e liga um som alto, toma o leite direto na caixinha, ela levanta e vai tomar café da térmica, os dois saem apressados para pegar o ônibus)*

(alguns jovens aparecem numa parada de ônibus, comentando sobre uma prova, o “ônibus” chega e eles saem de cena)

Esses fragmentos sinalizam algumas situações da convivência familiar, onde os jovens comparam e refletem sobre as transformações dos comportamentos e atitudes de um modelo e de outro, compreendendo a distância entre o contexto passado (no tempo dos pais) e o presente (no tempo do jovem). Acredita-se também que nesse resgate dos diferentes modelos familiares, o jovem também entra em contato com os valores culturais presentes no seu grupo, como no caso do exemplo citado, a de uma família que apresenta traços da cultura italiana e outra, onde os traços de origem não ficam claros. Houve possivelmente uma intenção de ilustrar o modo de vida e comportamentos que os alunos ouviram ou imaginaram dos seus pais e avós, bem como a valorização dessas origens, que ainda fazem parte do contexto de alguns membros do grupo.

Uma outra observação na mudança dos valores familiares é a importância dada para a figura da avó, que ao ser citada nas peças num contexto que refere ao passado,

aparece integrada à família, mas ilustrada com certa exclusão. As dificuldades físicas da idade avançada são destacadas. “A nona”, aparece em casa, trabalhando e fazendo tricô, crochê:

(a avó aparece sentada fazendo tricô, o pai e o filho mais velho chegam e sentam-se à mesa)

FILHO – Pai, o senhor não disse que era falta de educação comer de chapéu na mesa?

PAI – *(dá uma bofetada na cara do filho)* – Mas que falta de respeito com o teu pai? Isso é pra ti aprender!

(os irmãos chegam e cumprimentam a avó, a mãe serve o almoço, os filhos contam para os pais o que aconteceu na escola, o pai manda falarem menos e almoçar)

FILHA – Vó, a senhora não vem almoçar?

VÓ – *(surda)* HEIM? *(e continua sentada fazendo tricô)*

MÃE – Gostaram do almoço?

FILHA – Sim mãe, eu vou ajudar a senhora a tirar e lavar a louça, depois vamos estudar um pouco *(saem de cena com os pratos)*

PAI – *(para o filho mais novo)* e tu? Vai ajudar o teu irmão no trabalho!

FILHO MAIS NOVO – Ah, pai!*(reclamando)*

PAI – Chega de ai e te mexe!

FILHO – Pai, pega o teu chapéu!

PAI – *(bravo)* Não precisa me dizer o que eu tenho que fazer!

(a avó permanece na cena fazendo tricô, levanta, olha para a platéia e..)

VÓ – Heim? *(sai de cena)*

Em contrapartida, a representação da avó contemporânea aparece em destaque, como uma personagem ativa no contexto da peça, integrada ao cotidiano e caracterizada como personagem divertido, incentivador e participante de aventuras, exemplificado a seguir a partir do texto da peça “De repente é Cabral”:

(a família tenta se reunir na mesa, quando Otávio começa a falar)

OTÁVIO – Mãe, pai, a gente tem uma coisa pra contar para vocês.

AMANDA – Na verdade, duas...

NATÁLIA - Hummm, *tipo..*o Pedrinho aqui não é mais o Pedrinho!

MÃE – Mas como assim, se ele não é mais o Pedrinho, é quem?

PEDRINHO – Oras, dona, eu sou Pedro Álvares Cabral, o cara que invadiu o Brasil em 1500.

VÓ – *(levanta-se da mesa e dá risada)*.Essa foi a melhor história que eu já ouvi em toda a minha vida e olha que eu sou bem vivida!

PAI – E põe bem vivida nisso!
MÃE – Ei, não fale assim da mamãe!
OTÁVIO – Esperem, e temos mais uma coisa para contar: achamos um mapa do tesouro!
VÓ – Ah...finalmente alguém fez alguma coisa decente nessa história...
PAI – Mapa do tesouro? Isso me interessou...
AMANDA- É, e a gente ta pensando em ir procurar o tesouro!
PEDRINHO – Sim, eu preciso encontra-lo, é uma coisa muito valiosa para mim!
Mãe – Ah, não, ta achando que a gente é bobo nessa história? Aqui ninguém vai cair nessa não!
PAI – Bem, eu to achando essa história meia estranha, mas estou até gostando da idéia. Crianças, vão arrumar as coisas que amanhã mesmo vamos caçar este tesouro!
MÃE – Ah, nem contem comigo porque eu não vou perder o meu tempo, tenho mais o que fazer!
VÓ – Pois eu, digo o contrário, podem contar comigo que eu vou junto!
(todos saem para arrumar as coisas)

Acredita-se que o fato de a personagem da avó aparecer em destaque acontece devido à mudança no papel que os avós vêm desempenhando na família contemporânea, seja pela maior participação na vida do jovem, ou pelo fato de, muitas vezes, assumirem um papel decisivo no acompanhamento e na educação dos netos.

A amizade também foi observada como um valor de destaque entre os jovens, citada e representada como parte essencial nas relações sociais da adolescência, como no exemplo extraído da peça “Só Deus sabe”:

MOISÉS – Estamos aqui reunidos para descobrir onde Deus escondeu esse 11º. Mandamento! Todos os lugares já foram vasculhados e até agora nada!
ARCANJO – Se os 10 mandamentos vieram do céu, o 11º. mandamento também deve estar lá..
MENDIGO – Não, não, não! Se todos os mandamentos foram feitos para organizar a vida na terra, o 11º. também deve estar aqui, para que seja aplicado!
MARIA – Porém se é algo tão secreto que até agora não foi descoberto, deve estar escondido em algo bem profundo, ou seja, no mar!
DIABA – E quem disse que o lugar mais profundo é o fundo do mar? Esqueceste que o inferno ocupa um espaço mais profundo que o mar? Deve estar lá conosco.
(personagens do céu e da terra discutem. Após a discussão, Moisés e São Nunca concluem que o 11º. mandamento, o mais importante de todos é a amizade)

De forma sintética, essas representações caracterizam alguns elementos da cultura valorizada pelo adolescente no seu círculo social, em que a família e os amigos cumprem um papel importante na formação cultural do jovem.

A necessidade de convivência em grupo propiciada pelo ambiente escolar também promove a identificação dos indivíduos em relação às suas ações comuns, que auxiliarão na formação ou preservação das identidades culturais regionais.

3.3.1.2 Traços da cultura regional

Encontramos nos textos algumas referências à cultura regional, que situam essas produções ao contexto em que foram escritas, tendo em vista que são alunos residentes em Caxias do Sul, cidade que está localizada numa região onde predominam os valores culturais da colonização italiana, que se mescla a diferentes origens e tradições.

Para auxiliar na compreensão da questão da região, encontramos em Pozenato (2001) uma representação simbólica que ilustra o termo região, que apresentada na imagem de “um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância”, tornando-se “um complexo inserido numa rede sem fronteiras”. Sob esse enfoque, as questões regionais podem ser consideradas como um conjunto de relações que foram transformadas em algo que identifique e localize o particular no contexto universal. Nesse sentido, acredita-se que a cultura regional possa ser caracterizada pelos comportamentos comuns do grupo num determinado espaço e cultura. Esse conceito de região, proposto por Pozenato, está vinculado à noção de *habitus* proposta por Bourdieu (1982) já definida anteriormente nesta pesquisa, que caracteriza também as questões da formação e preservação das identidades.

Ao serem analisadas as particularidades culturais regionais presentes nos textos, percebemos que as mesmas aparecem de forma isolada, com menos frequência do que imaginávamos. Os aspectos da cultura italiana são pouco citados, caracterizando um ou outro personagem por meio da fala (sotaque), o que nos leva a pensar que o

jovem talvez esteja menos atento a esses aspectos da sua cultura. Abaixo, um fragmento da peça “Um mundo em 24 horas”:

(Zé vai falar com uma italiana bem bonita. Ele olha ela de cima a baixo e diz):

ZÉ – Mamma mia! Que bela potranca!

ITALIANA – *(com sotaque)* o que é que o senhor disse?

ZÉ – *(disfarçando)* – Eu perguntei quem é o dono desta casa.

ITALIANA – É aquele senhor ali. *(aponta)*

(Zé vai até lá)

JOÃO – *(sotaque)* – Venha, chame a sua amiga e junte-se a nós. Tem muita comida, nós dividimos com vocês!

(Zé vai até a Edvirgem e diz)

ZÉ – o dono da festa nos convidou para almoçarmos com ele e também para participar da festa. Que gente hospitaleira, né?

EDVIRGEM – Não sei não, isso é meio estranho, o cara nem nos conhece..

ZÉ – Eu sei, mas eu só tenho até o final do dia para concluir esta missão. Vamos conversar com esse pessoal, talvez eles me ajudem a descobrir o que precisamos.

(Entram alguns casais dançando uma música italiana...)

Com referência às tradições gaúchas, essas aparecem com maior frequência, por meio da citação de personagens e danças gauchescas, que podem representar um maior interesse dos jovens por esses aspectos da cultura rio-grandense, como na peça “Quem roubou a Coroa?”

(bandeira do RS atrás, presa em um bloco, música gaúcha, prendas com coroas de flores e CTG dançando. Romeu e Scherlock chegam)

PEAO 1 – O que desejam?

SHERLOCK – Estamos investigando um crime, procuramos por uma coroa roubada e pensamos no fato de que talvez ela estar por aqui..(observa tudo ao seu redor)

ROMEU – Nossa, os boatos se confirmam, como são belas as gaúchas, realmente uma obra divina! Por isso é que dizem que Deus é gaúcho...

(as prendas sorriem)

MULHER – Pelo visto, elas usam coroas, será alguma dessas que procuramos?

PEAO 2 – Por que teríamos roubado? Nós, não, nunca faríamos isso...

SCHERLOCK – Como podemos saber?

PRENDA – Mas bah tche! Lutei tanto pra ser a rainha do CTG, ninguém irá me tirar a merecida coroa!

ROMEU – Observem bem, essa coroa é de flores, se não me engano, a que procuramos é diferente.....

A presença ou a ausência de elementos que localizam a cultura particularizada, regional, indica, a nosso ver, que no contexto da adolescência, esses valores possam ser negados pelo grupo, que prefere representações inspiradas em outras fontes culturais. Esse pode ser um sinal de que o jovem queira conhecer culturas diferentes da sua, ou então, que não encontre voz no grupo que valorize a representação dos aspectos que caracterizem a cultura regional. Pelo contexto da produção, onde as idéias não são particulares, mas do grupo, os interesses culturais mostram-se generalizados, direcionado para o conhecimento do mundo. Os referenciais particulares são utilizados como ligação entre as diferentes idéias, num movimento em que o jovem tenta transitar em novos contextos, interessando-se por histórias que lhe façam sentido, com inspiração em sentimentos presentes nessa fase, de renovação, de integração entre personagens, de transformações físicas e emocionais que correspondem às características da adolescência.

Percebe-se que há o reconhecimento do legado deixado pelas famílias, das idéias culturais que predominam no senso comum e também a valorização dos usos, dos costumes e das tradições de diferentes épocas, que enriquecem as referências culturais do jovem, sem que haja um grande interesse em aprofundar esses temas nas peças propostas.

3.3.1.3 Literatura e cinema:

O referencial literário e cinematográfico das produções apreciadas pelo grupo adolescente é identificado claramente nos textos, demonstrando a influência desses recursos no desenvolvimento de alguns padrões e expressões dessas culturas, citados

no texto por meio dos contextos propostos pelos filmes e livros, e principalmente pela representação de personagens desses contextos.

É possível identificar, por meio das referências apresentadas, as preferências de leitura que o jovem sinaliza nos textos, demonstrando os estilos da sua preferência em histórias que citam personagens infantis (em referência à bagagem das leituras realizadas na infância), alguns clássicos, muitas histórias inspiradas na literatura contemporânea (por exemplo: Harry Potter e O senhor dos Anéis), bem como os personagens do cinema (de filmes clássicos ou comerciais), que são integrados ao contexto do mundo real pela ficção, pelas aventuras, missões especiais, entre outros.

A leitura estimula os pensamentos do jovem para a criação dramática, pois percebemos que os textos mais interessantes possuem fundamento nas histórias com inspiração na literatura ou na integração que os estudantes fazem entre realidade e ficção, muitas vezes por meio das adaptações de textos ou filmes já conhecidos. Acreditamos que este seja um fator importante para o estímulo à leitura, pois possibilita trabalhar a criação artística a partir do referencial apresentado pelos alunos.

Segundo Bamberger (2000), “o que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual”. (p.31). Nesse sentido, percebemos nos textos a presença dos personagens literários e do cinema, representada em seu contexto de origem ou adaptados a um novo contexto proposto pela imaginação do jovem, estimula os jovens a relerem as fontes originais ou buscarem fontes novas, encontrando elementos enriquecedores para as suas histórias, e dividindo suas experiências de leitura com todo grupo, num processo que estimula o acesso à literatura, à apreciação de filmes, entre outros meios.

Exemplifica-se abaixo com alguns exemplos em que é possível identificar a influência da literatura infantil na criação e elaboração dos textos, como no texto o Vale desencantado:

VOZ - Xena estava lendo um livro de quinta categoria no seu moquifo...
XENA –Nossa, que livro bom, excelente!
VOZ – Quando de repente...Kabum!
(*black-out. A luz retorna devagar, Xena aparece perdida..*)

XENA – Onde estou? Que lugar é esse? (nesse momento, vem entrando os anões grandes e metidos)
XENA – Quem são vocês?
ANÃO 1 – Nós somos os dois anões!
XENA – Desse tamanho?
ANÃO 2 – É que nós tomamos muito chá de taquara, que faz crescer!
XENA – Ei, esperem aí, querem me explicar onde é que estou? Falando com dois anões, que não são anões, eih, mas não eram sete?
ANÃO 1 – Olha só o que aparece na nossa casa..
ANÃO 2 - Já não chega aquela Branca de Neve que só queria comer às nossas custas..
ANÃO 1 – Isso é culpa sua que não pode ver uma princesa por aí que já quer levar pra casa...(os anões começam a discutir, Xena tenta falar, mas não consegue)
XENA – Dá pra me ajudar?!
ANÃO 1 – Nem pensar, fora daqui!
ANÃO 2 – Fora, fora...

Esse texto adapta vários personagens de histórias infantis a um contexto oposto ao proposto pelas histórias, no espaço de um vale de desencanto, onde os personagens perderam a sua inocência e são representados de maneira humanizada, com problemas comuns ao mundo adulto. Há esse tipo de manifestação em vários textos, e pensamos que este fato se deve à semelhança com a fase da adolescência, que se obriga a deixar a fantasia de lado, para enfrentar os problemas da vida adulta. Outro exemplo, extraído do texto: “Em busca da esfera partida”:

VOZ NO INÍCIO DA PEÇA:

Era uma vez, há muito tempo atrás...ah, nem tanto..., um anel mágico muito misterioso, que aguçava a curiosidade e o interesse de todos. Seu mistério só não é maior que seu poder. Diziam que ele veio do céu envolto em chamas e caiu. Com o tempo, suas chamas se apagaram, e encravado em uma pedra ele ficou esperando. Muito tempo se passou, o mundo foi mudando, e muitos tentaram tirar o anel do seu lugar, mas nenhum teve êxito, até que...

(nesse tempo, aparecem pessoas de diferentes períodos históricos passando e tentando tirar a pedra)

(Frodo entra caminhando e vê o cenário de um vilarejo)

FRODO – Estou cansado da vida na cidade. É todo mundo correndo atrás de seus negócios. Aquele povo virou escravo do relógio. Tantos executivos que se acham inteligentíssimos e, no entanto, vivem trabalhando. Essa agitação me cansa, preciso passar um tempo em algum lugar mais tranqüilo.

(ele se depara com uma pedra, e nesta pedra, está engravado o anel. Ele fica curioso e resolve tirar o anel da pedra, facilmente, então, caminha um pouco, quando de repente, aparece Nuntius)

FRODO – Quem é você?

NUNTIUS – Eu sou Nuntius, o mensageiro.

FRODO – Prazer

NUNTIUS – (não responde) Tenho uma longa história para te contar...

FRODO – Longa é? Não dá pra ser outra?

NUNTIUS – Não, a hora é essa, pois você a escolheu retirando o anel da pedra...

FRODO – Quê?

NUNTIUS – Apenas escute, meu jovem...

(Nuntius fala imponente, ele tem um grande livro, onde lê as seguintes falas)

NUNTIUS – Você conseguiu tirar da pedra o anel de Erus, o Senhor do Tempo. Muitos tentaram, e só você conseguiu...

A referência aos personagens de filmes clássicos e comerciais também é sinalizada pelo texto, apresentando influências de uma cultura padronizada, comercial, de acesso às massas.

Percebemos que as histórias propostas pelo cinema “vendem” aos adolescentes idéias que os conecta a uma cultura que desperta cada vez mais o jovem para o consumo, mas também percebemos que há muita receptividade do adolescente a fontes literárias, que da mesma forma se fazem presente nos textos, o que faz com que as políticas pedagógicas de estímulo ao melhor aproveitamento das fontes de leitura proposta para os jovens, sejam incentivadas.

3.3.1.4 Passado, futuro e meio ambiente

Ao propor um roteiro que fale de situações que relacionam passado e presente, acreditamos que haja o resgate histórico por meio da investigação sobre a época dos pais, em que o jovem alimenta uma certa curiosidade e fascínio em relação a algumas décadas, que são propostas em referência à liberdade, aos ideais que os jovens

apresentavam (anos 50, 60, 70 e 80). Kaplan (1986) considera a adolescência uma fase que unifica aspectos de passado e futuro, pois, na medida em que integra a infância à vida adulta, propõe que o elabore por meio da fantasia e do imaginário, as relações entre passado e futuro. Talvez esse interesse aconteça também por influência das histórias contadas pelos pais e avós desses jovens, que contribuem com as referências reais dessas épocas. Percebemos que essa unificação realmente acontece nos textos, e pode ser conferida na observação de alguns trechos de uma mesma peça: “Brasil, uma nação imortal”:

(a cena acontece num barzinho, com Tom Jobim tocando violão e chega o Brasil que se direciona para a mesa onde estão seus amigos. Do outro lado, sentadas em outras mesas estão as meninas)

JEAN – E aí, Brasil, qual é o pastel? (enquanto isso, Brasil cumprimenta os demais)

BRASIL – Tudo joínha, gurizada medonha.

MAX – Vocês viram que agora a seleção é campeã?! (Mostrando a camisa do Brasil)

BRASIL – Sim, que orgulho! Muito bacana.

JEAN – Ah! Grande África, to mais preocupado com Jucelino Kubisheck e essa nova capital que ele está querendo fazer. Acho que não vai dar muito certo.

BRASIL – Fecha a matraca, hoje vamos nos divertir, não nos preocupar. Ei, ei, olha naquela mesa, que menina mais linda!

MAX – Qual delas, a leda? Ela é Miss Brasil...

BRASIL – Não... a do lado...

(luz na mesa onde estão as meninas)

MOGUI – leda! Como vão os preparativos para o concurso Miss Universo?

IEDA – Nossa meninas, estou numa correria! Mal tenho tempo para me divertir, hoje foi um dia especial.

NATI – Ai meninas! Esse novo estilo de música é o máximo! Como eu adoro a Bossa Nova!

MILA – É verdade, nada melhor que iniciar a noite com uma Bossa Nova e terminar remexendo o esqueleto com um twist.

(Nisso termina o show do Tom que fala para o público)

TOM JOBIM – Muito obrigado pela presença de todos e agora fiquem com o twist! Solta a eletrola aí gente! *(Tom vai dançar o twist também)*

E ainda, na mesma peça, em projeção ao futuro (no mesmo texto):

(entra Sha, vinda do futuro, em estado deplorável, olhando a garrafa de água no chão)

SHAI: O que é isso? Meu Deus, uma garrafa de água jogada no chão!(olha para os lados) Mas que lugar é esse?(olha para Juli) olha o seu cabelo! Como você lava? Quando a água acabou em 2050, todos tiveram que raspar seus cabelos. Por que você não? E olha a sua pele? Que saudável! Muitos de nós morreram desidratados e pessoas com 20 anos têm aparência de 50. Por que está tudo assim?

JULI – Que 2050, nós estamos em 2006!

SHAI – Não, mas...Então foram vocês que fizeram isso comigo!

JULI – Isso o quê?

SHAI – Eu venho do ano de 2070 e não sei porque vim parar aqui, só sei que vocês acabaram com a água porque não preservaram o meio ambiente.

JULI – Para com isso! Duvido que isso vai acontecer por nossa causa!

SHAI – Mas quem mais poderia ser? Me diz..quanto tempo você demora no banho?

JULI- Ah..uma meia hora..

[...]

SHAI – Acorda! Olha tudo o que está acontecendo, vocês estão tendo a última chance de mudar esse final, então, parem com isso.

JULI – Ta, mas não fui só eu que deixei isso acontecer. Todos nós fomos responsáveis, desde a colonização até os dias de hoje...

(Mari entra do futuro..)

MARI – Mas porque vocês deixaram isso acontecer? *(congela a cena)*
Agora, vamos ver o outro lado da história....

Fica clara a intenção proposta pelo texto, de fazer os colegas refletirem sobre suas responsabilidades em relação ao meio ambiente, bem como a preocupação que estes jovens têm em virtude da possibilidade de escassez dos recursos naturais no futuro. A presença dessas preocupações nos textos indicam uma mudança cultural na adolescência, que se apresenta mais consciente e responsável nessas situações.

São muitos os textos que o jovem utilizou elementos do passado, que lhe ajudaram, de certa maneira a entender o presente, seu contexto atual, por meio do resgate de histórias familiares, elementos históricos e até mesmo fictícios, que lhe ajudam a resolver dúvidas existenciais e cognitivas, ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de projetar o futuro com fundamento na realidade (como foi o caso do

texto citado), e propor situações de futuro fictícias que lhe ajudam a melhorar suas ações no contexto da atualidade.

3.3.1.5 Mídia e tecnologia

A presença da mídia como uma das categorias temáticas evidenciadas na análise dos textos, surge em referência à influência que os meios tecnológicos exercem sobre os adolescentes, e na incorporação dos mesmos culturalmente. Segundo Fischer (2001),

pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (p.15).

A autora sinaliza a questão de como os meios tecnológicos conquistaram espaços na sociedade, influenciando as práticas artísticas e culturais escolares. Consideramos que este fato acontece em virtude da expansão da mídia e do crescente acesso às novas tecnologias pela sociedade nas últimas décadas. Também é importante considerarmos que tal mudança também se associa às questões relativas aos comportamentos familiares e sociais, que, em restrição da liberdade devido aos fatores da violência urbana, tornaram as opções tecnológicas possibilidades de um lazer mais acessível e seguro. Exemplificamos essa influência com alguns trechos do texto: “Eu..eu mesmo e o Oscar!”

(“Música Hollywood”, entram os artistas pela platéia. Fotógrafos estão nos corredores, seguranças acompanham os artistas, os astros sentam nas cadeiras no meio da platéia- entram os apresentadores)

APRESENTADOR – Senhoras e Senhores, Bem vindos ao Oscar 2003. A maior festa do cinema!

APRESENTADORA – Com certeza vocês nunca imaginariam estar perto de pessoas tão famosas e importantes como:

APRESENTADOR – Julia Roberts! Brad Pitt! Sandra Bullock! Leonardo di Caprio! Eminem!...

(aplausos)

APRESENTADOR – Começaremos então, com a categoria de melhor ator...

Ou então, como mostra no texto “A face oculta da mídia”:

(de repente, o programa que estava passando na tv é interrompido por um Plantão Urgente – música do Plantão da Globo)

REPÓRTER – Atenção! Notícias urgentes chegam à edição da Globo no Rio: Tiririca põe prótese de silicone, mas uma complicação na cirurgia fez com que o silicone se deslocasse para os pés. Mais notícias a qualquer momento!

(Carlota, indignada, dá um grito)

CARLOTA – Como essa reporterzinha teve coragem de interromper a minha novela para dar uma notícia tão insignificante?

(Gilda, no mesmo instante, cai sentada no colo da Carlota e fica em estado de choque)

GILDA – Ai, coitadinho!! Como eu fico mal quando um ente querido sofre!

CARLOTA – Mas tu nem conhece a criatura, Gilda!

GILDA – Isso é o que a Senhora pensa! E todas as 90 cartas que eu mandei para a Tv este mês? Eu assisto ele todos os dias!

CARLOTA – Coitada! O que a mídia não faz com as pessoas...ts..ts..

Os fragmentos mostram alguns exemplos escritos pelos jovens, que são inspirados nas diferentes questões apresentadas pela mídia. Santaella (2003) propõe uma reflexão da cultura por meio da mídia, esclarecendo que esse segmento é

explorado de forma ampla, não apenas no sentido de citar os meios de comunicação de massa, mas ampliado por meio dos novos processos de comunicação e de emergência da cultura das redes, que engloba qualquer meio de comunicação. A autora afirma que as mídias recentes se sobressaem, pois a expressão pública desses meios torna-se mais visível, principalmente pelos aparelhos móveis.

As mudanças tecnológicas, ou apenas a influência destes recursos são incorporadas à adolescência facilmente. O conteúdo das peças revela a valorização dos recursos tecnológicos ou apenas a influência da mídia nas idéias propostas pelos textos, ocupando um lugar importante no cotidiano do jovem, fato que contribui para a constatação de que a mídia continua exercendo uma grande influência nas ações e modos de produção da cultura na adolescência. Ainda segundo Santaella (2003), a mídia tem um papel importante culturalmente no que ela chama de “processo cumulativo de complexificação”, ou seja,

uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. É certo que alguns elementos sempre desaparecem, por exemplo, um tipo de suporte que é substituído por outro, como no caso do papiro, ou um aparelho que é substituído por outro mais eficiente, o caso do telégrafo. É certo também que, em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente.[...] Afinal, a cultura comporta-se como um organismo vivo e sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes. (p. 14)

A citação de aspectos da mídia nos textos dos alunos reforça a idéia de que a mídia domina a comunicação na adolescência, incorporando-se a esse “organismo vivo” que compõe a cultura, sendo citada nas produções teatrais como um componente cultural no cotidiano do jovem. Não podemos deixar de mencionar a responsabilidade da mídia na promoção de valores sociais, éticos, comerciais, bem como na distorção do conhecimento cultural. Werneck (2003) destaca que:

os estereótipos sociais produzidos pelo imaginário social são reforçados, ou modificados ou mesmo contrariados pela “mídia”, interferindo na cultura, que se torna, assim, cada vez mais uniforme, expressando visões de mundo, ideologias apreendidas como preconceitos, já que conhecidos numa fase pré-reflexiva do pensamento. (p. 97).

A questão desses *esterótipos sociais* apresentados pela mídia é sinalizada pela presença dos personagens da TV e do cinema nas peças, que freqüentemente são citados em contextos isolados, representado a sua força no imaginário adolescente (por exemplo: o personagem *Chapolim Colorado*, da série Chaves é um dos personagens que por um longo período foi citado pelos alunos nas diferentes peças). Consideramos que estas questões se apresentam nessa comunidade como uma característica de fácil influência comercial, destacando a questão do consumo como uma característica cultural da adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se examinar a questão da cultura no meio adolescente através da observação dos elementos representados no contexto escolar em projetos teatrais, compreendeu-se que alguns fatores são significativos na formação ou preservação de identidades culturais manifestadas pelo jovem nesse período. Nesta pesquisa foram investigados valores culturais sinalizados pelo texto escrito para teatro, e obtiveram-se resultados que evidenciam alguns dos aspectos culturais preservados e integrados ao contexto da adolescência, discutidos no grupo por meio da atividade de criação e montagem de peças teatrais, revelando modos de vida, de pensamento e de práticas que contribuem para o desenvolvimento cultural do adolescente.

Nos primeiros capítulos desta pesquisa, discutiram-se algumas considerações essenciais para a fundamentação da análise do conteúdo dos textos e sua relação com a cultura. Pesquisar e refletir sobre cultura, identidade, imaginário, adolescência e produção teatral possibilitou tecer uma rede teórica que foi essencial para o progresso das investigações. O conteúdo analisado dos textos permitiu um novo olhar sobre as possibilidades da linguagem teatral como recurso de manifestação da cultura valorizada pelo jovem, apontando novas alternativas para exploração desses conteúdos nos processos pedagógicos que envolvem direta ou indiretamente a cultura.

O trabalho de organização e leitura dos 110 textos teatrais, escritos por adolescentes, representou a valorização do registro do pensamento de uma geração que não tem medo de ser crítica e criativa, e que evolui pela necessidade de organização escrita e textual, mas também pela oportunidade de acesso à cultura, por meio da realização de um espetáculo, da comunicação de suas idéias ou pela simples apreciação dos textos dos colegas.

O tempo destinado a este estudo nos limitou a analisar apenas uma amostra dos textos que fundamentaram e ilustraram as categorias apresentadas.

No grupo observado, a linguagem teatral foi um recurso que tornou público os valores considerados pelos jovens no período de 1995 a 2006. Entendeu-se que esses valores foram mantidos e transmitidos pela família e sociedade, discutidos no grupo e representados no texto teatral. Pela análise geral e depois particularizada dos conteúdos dos textos, pode-se afirmar que os temas propostos pela maioria das peças

expressam situações comuns do cotidiano do jovem, sentimentos presentes no grupo, que denotam o objetivo da fala de um texto ou de outro, compondo os traços comuns da cultura considerada na adolescência.

Por meio da análise de conteúdo, realizada nesses textos, emergiram as seguintes categorias temáticas: relações sociais, em que se destacaram a família e as relações de amizade; cultura regional, com ênfase em traços da cultura italiana e gauchesca; literatura e cinema, que apresenta a influência das leituras do adolescente; passado/futuro e meio ambiente, que relaciona as referências de memória e expectativas e preocupações do adolescente aos problemas a serem resolvidos e mídia e tecnologias, que sinaliza as influências tecnológicas no cotidiano da adolescência. Essas categorias permitiram a interpretação e análise individualizada, mas ao mesmo tempo, interligada ao todo, compondo um sistema de significados culturais representados pela adolescência.

Na categoria *relações familiares e de amizade*, ressalta-se a valorização que o jovem dá aos valores transmitidos pela família e os aprendidos com os amigos, reconhecendo a importância que tais instituições adquirem na sua vida. Como a adolescência é uma fase de “despedida” da infância, podemos entender que esse reconhecimento aconteça pelo fato de o jovem reconhecer o seu processo de mudança e necessitar rever os sentimentos em relação a esses grupos, que serão fundamentais durante esta fase transformadora, pois são as pessoas que estão mais próximas do jovem e que o auxiliarão a enfrentar as dificuldades que a vida adulta lhe impõe.

Nesse contexto, percebeu-se que o sentido da valorização destas relações está ligado à maturidade que o jovem adquire durante a adolescência, e encontra na família e amigos o suporte adequado aos seus esforços, transformações físicas, alterações hormonais, mudança na forma de pensar e agir.

A categoria que abordou a *Literatura e o Cinema* ressaltou a influência dos recursos que essas linguagens oferecem ao processo de criação dos textos teatrais escolares, revelando a diversidade de possibilidades e de criatividade demonstrada pelo universo das imagens que povoam a mente do adolescente.

Os textos revelaram vários aspectos relacionados a situações que ilustraram a percepção do tempo e da memória, nas quais o jovem joga com as idéias que inter-relacionam *passado e futuro*, muitas vezes, relacionando as responsabilidades sociais em virtude de problemas comuns ao seu grupo e à humanidade, como no caso da preocupação com o *meio ambiente*.

A interferência da *mídia e das mudanças tecnológica reflete* a velocidade com que as informações são absorvidas pelo jovem, contribuindo para o seu desenvolvimento cultural, mas afastando-o, em muitos casos, do contato consciente com valores transmitidos culturalmente pelos grupos em que está inserido, influenciando-se facilmente pelo pensamento imposto por programas de TV de baixa qualidade e buscando informações e conhecimentos em meios rápidos, como por exemplo, na internet. Não vemos a mídia como vilã no desenvolvimento cultural do adolescente, mas percebemos que essa geração incorporou uma cultura de acesso aos meios midiáticos de uma maneira veloz, contribuindo para que o aluno se distancie, no seu tempo livre, das atividades literárias de leitura e escrita, dando preferência aos meios tecnológicos.

A categoria dos *traços da cultura regional* é destacada pela presença das influências da cultura italiana e dos aspectos da cultura tradicionalista gaúcha, mas se acredita que ela transpassa todas as demais, que caracterizam, de forma generalizada, as questões culturais destacadas pelo texto teatral escolar.

Acreditamos que as questões observadas traduzem um posicionamento atual sobre as considerações do jovem sobre a sua cultura, que também está interligada à cultura maior que abarca a sociedade.

A cultura do adolescente

Todas as gerações recebem um legado das suas famílias e da sociedade, e relacionam esses às suas vivências, criando novos significados. Na comunidade escolar observada, as peças teatrais escritas pelos jovens cumpriram uma função que sinaliza um aprofundamento e superação dos objetivos pedagógicos, caracterizados pela ação de tornar pública uma rede de pensamentos, de idéias, de um olhar que

expressa fatos comuns da adolescência e da vida humana, permitindo compreender melhor de que forma esse grupo compreende e se relaciona com a cultura.

As experiências cotidianas fundamentam os temas de discussão e de expressão dramática, permitindo o questionamento da realidade por meio do teatro. Os alunos, incentivados a produzir peças relacionadas com suas discussões de grupo, encontram um espaço para refletir sobre a cultura.

Silva (2000) salienta que “a pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representação da identidade e da diferença”. (p.92). Acreditamos que, na escola analisada, a pedagogia utilizada privilegia que essa reflexão aconteça, ao mesmo tempo em que há a valorização do olhar do adolescente e o respeito pela representação das suas idéias.

Ao acreditarmos na cultura vivida e também na cultura a que os homens aspiram que um adolescente em fase escolar tome conhecimento e adquira, admitimos ser necessário a ampliação, valorização e o acesso aos meios culturais, questão indispensável para a sociedade em geral. O resgate cultural por meio das representações artísticas possibilita que o diálogo entre questões culturais que abordam o passado, o presente e o futuro, cumpra uma função importante, que regate valores e auxilia na preservação e formação das identidades culturais. Bosi (1998, p. 214 - 215) questiona a função da cultura na sociedade, colocando-a entre “uma oposição e uma superação do natural” e o “desabrochar da pessoa na vida social”. Assim, reforça a importância de acreditarmos numa cultura que satisfaça pelo trabalho de instrução, mas que leve o grupo a atitudes que não impeçam o sujeito à “expressão de sua própria classe”.

Os adolescentes que ouvimos por meio dos textos fazem parte de uma geração que têm “acesso acelerado” a fontes de informação: livros, CDs, DVDs, cinemas, teatro, *shows*, enfim, uma série de recursos que possibilitam uma leitura diversificada do mundo. No grupo analisado, observamos o desejo do adolescente em adquirir uma cultura diferenciada, mas acreditamos que a promoção cultural na adolescência ainda depende da instrução cultivada, da leitura, do acesso à ciência e à arte. É claro que se

o meio escolar possibilita esse acesso, os resultados culturais revelam a valorização destes elementos.

A adolescência foi observada nesta pesquisa como um segmento social e ativo no contexto cultural, sinalizando os valores comuns à comunidade em que está inserida, registrados por esta pesquisa. O interesse pelo grupo, pelas ações que fundamentam a sua história, pela manifestação dos seus valores que condizem com os culturais, permitem um certo aprimoramento cultural.

Nesse sentido, Werneck (2003) acredita que:

o aprimoramento pessoal como agregação de valor é natural para o homem, esse aperfeiçoamento, esse sentir-se valendo mais não ocorre pelo maior conhecimento intelectual, mas pela modificação do sujeito que resulta da aquisição de valores, até mesmo daqueles decorrentes do maior conhecimento intelectual. Quando o conhecimento racional consiste apenas no armazenamento de informações, quando é dissociado da constituição do próprio sujeito, quando nele não produz nenhuma transformação, nenhuma modificação, não o valoriza, não agrega valor, não o aperfeiçoa. Ao aumentar o seu valor por tê-lo adquirido de algum modo, sente-se o indivíduo mais respeitável e mais respeitado. (p. 49).

A evidência dos interesses e hábitos nos textos torna-se importante para o contexto escolar, porque oferece pistas, para a estimulação da leitura na adolescência. De acordo com Bamberger (2000) “se os livros apresentarem o tipo de idéias e valores que preocupam os jovens nesta fase, isto é, questões sobre como se encontrar a si mesmo, sobre o conhecimento do mundo, sobre uma filosofia de vida, eles se interessarão”. (p.69). Acredita-se também que, o adolescente possa se estimular a buscar as referências citadas nas histórias escritas pelo seu grupo, pelo fato de elas apresentarem situações pertinentes ao seu cotidiano.

Werneck (2003, p. 107) defende que “a cultura é compreendida como a dimensão comunitária da vida, como rede de significados e de sentidos que permite o sentimento de “pertencer” a uma comunidade”. Assim, acreditamos que estar na escola

significa pertencer de maneira mais participativa na comunidade e desta maneira, na cultura, considerando que os projetos educacionais e pedagógicos promovem e aprimoram o aluno cognitivamente. A autora afirma ainda que “a cultura e toda a ação cultural deveria também aprimorar a educação”.

O reconhecimento desses valores demonstra que, apesar de serem representados de diferentes maneiras nos textos, há indicadores que transpassam as categorias e criam uma estrutura básica cultural, na qual o jovem aprende a pensar as maneiras de transitar e permanecer nessa comunidade.

Os indicadores culturais encontrados nas produções dos adolescentes são apreendidos no próprio grupo social, colaborando para a construção da “teia de significados” (GEERTZ, 1989) que é tecida ao longo de toda a existência.

É importante deixar claro que se tem consciência de que as interpretações desta pesquisa não se esgotam nesse estudo, pois oferecem ainda possibilidades de novas leituras, e assim, de ampliação da análise, pois as categorias revelaram alguns valores, e sugere-se ainda, a possibilidade de encontrar novos valores cultivados e até mesmo gerados durante a adolescência. A multiplicidade de temas apontada pelos textos revela as possibilidades de aprendizado que a mente criativa dos adolescentes têm. A adolescência é um período em que a criatividade se acentua, e deve ser compreendida como uma fase em que devemos explorar ao máximo este recurso, principalmente nas áreas que possibilitam a expressão dessa criatividade por meio das linguagens, como no nosso caso, as artísticas e literárias.

A preservação e renovação dos valores culturais ainda nos inquietam pela dúvida que a sociedade impõe às escolas, questionando o que realmente seja cultural e quais valores façam parte dos objetivos da realização de propostas e ações pedagógicas, como se fosse possível manter a cultura estática, impondo idéias e valores que não são correspondidos fora da escola.

Enfim, a coleta dos textos e a análise de uma amostra desses nesta pesquisa, possibilitou que se encontrassem, nos conteúdos propostos pelos textos, elementos que revelaram alguns dos valores culturais considerados na adolescência. Acredita-se que esta pesquisa também reforça a importância que a prática teatral educativa

adquiriu na promoção cultural, afetiva e social dos jovens do grupo analisado, valorizando a presença do adolescente na sociedade e de suas manifestações culturais.

Os resultados da pesquisa apontam para a valorização dos textos dramáticos produzidos em contexto escolar como expressão do pensamento adolescente em relação ao meio cultural, bem como para a importância da realização de propostas escolares que integrem diferentes áreas e conhecimentos por meio da ampliação de referenciais artísticos e literários, valorizando a expressão e a reflexão sobre elementos da cultura em contextos específicos. Entende-se também que, nestes processos, a presença e intervenção do professor são valiosas, pois na medida em que o mesmo cumpre uma função de mediador dessas produções escritas, poderá oferecer ainda mais subsídios para estimular a leitura e a investigação de novos contextos para as futuras criações. Portanto, esse estudo contribuiu para a compreensão dos processos culturais e literários num contexto particular, valorizando também as possibilidades de atuação deste grupo num contexto universal da cultura, onde a articulação entre cultura, literatura, teatro e adolescência significam um importante caminho para a valorização cultural e ampliação de saberes.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. et al. **Adolescência**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ARENDT, João Cláudio. O imaginário social em Simões Lopes Neto. **Métis: História & Cultura**. 2004. jul.dez. Caxias do Sul: V.2 n.4, Educs, 2004.

BARBIER, R. Sobre o imaginário. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociales**: memórias y esperanzas coletivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1991.

BELINKY, Tatiana; GOUVEIA, Julio. Teatro para crianças e adolescentes: a experiência do TESP. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo, Uesp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

CACCIAGLIA, Mario. **Pequena história do teatro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1980.

COMITÊ SOBRE ADOLESCÊNCIA DO GRUPO PARA O ADIANTAMENTO DA PSQUIATRIA (1968). **Dinâmica da adolescência**. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1985.

CARÁ, Henriette F. M. **Desejo e representação na dramaturgia**: uma poética de Júlio Conte. 1999. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Caxias do Sul, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro & pensamento**: as bases intelectuais do teatro na educação. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CUÉLLAR, Javier P. de (Org.). **Nossa diversidade criadora**. Campinas: Papirus/Unesco, 1997.

EISNER, Elliot; Projeto Arte na Escola. **As artes e o objetivo da educação**, São Paulo: Fundação lochpe, 1991.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

FERREIRA, Berta Weil. **O cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FORQUIM, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artmed, 1993.

GARDNER, Howard. **Educación artística y desarrollo humano.** Barcelona: Paidós, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GOBRY, Yvan. **De la valeur.** Belgique: Vander Éditeur, 1975.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural.** São Paulo: IFCH/Unicamp, 1995.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

INGARDEN, R. **A obra de arte literária.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do ensino de teatro.** Campinas: SP: Papyrus, 2001.

JOURNET, Nicolas (Org.). **A cultura: do universal ao particular.** Paris: Sciences Humaines, 2002.

KAPLAN, Louise. **Adolescência, el adiós a la infancia.** Buenos aires, Piados, 1986.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEVISKY, David L. Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: OUTEIRAL, José (Org.). **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MAGALDI, Sabato. **Iniciação ao teatro**. São Paulo: Ática, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1990.

MORIM, Edgar. **Cultura de massas no séc. XX**. Trad. de Maura Ribeiro Sardinha. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1984.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jaques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PAVANI, Cinara Ferreira; MACHADO, Maria L. B. **Criatividade**: atividades de criação literária. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

PAVANI, Cinara Ferreira; ARENDT, João Cláudio. **Leitura, cultura e identidade**. 2006. No prelo.

PAVIANI, Jayme. **Cultura, humanismo e globalização**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

PAVIANI, Neires. O teatro como atividade educativa. **Revista Letras e Comunicação**, Universidade de Caxias do Sul, Educus, ano 2, n. 5, 2º. sem./1984.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: ZILBERMAN, Regina.(Org.) **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZILLES, Urbano. **Filosofia**: diálogo de horizontes. Caxias do Sul: Educs, 2001.

READ, Herbert. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

REVERBEL, Olga. **O texto no palco**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

_____. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humanismo**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento**: do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Vozes: Rio de Janeiro, 2000.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SHAKESPEARE, William. **Uma peça como você gosta**. Tradução e adaptação de Geraldo Carneiro. Rio de Janeiro: O Tablado, Cadernos de Teatro, 1985.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

WAGNER, Tânia Maria Cemin. Adolescência: aspectos psicodinâmicos. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi (orgs). **A multiplicidade dos signos**: diálogos com a literatura infantil e juvenil. Caxias do Sul: Educs, 2004.

WERNECK, Vera Rudge. **Cultura e valor**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: L&PM Editores, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Ensino da literatura: análise da realidade. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert et. al **Transformando o ensino de língua e literatura**: análise da realidade e propostas metodológicas. Caxias do Sul: Educs, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

LISTA DE TODAS AS PEÇAS ESCRITAS PARA O CETEC FESTIVAL

1995 - 2006

2006

110 Sigma 1: “De repente é Cabral...”

Sinopse: Pedrinho e sua família embarcam em uma grande aventura que poderá mudar suas vidas para sempre. Será que eles vão conseguir encontrar o que procuram?

109 Épsilon 1: “Rumo ao Hexa”

Sinopse: Jacinto é um humilde trabalhador que vence um concurso que o levará à Copa na Alemanha. Ao sair do país, vive situações inusitadas e muita aventura.

108 Ômega 1: “Cheguemo!!”

Sinopse: Uma divertida família caipira recebe uma carta misteriosa que os faz partir rumo à cidade. A chegada à cidade lhes reserva uma grande surpresa que mudará o seu destino...

107 Ipsilon 1: “Quem roubou a Coroa?”

Sinopse: Um estranho desaparecimento...a Coroa do Rei foi roubada. Após muita investigação e procura, os membros da corte tentarão solucionar esse mistério.

106 Alfa 2: “D... Bandido”

Sinopse: Uma família campeira recebe a visita de um amigo que mudará a sua rotina...em meio a fatos familiares, um gaudério precisa consultar o médico e resolver um drama comum à sua idade...

105 Delta 2: “Por água abaixo”

Sinopse: O Brasil parece não ter solução, mas nada impede que o Senhor Presidente retorne “ao seu mundo” para salvar a Nação. Na sua busca, enfrentará alguns obstáculos que o ajudarão(ou não) a sair dessa situação difícil.

104 Zeta 2: “Quem odeia...ama!”

Sinopse: A vinda de um outro filho da Deusa e do Diabo é motivo para mais um conflito entre céu e inferno.

103 Beta 2: Jack and Johnson

Sinopse: Num tempo distante, dois jovens disputam o amor de uma bela jovem chamada Josefa, que ao amadurecerem, descobrem diferentes destinos para suas vidas.

102 Gama 2: “Brasil, uma nação imortal”

Sinopse: Um olhar sobre a história do Brasil, contada através de diferentes momentos, revendo o passado e aproximando um futuro próximo.

101 Delta 3: “Comédia de uma vida nada privada”

Sinopse: O cotidiano da família Noel com seus conflitos. Papai Noel entra em crise e passa a discutir qual o real sentido do Natal.

100 Gama 3: “Quem nunca viu”

Sinopse: Pobres que eram pobres e viraram ricos. Ricos que eram ricos e continuam ricos. Conflitos de classes sociais? Conflitos de classes iguais!

99 Alfa 3: “Maria do Castelo”

Sinopse: Em um reino distante, rei Herathus e sua esposa viviam felizes com seus seis filhos. Misteriosamente os filhos começam a morrer, um a um. Quem estará por trás desta tragédia? Um vilão, vários suspeitos...

2005

98 Ômicron 1: “Como tudo começou...”

Sinopse: Dez anos de CETEC...e um grupo de alunos resolve investigar essa história, que é narrada a partir de fatos reais e da imaginação da turma

97 Ipsilon 1: “Chocolate maldito”

Sinopse: Aryosvaldo, viciado em chocolate, é o principal suspeito por um desaparecimento misterioso. Sherlock Holmes e Scoobydoo são alguns dos personagens que o ajudarão a desvendar essa história.

96 Épsilon 1: “Cara, cadê nosso ônibus?”

Sinopse: É a história de um grupo de amigos que, ao se depararem com situações inusitadas durante uma viagem, necessitam rever seus conceitos para solucionar um grande problema.

95 Sigma 1: “Muuu...a vaca está solta!...”

Sinopse: Inconformado com seus problemas, um pai de família procura ajuda de um “guia espiritual”, que irá prever o seu nem tão esperado futuro.

94 Omega 1: “ Cadê a inocência?”

Sinopse: Peter Pan e Sininho procuram ajuda de um grupo de amigos para solucionar um problema que afetará toda a humanidade...

93 Alfa 2: “A fuga das gurias”

Sinopse: Uma prisão inesperada. Fatos misteriosos...e muitas mudanças na vida de um grupo de meninas que descobre grandes amizades.

92 Gama 2: “Vida de Rock Star”

Sinopse: No condomínio de um subúrbio, um sujeito muito estranho arrisca-se no meio musical. Mal sabia ele que, para tornar-se um ícone do rock, seria preciso muito jogo de cintura para driblar uma vizinhança da pesada.

91 Delta 2: “Que Mário?”

Sinopse: O inesperado acontece, e Mário se vê diante de um terrível julgamento. O que você anda fazendo com a sua vida?

90 Alfa 3: Entrando em Alfa”

Sinopse: O imaturo Cornélio, após ser traído por sua namoradinha, embarca em uma louca viagem, onde encontra seres mágicos que o ajudam a desvendar seus próprios enigmas.

89 Gama 3: “James Bond: o anel não é o bastante”

Sinopse: Segurança, espionagem, traição. A barreira que protegia o anel foi quebrada e ninguém sabe qual é o seu verdadeiro poder...conseguirá James Bond encontrar o anel antes de Darth Vader?

88 Beta 3: “Querido, mamãe chegou!”

Sinopse: Esta peça fala sobre o dia-a-dia de uma típica família brasileira, na qual as brigas e desavenças são comuns. E quando um membro da família está em apuros, será que todos virão para ajudar?

87 Delta 3: “Desencalhare”

Sinopse: A vida pacata das mulheres na pequena vila é solitária. Até o dia em que certas pessoas chegam para mostrar o lado bom da vida. Encalhare nunca mais!

2004

86 Sigma 1: “A menina do diário”

Sinopse: A vida de uma adolescente pode mudar em segundos...uma história de amor e ódio com final surpreendente

85 Ipsilon 1: “Perdidos no Tempo”

Sinopse: Um adolescente, inconformado com as orientações de sua mãe, tendo possibilidade de viajar no tempo, descobre como era na época de seus pais e é surpreendido com situações características de um tempo que não é os seu.

84 Omega 1: “O Bem...a torrada...e o Mal”

Sinopse: Um seqüestro é investigado por um grupo de Heroínas, que é dificultado por Vilãs. O que prevalece entre as pessoas? O amor? O ódio? E a torrada?

83 Alfa 2: “Deu a Louca no Hospício”

Sinopse: Loucos, hippies, borboletas e personagens da história. Todos estão à procura de um tesouro escondido no hospício Alfaalfa. Onde está Wally? Pode o mudo falar? E o cego enxergar? Xis conseguirá livrar-se da sua personalidade?

82 Beta 2: “A maldição da Ostra”

Sinopse: Numa viagem entre amigos, o imprevisto acontece e o grupo vive situações misteriosas, o que o leva a desvendar um caso intrigante.

81 Gama 2: “ Quem matou Ken?”

Sinopse: Barbie, Suzi e Ken são personagens desta história que envolve alguns desaparecimentos. Será que alguém matou Ken?

80 Delta 2: “Que curvas são essas?”

Sinopse: Num colégio só para meninas, fatos obscuros acontecem, Meninos fazem planos e meninas guardam muitos segredos...

79 Alfa 3: “ A lenda de Sigurd”

Sinopse: A história de um jovem dinamarquês que após a morte de seus pais, terá que tomar a maior decisão da sua vida.

78 Gama 3: “ O show deve continuar”

Sinopse: Uma comédia entre conflitos, amores e traições, embalados por jazz e fortes emoções.

77 Beta 3: “Mistério no Velho Oeste”

Sinopse: A investigação do assassinato de um temido vilão movimenta a pacata cidade do Velho Oeste numa história bem-humorada.

76 Delta 3: “ Cartola, sapatilhas e malabares”

Sinopse: A vida no circo vai além do espetáculo...no circo também há espaço para as diferenças e grandes amores...

2003

75 Sigma 1: “Uma família quase perfeita”

Sinopse: A história conta o dia-a-dia de uma família que, entre conflitos e desentendimentos, adquire nova postura em relação à vida.

74 Omicron 1: “Amor em batalha”

Sinopse: Um romance impossível entre dois jovens que se conhecem durante uma guerra

73 Ômega 1: “A face oculta da mídia”

Sinopse: Um grupo de amigos passa por situações embaraçosas e tenta solucionar seus problemas inspirando-se na TV.

72 Ipsilon 1: “Adolescência conturbada”

Sinopse: Adolescentes em situação de preconceito refletem sobre ele e procuram supera-lo.

71 Gama 2: “O Vale desencantado”

Sinopse: Adolescente descontente com a sua vida descobre um mundo diferente que a faz refletir sobre a sua verdadeira identidade.

70 Alfa 2: “Farwood, uma Terra sem Lei”

Sinopse: Na Idade Média, um conflito entre dois povos e uma grande paixão podem mudar o destino de um reino.

69 Beta 2: “De volta para o passado”

Sinopse: Em meio a uma crise de identidade, um adolescente descobre em seu passado a solução para seus problemas.

68 Delta 2: “Eu...eu mesmo e o Oscar!”

Sinopse: Uma história bem-humorada sobre a premiação do Oscar.

67 Gama 3: “Só Deus Sabe”

Sinopse: Uma história bem-humorada sobre Moisés e seus “11 mandamentos”

66 Beta 3: “Em busca da esfera perdida”

Sinopse: Um mistério a ser solucionado através da viagem a mundos diferentes.

65 Alfa 3: “ Um mundo em 24 horas”

Sinopse: Uma aventura vivida em vários países durante a busca por uma nação perfeita.

2002

64 Ipsilon 1: “O amor é cego...e usa óculos”

Sinopse: Dois jovens completamente diferentes se apaixonam, vivendo um amor quase impossível em meio a situações divertidas.

63 Ômicron 1: “O segredo de Carolina”

Sinopse: Garota recebe um livro passado por várias gerações e descobre a história de uma bruxa da Idade Média.

62 Ômega 1: “ O julgamento”

Sinopse: Um jovem abandona a família para seguir sua carreira de cantor. Um acidente acontece e ele é levado a reavaliar muitas coisas de sua vida.

61 Sigma 1: “ Viver, sonhar e morrer”

Sinopse: A história de uma paixão mal resolvida de dois jovens, entre acontecimentos sociais e políticos dos anos 60.

60 Gama 2: “E foi assim...”

Sinopse: Uma versão ficcional e bem-humorada da criação dos sete pecados capitais

59 Alfa 2: “Depois do fim...será que acabou?”

Sinopse: A história engraçada de um jovem que, após ter morrido, é chamado no céu para cumprir a missão de proteger outro jovem na terra.

58 Beta 2: “ A ameaça fatal”

Sinopse: Um assassinato em uma festa traz à trama diferentes “super-heróis” para descobrirem, entre vários suspeitos, o responsável pela morte.

57 Gama 3: “O tráfico que deu sopa”

Sinopse: Grupo de alunos vivencia situações embaraçosas após se envolver em “tráfico” suspeito.

56 Alfa 3: “Asterix e Obelix fugindo do País das Maravilhas: uma visita ao mundo real”

Sinopse: Após a aventura de 2001, Asterix e Obelix decidem conhecer o mundo real e se envolvem em muitas confusões.

55 Epsilon 3: “Os 12 trabalhos da Épsilon”

Sinopse: Uma grande aventura entre deuses da mitologia grega e seres humanos apresenta uma sátira à história de Hércules.

54 Ipsilon 1: “O fantasma é o cabeludo”

Sinopse: Uma versão bem-humorada e criativa do clássico “Fantasma da Ópera”, com intervenções atuais e originais próprias da cultura contemporânea do adolescente.

53 Sigma 1: “Revolução Grande do Sul”

Sinopse: Um adolescente realiza um trabalho de aula sobre o Movimento Separatista do Rio Grande e descobre algumas características do Brasil que ele não conhecia.

52 Ômega 1: “Pára!Pára tudo”

Sinopse: Adolescente rejeitada no seu grupo de dança sonha com situações divertidas entre ela e seu príncipe encantado, onde ela é o centro das atenções.

51 Alfa 2: “Asterix e Obelix no País das Maravilhas – uma busca ao Eu”

Sinopse: Asterix perde seu Eu e viaja até o país das Maravilhas na tentativa de reencontra-lo e se depara com muitas surpresas.

50 Gama 2: “A...que pariu 3”

Sinopse: A história de “trigêmeos” separados no nascimento cujos destinos se entrecruzam na juventude, em meio a situações caóticas.

49 Epsilon 2: “Nós, que aqui estamos, por vós esperamos”

Sinopse: Uma história irreverente sobre o que existe entre o céu e o inferno e o que determina o destino do homem após a sua morte.

48 Gama 3: “O ato final”

Sinopse: As relações homem-mulher apresentados de diversas formas e em diferentes épocas.

47 Beta 3: “Vai ou nem?”

Sinopse: Adolescente alienado leva um choque na televisão e redescobre o sentido de sua vida.

46 Alfa 3: “A volta psicodélica de uma nota de 1 real”

Sinopse: Conforme o título, a história narra a trajetória de uma nota de um real e das pessoas que a recebem e passam-na adiante.

45 Delta 3: “Mulher, sim senhor!”

Sinopse: A partir da elaboração de um trabalho sobre o feminismo, uma jovem redescobre a vida de sua mãe e através dela conhece um pouco mais sobre a história da mulher nas últimas décadas.

2000

44 Alfa 1: “Brasil: Passado Quase Perfeito”

Sinopse: Habitantes futuristas do ano de 2500 encontram um livro do século XX e descobrem fatos pitorescos sobre a história do Brasil.

43 Gama 1: “555?”

Sinopse: A fictícia trajetória de Aipim Faz que Caminha, desde o Descobrimento do Brasil até os dias de hoje, tentando alcançar o sucesso como ator de televisão.

42 Beta 1: “ A grande viagem”

Sinopse: Um grupo de alunos, ao iniciar uma pesquisa sobre os 500 anos do Brasil, encontra uma máquina do tempo e vivencia algumas situações em períodos históricos anteriores.

41 Delta 2: “A verdadeira história sobre cães e gatos”

Sinopse: No final dos anos 60, jovens vivem o período da repressão, manifestações estudantis e liberação sexual.

40 Alfa 2: “Tinha que ser Português!”

Sinopse: Na tentativa de ir para o futuro encontrar a mulher dos seus sonhos, um português constrói uma máquina do tempo. Porém, ele faz alguma coisa errada que, ao contrário, o levará para o passado.

39 Beta 2: “O Descobrimento e as Mil e Duas Noites”

Sinopse: Tiago e seu avô lêem histórias para dormir e reinventam, de forma fictícia, o Descobrimento do Brasil.

38 Gama 2: “Esta Terra ainda tem dono”

Sinopse: Parte da história da política do Brasil, contada através de fatos da vida de um político gaúcho que vivenciou as grandes mudanças sociais do País.

37 Beta 3: “Ou não me chamo Daniela”

Sinopse: Revoltada com a direção da escola, em função das tarefas do Projeto “Brasil 500 anos”, Daniela resolve fazer um trabalho contando alguns fatos históricos... à sua maneira.

36 Alfa 3: “Jeitinho Alfa 3”

Sinopse: Uma criação irreverente que satiriza, entre outras situações, o Descobrimento do Brasil.

35 C 3: “Somos todos nós”

Sinopse: Motivados pela tarefa de encontrar uma figura histórica que represente “a cara do Brasil”, um grupo de alunos reinventa situações da história brasileira e de grandes personalidades.

1999

34 Gama 1: “Il Guerra do outro lado da história”

33 Beta 1: “Estória do Super “J””

32 Alfa 1: “Conflitos familiares”

31 Delta 1: “Acampamento de Verão”

30 C 2: “O mestre dos Tempos”

29 Alfa 2: “Do milho ao milhão...ou do milhão ao milho?”

28 Beta 2: “Boa pergunta!”

27 C 3: “Biografia não autorizada do Seu Rossi”

26 Alfa 3: “Um sonho de liberdade”

25 Beta 3: “A última missão”

1998

24 C 1: “A guerra dos sexos”

- 23 Alfa 1: “Mérilu, a rainha do Saloon”
- 22 Beta 1: “Confusões de adolescentes”
- 21 Alfa 2: “O diário do Apocalipse”
- 20 Beta 2: “Taitanique”
- 19 C 2: “Uma história de amor proibida – Parte 2, a Missão”
- 18 Alfa 3: “Nunca mais outra vez”
- 17 C 3: “Em busca da felicidade”
- 16 Beta 3: “A Odisséia Viking: -“De Viking e de louco todo mundo tem um côco...””

1997

- 15 Alfa 1: “O mistério das histórias infantis”
- 14 C1: “Uma história de amor proibido”
- 13 Beta 1: “Lembrança de amores”
- 12 Alfa 2: “Manuel e a história da humanidade”
- 11 C 2 a: “A morte tem 7 herdeiros”
- 10 C 2 b: “Um pássaro contra a vidraça”
- 9 Beta 2: “O Rei Arthur e o retorno de Jedi”
- 8 Alfa 3: “Halloween – o resgate dos sapos perdidos”
- 7 Beta 3: “A vingança do clonado”

1996

- 6 Alfa1: “O que mamãe nunca contou...”
- 5 Beta 1: “É depressão doutor!”
- 4 C1: “Visita a um país vizinho”
- 3 Alfa 2: “A Profecia”
- 2 Beta 2: “As histórias que nossas mães contavam”

1995

- 1 – x 1 e Y 1: “Memórias, metamorfose dos tempos”

ANEXO B

TEXTOS TEATRAIS SORTEADOS PARA A ANÁLISE

1 MEMÓRIAS: METAMORFOSE DOS TEMPOS

Narradores:

(de cortinas fechadas, anunciam o espetáculo)

Boa Noite. Nesse espetáculo, Memórias: metamorfose dos tempos, tentamos reunir passagens do nosso dia a dia, e também alguns aspectos da vida de vocês, nossos pais, em algumas situações importantes e outras cômicas. Será que houve metamorfoses entre as nossas épocas? Achamos que sim. Mas algumas coisas permaneceram, por exemplo, o gosto pela dança. Com vocês: o Tango!

Alunos apresentam Tango.

Narradores:

Mas como a vida não foi feita somente de tango, resgataremos uma parte de nossa época, com através do teatro...*luzes baixas, cena 2*

Cena 2 – na época dos pais...

Pai e quatro filhos sentados à mesa, a mãe chega com o Bule na mão:

MÃE – *(chamando a filha que não está na mesa)* Anda minha filha!

FILHA – *(respondendo)* Senhora!

MÃE - Vem tomar café senão tu vai te atrasar para o colégio minha filha...*(serve a todos na mesa, traz um pão colonial)*

FILHA – *(chega e senta com todos)* Bom dia!

TODOS – Bom dia!

(tomam café, o pai olha para um dos filhos que está de chapéu)

PAI – Tira esse chapéu meu filho, não sabe que é falta de educação comer de chapéu?*(ele mesmo tira o chapéu da cabeça do filho)*

FILHO – O café ta frio!

FILHA – Vamos indo senão vamos nos atrasar para a escola.

FILHA 2 – Vamos que a caminhada é longa!

(todos levantam da mesa e se despedem da mãe com um beijo) : Tchau mãe!

(o pai e o filho mais velho ficam sentados terminando o café, a Mãe chega para tirar as coisas da mesa)

MAE – E vocês?

PAI – Nós já estamos indo, vamos meu filho senão a gente vai se atrasar, pega o teu chapéu que o sol ta forte! Tchau! *(Levantam e saem de cena, a mãe fica recolhendo as coisas da mesa e arrumando a casa)*

Cena 3 – época atual

(uma mesa arrumada com uma garrafa térmica e copos ao fundo, uma menina dormindo. A mãe entra já arrumada, abre as janelas e chama a filha)

MAE Atual – Bom dia Camila! *(vira e sacode a filha para sair da cama)* levanta senão tu vai te atrasar e a mãe já tem que sair pra trabalhar! *(sai de cena e grita dos bastidores)* Camila, te levanta ligeiro!

FILHA atual – *(acorda resmungando, sonolenta, olha pra platéia e volta a dormir – seu irmão entra e liga um som alto, toma o leite direto na caixinha, ela levanta e vai tomar café da térmica, os dois saem apressados para pegar o ônibus)*

(alguns jovens aparecem numa parada de ônibus, comentando sobre uma prova, o “ônibus” chega e eles saem)

Cena 4 – Na escola dos tempos dos pais

(sala de aula, todos sentados comportados, o professor de terno com um régua na mão inicia a chamada ele chama um aluno que se distrai e não responde)

PROFESSOR – Roberto! Roberto! Vejo que o senhor está fazendo os temas!

ALUNO – É que eu esqueci os cadernos em casa!

PROFESSOR – Muito bem! *(brabo)* Continue assim que o Senhor vai muito bem! Mas me responda? Qual é a raiz quadrada de 49?

(Todos os alunos cochicham, o professor fica bravo e pede a mão de um dos alunos e dá bate com a régua na mão dele)

PROFESSOR – Vamos, responda, qual é a raiz quadrada de 49?

ALUNO - Onze!

PROFESSOR – O Senhor está ficando louco! Dirija-se ao quadro! Vamos faça a conta!

(O aluno fica escrevendo no quadro e dá umas olhadas para trás, fazendo gracinhas com os colegas, enquanto isso, o professor faz outra pergunta a uma das alunas)

PROFESSOR – Dona Áurea, me responda a raiz quadrada de 144?

AUREA – *(Levanta da classe e tira uma maçã da pasta)* – Eu trouxe uma maçã para o Senhor professor!

PROFESSOR – Muito obrigado, mas a questão não é essa, me responda então qual é a raiz quadrada de quatro?

AUREA – dois!

(som de tic-tac de relógio – toca a sineta)

PROFESSOR – Podem se dirigir ao recreio. Bom recreio para vocês! (dirige-se ao aluno que está no quadro) e você...só sai depois que concluir a atividade!

Todos saem de cena, o aluno fica sozinho. Apaga a luz.

Cena 5 – Na escola atual

(Professor faz a chamada, um aluno atrasado vai entrando com cara de sono, uma bolinha de papel voa)

PROFESSOR QUERIDO – Bom pessoal, vamos lá se preparem para a prova...separem as classes que é sem consulta! *(vai entregando as provas, um aluno dorme na classe ele chega perto e acorda)* Vamos cara, te liga! *(muito atencioso o professor chega perto do aluno sonolento)* Ô cara, vai até o banheiro, passa uma água no teu rosto, depois vai lá no ventilador da sala da diretora ta...

(a prova termina, todos entregam e entra outra professora)

PROFESSORA MAL HUMORADA – Alguém de vocês fez o tema? Alguma dúvida? Vou explicar!

(dirige-se ao quadro e explica enquanto os alunos levantam da classe e trocam de lugar, a professora se vira e xinga o aluno)

PROFESSORA – O que é isso Felipe?

FELIPE – Ah, professora eu só fui colocar o papel no lixo!

PROFESSORA – E ainda tu tem a petulância de me responder? Já pra sala da diretora!

(continua explicando para os demais alunos, som de relógio, toca o sinal para o intervalo)

Cena 6 – Hora do almoço na colônia

(a avó aparece sentada fazendo tricô, o pai e o filho mais velho chegam e sentam-se à mesa)

FILHO – Pai, o senhor não disse que era falta de educação comer de chapéu na mesa?

PAI – *(dá uma bofetada na cara do filho)* – Mas que falta de respeito com o teu pai? Isso é pra ti aprender!

(os irmãos chegam e cumprimentam a avó, a mãe serve o almoço, os filhos contam para os pais o que aconteceu na escola, o pai manda falarem menos e almoçar)

FILHA – Vó, a senhora não vem almoçar?

VÓ – (surda) HEIM? (e continua sentada fazendo tricô)

MÃE – Gostaram do almoço?

FILHA – Sim mãe, eu vou ajudar a senhora a tirar e lavar a louça, depois vamos estudar um pouco *(saem de cena com os pratos)*

PAI – *(para o filho mais novo)* e tu? Vai ajudar o teu irmão no trabalho!

FILHO MAIS NOVO – Ah, pai!*(reclamando)*

PAI – Chega de ai e te mexe!

FILHO – Pai, pega o teu chapéu!

PAI – *(bravo)* Não precisa me dizer o que eu tenho que fazer!

(a avó permanece na cena fazendo tricô, levanta, olha para a platéia e..)

VÓ – Heim? *(sai de cena)*

Cena 7 – Almoço atual

(Alunos no restaurante, comendo no buffet a quilo, reclamando da comida, procurando lugar para sentar no restaurante cheio)

ALUNA 1 – Nossa, eu já to cansada, os estudos são muito puxados!

ALUNA 2 – É e ainda temos mais 5 aulas hoje, ainda bem que é quinta-feira!

ALUNO – Nossa, olha o horário, vamos senão a gente vai se atrasar!

(levantam apressadamente e saem de cena, uma aluna fica em cena)

ALUNA – Domingo é dia das mães...e eu ainda nem sei o que vou dar de presente pra ela..pensa..ah! já sei! *(Sai de cena correndo)*

Entra uma das narradoras e lê uma mensagem de dia das mães.

Outra aluna toca a música Imagine, no teclado. Todos entram e agradecem.

FIM

2 O VALE DESENCANTADO

Cena um

NARRADOR – Das colinas bem distantes, os Telletubies vem brincar...

(entram os Telletubbies e fazem a pequena encenação característica)

NARRADOR – Opa! História errada!

TELLETUBBIES – História errada!história errada!...

(a Pó se revolta, tira a máscara da cabeça e joga no chão)

PÕ – Tá tudo errado nessa história mesmo! Eu desisto!

NARRADOR – É hora de dar tchau!

TELLETUBBIES – Tchaaau!

Cena dois

VOZ - Xena estava lendo um livro de quinta categoria no seu moquifo...

XENA –Nossa, que livro bom, excelente!

VOZ – Quando de repente...Kabum!

(black-out. A luz retorna devagar, Xena aparece perdida..)

XENA – Onde estou? Que lugar é esse? *(nesse momento, vem entrando os anões grandes e metidos)*

XENA – Quem são vocês?

ANÃO 1 – Nós somos os dois anões!

XENA – Desse tamanho?

ANÃO 2 – É que nós tomamos muito chá de taquara, que faz crescer!

XENA – Ei, esperem aí, querem me explicar onde é que estou? Falando com dois anões, que não são anões, eih, mas não eram sete?

ANÃO 1 – Olha só o que aparece na nossa casa..

ANÃO 2 - Já não chega aquela Branca de Neve que só queria comer às nossas custas..

ANÃO 1 – Isso é culpa sua que não pode ver uma princesa por aí que já quer levar pra casa...*(os anões começam a discutir, Xena tenta falar, mas não consegue)*

XENA – Dá pra me ajudar?!

ANÃO 1 – Nem pensar, fora daqui!

ANÃO 2 – Fora, fora...

Cena Três

NARRADOR – Perdida numa densa floresta, Xena começa a se desesperar....

(entra a Bela Adormecida..vendendo coisas)

BELA ADORMECIDA – Tenda da Bela Adormecida! Tenda da Bela Adormecida!
Camisetas...Verde..amarelas....vermelhas...Quer comprar?

XENA – Uma vermelha e uma amarela!ai, são todas lindas! *(Xena se dá conta do que está fazendo e para...)* Eih? Espera aí! O que eu to fazendo? Quem é você e que lugar é esse?

BELA ADORMECIDA – Ai..que chata, quanta pergunta! Isso vai lhe custar caro...Eu sou a Bela Adormecida, tenho que andar rápido...já dormi muito tempo...vai saindo...e você..está num vale!

XENA – Ah, ta! Obrigada!

BELA ADORMECIDA – *(volta correndo)* obrigada, nada, são dez barões! Rápido, preciso correr!

(Xena dá o dinheiro e ela sai de cena)

Cena quatro

(entram Branca de Neve e Cinderela fofocando...Xena se esconde para ouvir...)

CINDERELA – Que sapatinho de cristal que nada! Aquele príncipe teve o que mereceu, não largava do meu pé!

BRANCA DE NEVE – Aqueles anões! Me expulsaram de casa! Vê se pode, queriam que eu, tão delicada e pura, estragasse minhas unhas trabalhando naquela casa!Isso vai ter troco!

(Barbie e Rapunzel chegam e elas se cumprimentam)

RAPUNZEL – Vocês nem imaginam o que aconteceu hoje, aquele príncipe ficou me enchendo...imaginem que queria que eu deixasse ele subir pelas minhas tranças!...logo eu que passo os dias arrumando meu cabelo, que petulância!

BARBIE – Meninas, vocês não sabem da última! O Ken me triu de novo com a Barbie Feliz Aniversário e a Barbie Surfista! E depois eu peguei ele brincando de médico com a Barbie Médica! E aquela Suzie plastificada ficou dando em cima dele! E ele ainda me pediu meu carro rosa pra sair com elas!

(Rapunzel acha uma espinha no rosto e elas ficam todas apavoradas...Xena aparece)

XENA – Eih! Com licença? Por favor...com lince..(se irrita porque elas não pararam de conversar)..CHEEGA! *(todas olham)* vocês poderiam me explicar que lugar é esse? E como é que eu faço pra sair daqui?

CINDERELA – Você está num Vale que perdeu o encanto! Mas como você veio parar aqui, só os sábios sabem que esse lugar existe!

BRANCA DE NEVE- E sobre como sair daqui...te vira!

(a cena é interrompida quando a Bruxa entra com maçãs e oferece...)

BRUXA – Olha a Banca da Bruxa! Barraquinha da Bruxa! Maçâsinhas verdes, amarelas, vermelhas! *(para Branca de Neve)* está como fome queridinha? Você parece tão branca! Prove uma maçã!

BRANCA DE NEVE – *(pega a maçã e saboreia)* Hummmmm!

BRUXA – Coma, coma...opa! Espere, pague antes de mor...

(Branca de Neve cai dura no chão)

BRUXA – Eu não acredito! Morreu antes de pagar! Assim não dá, eu sempre fico no prejuízo!

(sai de cena)

Cena seis

NARRADOR – E Xena continuou vagando pelo vale sem saber o que fazer...até que..

XENA – E agora...o que mais falta ainda acontecer?

(Entra o grupo Rouge dançando – logo em seguida entra um contra-regra e manda todos saírem do palco..Xena fica ainda mais perdida)

NARRADOR –Vagando perdida e desprotegida num lugar tão estranho, Xena chega as terras úmidas e frias da floresta do vale, quando...*(Aparecem Chapeuzinho e a Bela conversando enquanto dois porquinhos, que chegam cantando).*

CHAPEUZINHO – Oi, onde vocês vão?

PORCO 1 – Vou construir a minha casa de madeira!

PORCO 2 – Vou construir a minha casa de tijolos!

BELA – Mas não eram três porquinhos?

PORCO 1 - Éramos, mas a casa era de palha, pegou fogo e ele não conseguiu se salvar...

PORCO 2 –E virou lombinho defumado!

PORCO 1 –E vocês, onde vão?

BELA – Nós?

PORCO 2 –Sim, vocês!

BELA –Vamos encontrar nossos namorados...o meu é o Lobo Mau! Ai, aqueles olhos, aquele bocão, aqueles pelos todos!

PORCO 1 –Mas não era ele quem queria matar a sua avó?

CHAPEUZINHO – Isso foi fase, sabe como é a idade do lobo! Agora ele só quer a mamãe aqui!

PORCO 2 –E o seu Bela?

BELA –O meu é a fera!

CHAPEUZINHO –Ai que sortuda! Aqueles dentões deixam qualquer uma louca!

PORCO 1 –Bem, vamos embora! Tchau!

(Os porcos saem cantando e as meninas dão tchau).

Cena oito

NARRADOR –Xena começa a ficar perto das respostas para as suas perguntas e descobre que seu tempo é curto.

XENA –Meu Deus! Que lugar mais louco! Como eu pude vir parar aqui? Ah, já estou tão cansada! (*Caminha bocejando e dorme. Uma árvore que está ao fundo a chama:*).

ÁRVORE 1 – Olá Xena! Xeeena! (*Xena acorda*).

XENA – Quem são vocês?

ÁRVORE 2 –Somos árvores sábias!

XENA – Vocês?

ÁRVORE 1 –Tá duvidando?

XENA –Não, imagina, desculpe, mas é que eu estou tão perdida! Disseram-se que somente vocês poderiam me dizer onde estou e me explicar como sair daqui!

ÁRVORE 1 –Nós somos aqueles que tudo sabem e tudo vêem...

XENA – Então, me responda, onde estou?

ÁRVORE 1 –Você já deve saber que entrou num vale, onde poucos entram e poucos saem.

ÁRVORE 2 –Este vale era encantado e o encanto se perdeu.

XENA –E o que é que eu tenho a ver com isso?

ÁRVORE 1 –Se você está aqui é porque foi escolhida! Só você poderá trazer o encanto de volta a esse lugar!

ÁRVORE 2 –Somente com o encanto a saída se abrirá e você terá que fazer uma importante escolha.

XENA –Mas onde foi parar esse encanto?

ÁRVORE 1 –Você vai achar, acredite. Você tem até a meia-noite da última festa para achá-lo!

XENA –Mas onde é essa festa?

ÁRVORE 2 –Nem todos nesse vale perderam a pureza. Você vai encontrar quem te ajude. Agora vá...e ajude a recuperar o encanto do vale!

(*Xena caminha pela floresta e ouve alguém cantar...Pocahontas entra cantando*).

POCAHONTAS –How! Algo me diz que você faz parte dessa história, mas *quem ser você?*

XENA –Eu já não entendo mais nada, meu nome é Xena, e eu não tenho nada a ver com isso!

POCAHONTAS –Você tem certeza de não pertencer a esse mundo?

XENA –Eu acho que sim, meu lugar é lá fora, no mundo real, vivendo em uma sociedade que talvez tenha perdido o encanto também, mas é lá que eu devo ficar.

POCAHONTAS –Mas se você ser tão feliz, por que veio parar aqui? Sua missão ser encantar este mundo, fazer a vida acontecer novamente!

XENA – Será? Nem eu sei mais o que fazer, sinto que tenho que ficar, mas ao mesmo tempo, desejo ir!

POCAHONTAS –Por acaso você quer ir a festa de hoje? Sim, a festa pode ser a sua resposta! Venha, ainda há tempo, deixe seu coração falar mais alto!

(Entra um personagem vestido de coração).

CORAÇÃO –Isso, Xena, vá à festa, ta esperando o quê?

(Empurra ela pra fora da cena).

NARRADOR –Xena desesperada não sabe o que fazer para encontrar a festa!

XENA –Ai, aquela Pocahontas, só me deixou mais confusa, agora eu nem sei como sair desse lugar maluco! E então, quem poderá me defender? *(Repete)* Quem poderá me defender?

CHAPOLIN –Ai, que saco! Eu não agüento mais ser chamado para essas histórias. Ta, o que é que você quer?

XENA –Não, nada demais...eu apenas tenho que salvar o encanto deste vale maluco...primeiro encontro dois anões enormes, depois a Bela adormecida com insônia, árvores que falam, e até uma india desafinada...

CHAPOLIN –*(Olha para a platéia)* Nossa, se revoltou!

XENA –Olha aqui! Você faça o favor de me levar logo para essa festa!

(Toca uma música. Cena de transformação de Xena para a festa).

(João e Maria estão cochichando num canto)

JOÃO –Calma Maria! Com esse encanto que roubamos, nossos pães farão o maior sucesso, serão os melhores do vale!

MARIA –E nós seremos os melhores padeiros!

(Xena e Chapolim escutam e os surpreendem).

XENA –A há!então foram vocês que roubaram o encanto do vale!

JOÃO –Achado não é roubado!

MARIA –Quem perdeu é relaxado!

(Xena pega a marreta do Chapolim e derruba os dois).

XENA –Chega, agora, vamos para a festa, pegue o pote do encanto, corra...

(Eles chegam na festa e todos estão parados e tristes).

XENA –Já sei o que fazer!*(abre o pote, todos mudam e inicia uma valsa, todos dançam).*

ALGUÉM –Xena, olhe, o portal vai se abrir, você tem que correr, vá!

(O portal se abre, toca a música em câmera lenta, Xena corre de mãos dadas com o CORAÇÃO)

TODOS – 5...4...3...2..(*o portal desaparece*).- AAHHHHHH!!!

POCAHONTAS –Não fique triste Xena, seu lugar é aqui! Talvez ainda não seja a hora certa de partir, é precioso descobrir realmente o que se quer.

XENA –Acho que nunca vou saber quem realmente quero ser.

POCAHONTAS –Todos temos dúvidas e somente o tempo poderá responê-las. Olhe para esse lugar, o encanto voltou por sua causa, e é assim que somos, encantados, cada um com o seu dom e isso é o mais importante!

(A cortina vai se fechando, entra os Telletubies e falam:

TELLETUBBIES –Esperem, ainda não acabou!

CHAPOLIN – *(Lê uma mensagem sobre as coisas gostosas do encanto da infância)* –Ih! Ta anoitecendo no Vale! Dorme em paz criança querida, vamos pensar em coisas lindas até o amanhecer.

FIM

3 BRASIL, UMA NAÇÃO IMORTAL

CENA 1 – Descobrimento do Brasil

(Começa com a dança tribal e Pedro Álvares Cabral interrompe a dança e coloca uma bandeira de Portugal no meio do palco).

P.A.C: Achei! É meu!

(Os índios se assustam, se reúnem e chega o pajé).

PAJÉ: Uga, uga!

P. A.C (Solta uma gargalhada).

P.A.C: O que vocês fazem na minha terra?! Isso me pertence! E vestidos desse jeito?

PAJÉ: Uga, uga!

P.A.C: Por favor, dá para falar português?

PAJÉ: Uga, uga! *(Fazendo sinal de pare e juntando a tribo num canto do palco).*

(Esposa de PAC se olha no espelho e uma índia vai até ela curiosa, se assusta e sai correndo. Nisso aparece a sua bunda e homens saem correndo atrás. Esposa, não querendo ficar sozinha, vai atrás também).

(Pajé reúne a tribo e começa a falar).

PAJÉ: Minha tribo, mim se fazer para português troxa, eles pensar que nós não entender o que eles quer. As coisas vai mudar. Mas nós ficar tranqüilo, nós fumar cachimbo da paz.

(Todos dançam em círculo com a dança e a música Cachimbo da Paz).

ALINE: Pajé, onde mim apagar cachimbo?

PAJÉ: Ah! Apagar? Apagar... no chão!

TODOS: No chão?!

(Dancinha do chão chão! Começa o gelo seco, apagam-se as luzes e a Mari - Futuro entra com o canhão seguindo ela).

(Mari entra toda prateada, com uma placa do ano na mão).

MARI (1822): E realmente os portugueses tomaram conta daquela terra. Mas só depois de 322 anos...

CENA 2 – 1822, Independência.

(Apagam-se as luzes. Mari entra).

MARI (1940): Passaram-se 10 anos. Com o retorno de Getúlio ao poder, o país voltou ao desenvolvimento sob o patrocínio do Estado, através de benefícios privados como, por exemplo, a Petrobrás.

CENA 4 – Guerra - 1940

(Duas luzes focadas no palco. Primeiro na mãe e no Brasil que fala)

BRASIL: Mãe, quando papai vai voltar?

MÃE: Logo Brasil... Logo...

(Entra turista batendo foto de tudo, com uma fotografia de guerra na mochila)

TURISTA: Chucrutis! Chucrutis! *(bate uma foto)* Foto? Foto?

(Cassina fica cego com o flash e é atingido por uma bala).

(Carlo toca violão enquanto mudamos de cena)

MARI (1958): Nesta época, veio à tona o samba o choro e...

CENA 5 – Twist e Bossa Nova – 1958

(a cena acontece num barzinho, com Tom Jobim tocando violão e chega o Brasil que se direciona para a mesa onde estão seus amigos. Do outro lado, sentadas em outras mesas estão as meninas)

JEAN – E aí, Brasil, qual é o pastel? (enquanto isso, Brasil cumprimenta os demais)

BRASIL – Tudo jóinha, gurizada medonha.

MAX – Vocês viram que agora a seleção é campeã?! (Mostrando a camisa do Brasil)

BRASIL – Sim, que orgulho! Muito bacana.

JEAN – Ah! Grande África, to mais preocupado com Jucelino Kubisheck e essa nova capital que ele está querendo fazer. Acho que não vai dar muito certo.

BRASIL – Fecha a matraca, hoje vamos nos divertir, não nos preocupar. Ei, ei, olha naquela mesa, que menina mais linda!

MAX – Qual delas, a leda? Ela é Miss Brasil...

BRASIL – Não... a do lado...

(luz na mesa onde estão as meninas)

MOGUI – Ieda! Como vão os preparativos para o concurso Miss Universo?

IEDA – Nossa meninas, estou numa correria! Mal tenho tempo para me divertir, hoje foi um dia especial.

NATI – Ai meninas! Esse novo estilo de música é o máximo! Como eu adoro a Bossa Nova!

MILA – É verdade, nada melhor que iniciar a noite com uma Bossa Nova e terminar remexendo o esqueleto com um twist.

(Nisso termina o show do Tom que fala para o público)

TOM JOBIM – Muito obrigado pela presença de todos e agora fiquem com o twist! Solta a eletrola aí gente! *(Tom vai dançar o twist também)*

(Começa o twist. Brasil tira a Tutti para dançar. No término da dança:

BRASIL: Qual é o seu nome?

RORAIMA: Meu nome é Roraima, e o seu?

BRASIL: Meu nome é Brasil. Adorei dançar com você, podemos nos ver novamente?

RORAIMA: Ai... não sei... ta... pode ser.

CENA 6 – 1964

(Brasil e Roraima estão vendo TV e em todos os canais só fala da ditadura e da morte de Getúlio).

BRASIL: Não agüento mais essa ditadura, não podemos mais fazer nada, nem falar alto nós podemos.

RORAIMA: È verdade, a situação de todos está cada vez pior, as pessoas ficam limitadas a tudo e muitas desaparecem! Porque você não desliga a tve põe pra tocar o três em um, é bem mais agradável!

(Brasil liga e começa a tocar Cálice do Chico Buarque, de repente alguém bate com muita força na porta. Brasil desliga o rádio, vai até a porta e quando abre é um militar).

MILITAR: Senhor Brasil?! *(olhando tudo que há na casa)*

BRASIL: Sim, sou eu.

MILITAR: A polícia federal chamou você para... *(pega sapatinho de crochê e olha para barriga dela)*

MILITAR: Você é um cara de sorte *(fica com pena do casal e vai embora sem leva-lo).*

MARI – Foram muitas ameaças como essa que ocorreram em diversas famílias, mas nem todas tiveram a sorte de se salvar e até hoje não se sabe o paradeiro delas. Além de sofrer as conseqüências da ditadura, as pessoas tinham de trabalhar pesado na terra, pois ela era uma das únicas fontes de renda para as famílias.

CENA 7 – Trabalho 1964

(Começa com muitas pessoas trabalhando numa lavoura, inclusive Roraima, e Brasil).

NATI D.: Como seria fácil se tivéssemos máquinas para ajudar no trabalho.

DIANA: Também acho! O trabalho braçal está cada vez mais pesado, exigem muito da gente sem nos garantirem um bom salário de recompensa.

JOW: Mas isso está longe de acontecer, as máquinas estão muito caras.

(Isaura chega cantando uma música de colônia):

ISAURA: Olha a marmitta aí gente!

(Os trabalhadores se reúnem para comer. No meio da refeição, Roraima sente as dores do parto).

RORAIMA: Gente! Socorro! Estou sentindo muita dor! Vai nascer alguém me ajuda!

(As pessoas ficam ao redor dela e Isaura se prontifica para ajudar no parto)

ISAURA: Pessoal! Pessoal! Pó deixar comigo que eu já to com prática nessas puxadinha.

(Quando nasce, Isaura mostra para tutti, repete a cena do Rei Leão e entra o filho para o Brasil, que a segura no colo)

BRASIL: Minha filha! Vai se chamar... Brasília!

MARI (1983): Brasil e Brasília foram crescendo. Nesse meio tempo muitos governos passaram: Castelo Branco, aprovando as votações indiretas; Ernesto Geisel. Que criou o “pacote de abril” e João Batista Figueiredo, que voltou com as eleições diretas. Mas em 1985, muitas revoluções tomaram conta do país, era o governo Sarney.

CENA 8 – Diretas já - 1983

(Começa no meio da greve para as eleições diretas com placas) “ BRASIL UNIDO QUER DIRETAS JÁ” “DIRETAS JÁ”

TODOS: Diretas já! Diretas já!

BRASÍLIA: Meu povo! Nós estamos aqui para conquistar nossos direitos como cidadãos e não iremos Diretas já!

(Chega o policial).

POLICIAL: Você que é a Brasília?

BRASÍLIA: Sim, sou eu!

POLICIA: Acabe logo com isso se não a gente mata todo mundo!

BRASÍLIA: A gente não sai daqui sem conseguir nossos direitos!

POLÍCIA: Isso não adianta nada! Vocês só vão se machucar e perder tempo. O povo não manda no governo!

BRASÍLIA: Você também tem esse direito. Porque não luta por eles?

POLÍCIA: Eu ganho o meu sustento pra defender o governo.

(Os dois se apaixonam).

MAURÍCIO: Vamos acabar logo isso! – Apontando a arma para o povo agressivamente.

POLÍCIA: O que você está fazendo? Você vai matar o povo que está lutando pelo nosso direito?

MAURÍCIO: Ah! Agora tu está defendendo eles?

(Maurício tira a arma do bolso, mas pega no bolso errado e tira o chicote da tiazinha. Fica constrangido e acerta o bolso depois. Tenta agredir o povo mas é impedido pelo policial que o faz desmaiar).

POLÍCIA: Fugam todos que logo logo mais tropas virão para cá e aí sim ninguém sai vivo!

(Puxa Brasília para fora do palco enquanto os demais correm).

MARI (1995): *(Lê o poema do Carlos Drummond de Andrade).*

CENA 9 –1995 – Parquinho

(Começa num parquinho com o Jean/Policial e a Brasília sentada num banco. A Mila estará brincando ao lado com a amiguinha Deise).

JEAN: Ai amor... Quem diria que no meio daquela revolução eu encontraria o amor da minha vida.

BRASÍLIA: É verdade... quem diria que eu conseguiria converter um militar do governo.

JEAN: Amor, você viu a nova escola que abriu? Cetec é o nome.

BRASÍLIA: Sim sim! Mas é só de ensino médio, quem sabe daqui a 10 anos nossa filhinha estude lah.

JEAN: Nossa... como esse tempo passa ano que vem nossa filhinha estará na 1ª série.

MILA: Papai! Mamãe! Olha o bonequinho que eu fiz!

BRASÍLIA E JEAN: Que lindo filha!

*Mila sai e volta para falar com a amiguinha.

MILA: Eu quero crescer logo! Quero ser que nem minha irmã que está entrando no CETEC esse ano.

DEISE: É verdade tomara que esse tempo passe logo.

CENA 10 – 2006 – CETEC

(Começa com a Brasília levando a Mila pro colégio).

MILA: Mãe! Pelo amor de Deus, não me deixa na porta do colégio!

BRASÍLIA: Ai filha que frescura.

(O carro pifa bem na frente do colégio. A Mila desce do carro emburrada).

MILA: Ai ninguém merece.

BRASÍLIA: *(Buzina)* Filhinha! Filhinha! Você esqueceu o beijinho da mamãe!

MILA: Ai mãe! Eu já estou no 2º ano e você ainda quer me dar beijinho?!

BRASÍLIA: Ai filha... é que eu vou ficar a semana sem te ver mesmo...

MILA: Não mãe, eu volto pra casa pra dormir.

BRASÍLIA: Tah filha... estuda direitinho.

*Mila entra e vai em direção ao bolinha de gurias sentadas.

MILA: Bom dia gurias! *(cara falsa)*

JULI: Bom dia só se for pra ti ô idiota! Parece que não tem nada pra fazer! *(relincho de trás das coxias).*

NATI: Biologia! Nãoooooo!

*Juli/trilhas, Cristiane/física, Tutti/química.

MILA: Gurias! A gente esqueceu de entregar o trabalho....

TODAS: Ahhhhhhhhh!

MILA: ... de filosofia... brincadeira! É pra semana que vem! Gurias?! Gurias?! *(silêncio)*

*Mari entra.

MILA: não... PARE!

(Começa a tocar a música do Guarda do Leandro e Leonardo. Entra Carlo e Jean vestidos de sertanejo segurando um buquê de rosas e interagindo com o público).

CENA 11 – Retrô

(Didi, Mogui e Juli conversando).

DIDI: Será que vale a pena todo esse esforço? Será que a gente tem um futuro?

MOGUI: Pois é... como será que vai ser o futuro?

(Congela e entra Aline no futuro).

ALINE: Ai meu Deus! Quantos compromissos. Isaura! Prepara o meu banho que já estou me teletransportando pra casa.

ISAURA: Ó xenti! Pedido de banho ativado.

ALINE: Ai ai! O que seria de mim sem o meu invisible book...Quando eu era mais jovem, imaginava que a vida seria mais difícil. Hoje tudo esta substituído pela tecnologia. Está tudo tão perfeito! (*Joga garrafinha no chão*).

(*Congela a cena e entra a Mari*).

MARI: Quem disse que vai ser assim?

(*entra Sha, vinda do futuro, em estado deplorável, olhando a garrafa de água no chão*)

SHAI: O que é isso? Meu Deus, uma garrafa de água jogada no chão!(olha para os lados) Mas que lugar é esse?(olha para Juli) olha o seu cabelo! Como você lava? Quando a água acabou em 2050, todos tiveram que raspar seus cabelos. Por que você não? E olha a sua pele? Que saudável! Muitos de nós morreram desidratados e pessoas com 20 anos têm aparência de 50. Por que está tudo assim?

JULI – Que 2050, nós estamos em 2006!

SHAI – Não, mas...Então foram vocês que fizeram isso comigo!

JULI – Isso o quê?

SHAI – Eu venho do ano de 2070 e não sei porque vim parar aqui, só sei que vocês acabaram com a água porque não preservaram o meio ambiente.

JULI – Para com isso! Duvido que isso vai acontecer por nossa causa!

SHAI – Mas quem mais poderia ser? Me diz..quanto tempo você demora no banho?

JULI- Ah..uma meia hora..

SHAI: O que? Eu me lavo com toalhas umidecidas em azeite mineral.

JULI: Iughi! Nossa, mas a gente usa o azeite para se alimentar. Então o que vocês comem?

SHAI: Nossa comida é 80% sintética e não podemos beber mais que meio copo de água por dia.

JULI: Mas a água da chiva não resolve esse problema?

SHAI: Sim, chove bastante, mas a chuva é ácida por causa do aquecimento global.

(*Tutti acorda*).

TUTTI: Aquecimento global?! Desculpa aí pessoal mas eu to mal em biologia e eu preciso explicar isso pq o Duso tah me assistindo...

(*volta Juli e Shai*).

JULI: Capaz, isso nem vai dar em nada, talvez eu nem esteja viva até lá.

SHAI: Acorda! Olha tudo que está acontecendo. Vocês estão tendo a última chance de mudar esse final, não percam isso.

JULI: Ta, mas não fui só eu que deixei isso acontecer. Todos nós fomos responsáveis! Desde a colonização até os dias de hoje.

(som de Fita rebobinando. Entra Carlo com o pau Brasil nos braços).

CARLO: Ainda bem que aqueles índios saíram... Vou ficar muito rico nessa terra!

DIANA: Ai que terra nojenta! Vou mandar matarem todos esses animais!

SIMONE: *(Carregando as fotos que bateu na guerra)*

JOW: Vamos pessoal! Temos que queimar todo esse campo até o final da tarde para poder plantar direitinho amanhã.

DEISE: São minhas balas favoritas! Acho que vou comprar mais!

MILA: Ah, mas não é pra jogar os papeis no chão.

DEISE: Ai é um papelzinho de bala, nem vai fazer diferença...

MARI: Poiseh... mas fez muita diferença... *(Aponta para Shai)* vocês estão tendo o poder de escolha do futuro que vocês querem viver. Ou este *(apontando para Shai)* ou este *(apontando para Lilo)*. Pensem bem.

*Mari, Shai e Lilo saem de cena e volta para a realidade.

JULI: Como vai ser o nosso futuro? Do jeito que a gente escolher!

MOGUI: Que é isso? Ta filosofando agora? *(jogando latinha de coca no chão)*.

JULI: Que é isso eu que pergunto! Já pensou se todo mundo decidir jogar uma latinha dessas no chão? Não vamos destruir tudo que os nossos avós construíram de bom até hoje né? Vamos se ligar gurias!

DIDI: Ih! Tah bem loca... Vamos pra aula.

MOGUI: Ah... mas se tu for ver ela está certa *(juntando a latinha do chão e colocando no lixo)*. Vamos pra aula gurias.

FIM

Todos entram e cantam a música do Lulu Santos

4 SÓ DEUS SABE

1º Cena

Cenário: Monte, tábuas da lei e penas.

Moisés está no monte Sinai.

Deus – Moisés... Vou lhe mostrar os 10 mandamentos que deverão ser seguidos pelo teu povo anote-os:

1º Amar a Deus sobre todas as coisas

2º Não tomar seu santo nome em vão

3º Guardar domingos e festas

4º Honrar pai e mãe

5º Não matar

6º Não pecar contra a castidade

7º Não furtar

8º Não levantar falso testemunho

9º Não desejar a mulher do próximo

10º Não cobiçar as coisas alheias

Ao chegar o 11º a fita “enrola”.

Moisés - O que ? Qual que é o 11º? Não escutei!

Moisés se abaixa para pegar uma pena que está no chão e um raio o atinge.

Deus – Esta é a tua missão...

2º Cena – Hospital

Cenário: Cama e placa de hospital

Moisés acorda meio tonto

Moisés – Qual que é o décimo..Hã!?!?

Enfermeira – Que foi meu bem...Tenha calma!

Moisés – Que lugar é este? O que é que eu estou fazendo aqui?

Enfermeira – Isso aqui é um hospital e você vai tomar um “guit” no bumbum!

Moisés – Um “guit”? No bumbum?

A enfermeira mostra a injeção gigante e Moisés sai correndo.

3º Cena – Rua

som(barulho de carros)

Cenário: Prédios e carros

Mendigo – Aê Moisés ...Passa o cajado...heheh...Moisés...Meu Deus!Moisés...Um cajado...

Moisés – De onde você me conhece?

Mendigo – Da bíblia né!?!Hehehe...Onde mais!?!

Moisés – Bi... oq?

Mendigo – Bi-bli-a ...Aquele livro...sagrado...escrito pelos apóstolos..Sansão, Adão e Eva, Água que vira vinho, cego que começa a enxergar, um tal de seu Rossi, os 10 mandamentos...

Moisés- 10 mandamentos...Que 10 mandamentos que...Na realidade são onze:Amar a Deus sobre todas as coisas, não tomar...(O mendigo interrompe)

Mendigo- Hahahah...Boa essa em Moisés...Gostei do teu senso de humor...11 mandamentos!

Moisés – Mas é verdade...

Mendigo – Tá bom, então qual que é o 11º?

Moisés – É, é ...hã...Eu não estou conseguindo lembrar...

Mendigo – Sabe quando tu vai achar o 11º mandamento? Só no dia de São Nunca!
Caem dois São Nunca e começam a fazer como se estivessem na frente de um espelho. Até que descobrem que na realidade são dois e levam um susto.
São Nunca brasileiro - “Peraí”... Quem é você?
São Nunca português - Eu sou o São Nunca!
SNB- Nada disso , eu sou o São Nunca!
SNP – não eu sou o São Nunca...
SNB- Nem pensar , eu sou o São Nunca e ponto final
SNP- Nananinanaun...eu sou o São Nunca
SNB- Então vamos decidir num duelo
SNP- Duelo de?
SNB- piadas...
SNP- Aceito!
Cenário: Mesa e 2 cadeiras
Os dois sentam em uma mesa e começam a duelar...
SNB – Já que estamos empatados, só nos resta uma única opção!
SNP- Qual?
SNB – Um duelo de Santo para Santo...
SNP – Muito bem ..se esta é a única opção...vamos!
Começam a se distanciar contando porém o português se atrapalha com os n°s e o brasileiro atira.
São Nunca- Eu sabia que eu era o melhor...(Ele volta-se para trás e vê Moisés)
Moisés- Nunquinha?
Nunca - Zézinho
Mendigo – Zézinho?
Moisés – E aí cara...como é que vai?
Nunca – Tudo tranquilo...Na santa paz do chefão...
Moisés – Então tá tranquilo...
Nunca – O que é q tá fazendo por aqui?
Moisés- “Uésai”...”sartei” pra longe...hehe
Nunca – Ah meu amigo...bom e velho Moisés...é tu mesmo...mas na boa...que andas fazendo por estes lados?
Moisés- Tu sabe que eu não sei! Eu tava lá no deserto, recebi uns mandamentos, levei um raio e tô aqui...
Nunca – Bom , por nada não é não?! Então vamos perguntar pro responsável(aponta pra cima)

4º Cena- Céu

Som: música céu

(Juliana dançando)

Sobem aos céus e são recebidos por Maria madalena.

Nunca- Grande Maria Madalena arrependida...hehe

Maria- Nunca tu sabe que eu não gosto que tu me chame assim!

Nunca – Tá bom MARIA..Tá bom...Como é que tá tudo aqui em cima/

Maria- Tá tranquilo...e lá embaixo?

Nunca – Beleza...Posso falar com o superior?

Moisés – Espero que não!

Cenário: Placa “Depois de alguns minutos...”

Sereia- Olha lá a nossa estrela cadente!(A estrela está passando correndo)

Moisés- Pode deixar, ela não me escapa!

Moisés passa um tranque na estrela, há uma briga , e fazem montinho na estrela.

Moisés- Escuta aqui: Eu tava lá no monte Sinai, e recebi 10 mandamentos, mas na realidade eram onze, daí eu vim pra terra e preciso achar esse 11°...

A estrela olha para os lados, olha para o público e si correndo gritando:

- Eu não sou uma estrela, eu sou um camarão, eu sou um camarão!(e sai do palco correndo)

Moisés- Eu não acredito, quando a sereia me falou que a estrela estava com problemas de identidade, eu achei que quem estava variando era a sereia...E não é que era verdade...Bom agora só me resta perguntar a esse ser aí...

-Desculpa , eu não sei o que você mas

Assolan- Como assim “Não sabe”Eu sou a esponja mais famosa do Brasil, a esponja Assolan...

Propaganda Assolan

Som: propaganda e dança

A Esponja e as dançarinas vão saindo e Moisés vê Nunca lá no meio

Moisés- Ei Nunca...quer sair dessa palhaçada por favor...Eu acho que aqui eu também não vou achar nada...

Nunca- Então vamos voltar pro lado de cima!

A estrela passa correndo novamente

Estrela- Eu não sou uma estrela. Eu sou um camarão, eu sou um camarão!

Nunca- Ei, o que...

Moisés- Calma, é uma longa história...

Black out

6° Cena- Terra

Nunca- De volta a terra firme...E numa “baita” festa...Aêê...(e sai dançando)

Samba

Eles vêem Nossa Senhora Aparecida dançando e vão falar com ela.

Nunca-Olha lá Nossa Senhora Aparecida!Graças ao chefe, mais alguém de conhecido...Daí Cidinha...

Cida-Daí Nunca...tudo bem?!?

Nunca- Tudo bem ...Esse é meu amigo Moisés

Cida- Grande Moisés...Como é que vai?!?

Moisés- Tudo bem, eu só estou com um probleminha: eu preciso achar o 11° mandamento e eu já fui no céu, já fui no mar, estou aqui na terra, e não consegui encontrar....A senhora tem alguma idéia?

Cida- Senhora não que a gente está em família, mas se tu já foi pro mar, já foi pro céu, e estás na terrá só resta um lugar que tu ainda não procurou...

Moisés pensa um pouco

Moisés- Claro...O inferno

Black out

6° Cena- Inferno

Som-1° ACDC

2° Sandy e Junior/Imortal(viado)

3° A Pipa do Vovô(Seu Rossi)

Entra o diabinho viado

Viado- Bem-Vindos ao inferninho, se é que vocês me entendem...

Nunca- Quero falar com o dono desse lugar!

Viado- Só um minutinho minha empadinha...Eu vou chamar!

STREET

Nunca- Tá, e onde é que está o chefe nessa palhaçada?Eu chamei o responsável e não essas dançarinas de Cabaré!

Diaba- Hã?!?Eu vou ter de me dirigir a isso?Sinto muito, mas eu mantenho contato apenas com tanquinhos, e não com ...com...circunferências. (passa a mão na barriga de São Nunca)

Moisés- Então é comigo que ela quer falar...Hehe...O negócio é o seguinte: Eu estava tentando achar o 11° mandamento e...

Diaba- O que?11° mandamento...Não acredito que aquele "carinha" inventou mais um(Ela olha para cima)O meu, o combinado eram só 10!Mas pensando bem, mais mandamentos, mais pecadores...(Volta a olhar para Moisés)Mas como você ia dizendo...

Moisés- Pois é...Como eu ia dizendo...Eu já procurei em todos os lugares possíveis e só falta aqui!Você sabe onde eu posso encontrar?

Diaba tem uma idéia

Diaba- Súditos...Reunião de Emergência agora...Quero todos comigo agora, eu disse A-G-O-R-A

São Nunca e Moisés se olha sem entender.Geni entra.

Geni - Io tô de volta...Mas vocês viram que poca vergonha, que poca ropa, que poca classe tavam tudo co's peito saltando pra fora!

Moisés- O que que é isso?

Geni- Isso vírgula, olha lá como tu fala!Io sono Geni Brustolin Rossi, mas o Rossi eu tirei depois que Io me separei!

Nunca- Essa aí é uma "véia " chata, sogra de Adão que estava incomodando lá no teatro da Gama2 do ano passado e o todo-poderoso mandou pra cá!

Geni - Mas e aí garoton?Tu vem sempre qüi?

Moisés- Hã...Hum...Não, não, estou só de passagem!

Geni- Non, Non Io te conheço de algum lugar...

Moisés- Acho que não minha senhora!

Geni-Ups..Acho que a tua lente caiu bem aqui

Moisés- Lente?Mas eu não uso lente!

Geni- Ma enton...Procura as dos outros

Moisés-Não minha senhora eu... (puxa Moisés)

Geni vira pro público

Geni -Observem :Sentido horário o ângulo é negativo, sentido anti-horário o ângulo é positivo, tudo bem isso (Mônica ou gente).Agora acho melhor tu procurar!
Black out

7°Cena
Canhão

Os dois estão sentados na beira do palco
Moisés-Ufa...ainda bem que a gente conseguiu sair do inferno!Pois bem, nós já estivemos no céu, no inferno, na terra e no mar...e no que é que deu?!?Não encontramos nada!
Nunca- Bom, e o que que tu acha da gente reunir todo esse pessoal que a gente já visitou?!?Talvez com todo mundo junto a gente consiga alguma resposta!
Os dois se olham

Black out

8°Cena- Convenção

Moisés- Estamos aqui reunidos para descobrir aonde Deus escondeu esse 11º mandamento!Todos os lugares já foram vasculhados e até agora nada!Alguma idéia?
Arcanjo-Se os 10 mandamentos vieram do céu, o 11º mandamento também deve estar lá
Mendigo- Não, não não!Se todos esses mandamentos foram feitos para organizar a vida na terra, o 11º também deve estar aqui, para que aqui seja aplicado!
Mar- Porém, se é algo tão secreto que até agora não foi descoberto, deve estar escondido em algo bem profundo, ou seja, o mar!
Diaba- E quem disse que o lugar mais profundo é o mar?Esqueceste que o inferno ocupa um espaço abaixo do mar! Então, está conosco!
Diabinha- Pois é...De vez em quando tem umas goteiras por lá!
(Discussão mar x inferno e céu x terra)
Após a discussão Moisés e São Nunca concluem que o 11º mandamento é a amizade

DE REPENTE É CABRAL

1ª Cena:

luzes apagadas somente vozes

1 **Amanda:** Ai que saco guri sai desse banheiro!

2 **Natalia:** Mãe cadê meu casaco?

Começa a tocar uma musica

3 **Pai:** Abaixa esse som!!!!

As luzes se acendem devagarzinho Pedrinho entra em cena

4 **Pedrinho:** Ai que saco meu será que vocês não podem ficar um pouco quietos? Eu preciso estudar

5 **Amanda:** Problema é teu ninguém mando tu pega Pós Trimestre!

6 **Otavio:** E ainda mais em história né meu?

Natalia: Não detalhe gente, história do Brasil!

Pai: Mas que reuniãozinha é essa aqui? E tu guri vai estuda que se tu não passa já sabe né? E vocês três ai circulando!!

Todos saem de cena e as luzes se apagam...trocam os cenários começa a segunda cena.

2ª Cena:

Pedrinho esta estudando mas acaba pegando no sono e ao acordar tem uma grande surpresa, virou Pedro Álvares Cabral. *Olha para a mesa e vê um mapa*

Pedrinho: Oras , o que esse mapa ta fazendo aqui? Coisa mais estranha!

Nesse instante Otavio entra em cena

Otavio: Ooo Pedrinho tu viu meu skate?

Olhando para os lados Pedrinho não responde.

Otavio: Pedrinho, Pedrinho, oo meu eu to falando contigo!

Pedrinho: Oras pois meu nome não é Pedrinho é Pedro Álvares Cabral!

Otavio começa a rir

Otavio: Amanda, Natalia, venham aqui ouvi essa!

Amanda: O que foi?

Otavio: O loco aqui ta achando que é Pedro Álvares Cabral!

(Amanda e Natalia começam a rir)

Amanda: Ta certo que tu precisa estuda , mas também não precisa exagera né?

Natalia olha para o chão e nota um mapa e pega.

Natalia: Ba meu pior que o moleque ta falando a verdade olha esse mapa aqui!

Os irmão se juntam para ver o mapa

Amanda: OHH um mapa do tesouro!

Se reúnem e começam a discutir apagam as luzes trocam os cenários e começa outra cena.

3ª Cena:

A família esta toda reunida na mesa, jantando quando Otavio começa a falar.

Otavio: Mãe, Pai, a gente tem uma coisa pra conta pra vocês.

Amanda: Na verdade duas...

Natalia: Hummm, tipo o Pedrinho aqui não é mais o Pedrinho!

6 **Mãe:** Mas como isso se ele não é o Pedrinho é quem?

Pedrinho: Oras dona eu sou Pedro Álvares Cabral, o cara que descobriu o Brasil em 1500.

7 **Vó:** (dando risadas) Essa foi a melhor história que eu já ouvi em toda a minha vida e olha que eu sou bem vivida!

Pai: E põem BEEMM nisso

Mãe: Cresvaldo não fale assim da mamãe!

Otávio: Espera que tem mais, a gente achou um mapa do tesouro!

Vó: A finalmente alguém fez alguma coisa decente nessa casa.

Pai: Mapa do tesouro? Hmm interessante esse história..

Amanda: É e a gente tá pensando em ir procurar esse tesouro!

Pedrinho: Eu preciso encontrá-lo, é uma coisa muito valiosa para mim!

Mãe: A não, por favor, tão achando que vão pega quem com essa história? Aqui ninguém é bobo não.

Pai: Não mas eu não to achando que isso é uma pegadinha, na verdade to até gostando da idéia, crianças vão arrumar as coisas de vocês amanhã mesmo a gente vai começar a nossa caça ao tesouro!

Mãe: A não contem comigo com essa eu não vou perde meu tempo, tenho mais coisa pra fazer!

Vó: Pois eu digo o contrario, podem contar comigo eu vou junto!
todos saem para arrumar suas coisas, só o pai permanece na mesa, *luzes se apagam e logo depois ascendem começa uma nova cena*

4ª Cena:

Já de manhã os filhos se reúnem na copa, e acham o pai alegrinho, cantarolando depois de ter bebido além da conta

Pai: Com a marvada pinga que eu me atrapaio, entro na venda já dou meu taio Pego no copo e dali não saio ali mermo eu bebo, ali mermo eu caio só prá carregar nunca dei trabalho...

Pai: OOOpa crianças vocês tão ai! Prontos pra nossa aventura?

Pedrinho: Sim estamos o senhor que não parece estar nada bem!

Natalia: que isso até parece que não conhece a figura ai? Ele nem tá perto de tá mal ainda.

Otávio: Tá mas vamos de uma vez!

Quando estão quase saindo uma voz aparece

Vó: Cresvaldo, crianças, esperem por mim eu vou junto. Me esperem!

Pai: A não essa veia de novo não.

Todos saem de cena entra as gurias da dança *após a dança começa a cena seguinte.*

5ª Cena:

A família aparece com jeito e quem andou muito por vários lugares e não encontraram nada.

Natalia: Ai que saco a gente já ando por vários lugares e nada dessa bendita floresta e muito menos, dessa bendita pedra.

Vó: Calma minha filha as coisas não são tão fáceis de se encontrar ainda mais na liderança do imprestável do teu pai.

No canto do palco uma mulher muito estranha esta sentada no chão *luzes acendem em direção a mulher.* A família que esta no outro lado resolve dar

continuidade a caça ao tesouro, porém quando passam pela mulher ela começa a ter uns tremeliques.

8 **Mãe Diná:** OOOO Pepe OOOOO Pepe OOO. Estou sentindo que você estão procurando alguma coisa...

Amanda: Co...Como assim?

Pedrinho: É como assim, da onde tu tirou isso?

Mãe Diná: As vibrações, elas nunca mentem.

Otávio: A ta bom que eu vou acreditar em uma coisa dessas, se tu é boa assim o que que a gente ta procurando?

Mãe Diná: Uma coisa muito valiosa...um tesouro

Todos dão um passo para traz

Vó: Gente a mulher é boa mesmo.

Mãe Diná: Claro que eu sou boa, Mãe Diná nunca se engana meu bem!

Surge uma voz da platéia

Alguém: a ta bom! Conta outra, já esqueceu o show da Ivete?

Mãe Diná: Que foi meu nego? Algum problema? Não ta se sentindo bem? Meus amiguinhos aqui podem te ajudar se tu quiser (aponta para os capangas).

Alguém: Que isso meu amor fique a vontade, sinta-se em casa.

Mãe Diná vira para a família

Mãe Diná: Não dêem bola para essa pessoa, sabe como é, a concorrência ta braba hoje em dia.

Pedrinho: Mas supondo que a gente realmente esteja procurando um tesouro, como poderemos encontrá-lo?

Mãe Diná começa a sentir vibrações.

Mãe Diná: OOOO Pepe OOOOO Pepe OOO. Sigam por ali (aponta para algum lugar) dobrem a primeira direita, depois sigam reto toda a vida até vocês encontrarem uma vaca malhada, ai virem a esquerda, virando a esquerda chegaram a uma floresta, lá vocês encontraram 4 pessoas urbanas, cheios de aparelhos de ultima tecnologia que ajudaram vocês a encontrarem o que estão procurando.

Pai: Crééédo igualzinho o que ta no mapa! Vamos crianças não podemos perder nosso precioso tempo.

Luzes se apagam e acendem para começar a 6ª cena

6ª Cena:

Vó: Ai, ai, eu não agüento mais preciso senta um pouco.

Pai: A era só o que me faltava ter que interrompe nossas buscas só por causa dessa velha chata.

Amanda: Eu também preciso descansa um pouco.

Pedrinho: Se ao menos eu conseguisse me lembrar a onde eu enterrei esse maldito tesouro as coisas já facilitariam muito.

Otávio: Il nem tenta se lembra, tu ta na pele do Pedrinho as coisas são mais lentas agora.

Natalia: Gente já ta anoitecendo eu acho que seria uma boa a gente passar a noite aqui.

Todos concordam. *Luzes se apagam após um tempo um galo canta.* Entram em cena os caipiras.

Pedrinho: Não tem que haver outro, não podemos acabar assim sem ao menos tentar.

Vó: Sem ao menos tentar? Nós já tentamos de tudo e nada de achar esse bendito tesouro!

Brenda: ã? Tesouro?

Otavio: Que tesouro o que tu ouviu errado, ela disse besouro é que meu pai aqui é biólogo e a gente ta procurando um de uma espécie muito rara!

Mirna: a aqui não tem besouro não, só mosquito, mosca, cobra, sapo, porco, mas nada de besouro.

Doralice: Mas se fosse tesouro existe uma lenda que aqui nessa floresta tem um.

Pai: Lenda? Que Lenda?

Crispim: a nós num sabe direito moço mais se tu segui reto aqui, vira as direita anda mais pra frente, tu vai acha uma barraquinha de informação que é pros turista que vem pra ca de vez inquando lá eles sabem direitinho.

Vó: e lá vamos nós de novo.

Pedrinho: Muito obrigado pela informação!

Mirna: que isso moço imagina, sempre que precisa!

7ª cena

após seguir todas as coordenadas a família chega ao tal local.

Pai: Será que é aqui?]

Vó: Não sabe lê o analfabeto BALCÃO DE INFORMAÇÕES.

Nesse momento surge alguém atrás do balcão

Alguém: Balcão de informações no que posso ser útil?

Pedrinho: A gente gostaria de saber sobre a lenda do tesouro.

Alguém: Olha moço eu nunca ouvi fala dessa lenda..

Pedrinho: Mas falaram que aqui vocês sabiam tudo sobre a lenda!

Alguém: AAA é que eu sou novo aqui, acho que meu amigo pode ajudar vocês, Frank, Ooooooo Frank?

Frank: Que é agora?

Alguém: Essa gente ta querendo sabe sobre uma lenda do tesouro!

Frank: Como vocês ficaram sabendo sobre essa lenda? Que eu saiba só quem mora por aqui mora por aqui saber, o que da pra vê que não é o caso de vocês porque de longe se nota que são urbanos, há não ser que vocês tenham visto o mapa...

Natalia: Não ma..magina a gente não viu nenhum mapa!

Amanda: É é a gente só tava dando uma voltinha pela redondeza e ai ouvimos alguém falar sobre uma lenda de um tesouro e resolvemos descobrir um pouco mais sobre ele!

Frank: ã sei, sei, bom, mas diz a lenda, que há muito tempo atrás antes de Pedro Álvares Cabral voltar para Portugal eles descobriu algo muito valioso aqui no Brasil e decidiu enterrar aqui na esperança de que um dia alguém o encontrasse, não deixou nenhuma pista, somente um mapa perdido em algum lugar desse país, não se sabe onde, não se sabe o que ele esconde, só se sabe que esta aqui nesta floresta, e essa lenda foi passada de geração por geração, e os antigos costumavam dizer que quem encontrar esse tesouro será dono de uma fortuna incalculável

Pai: E o senhor sabe onde esta enterrado este tesouro?

Caipiras: Que que 'ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha? Que cocê foi fazer no mato? Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem, Eu precisava cortar lenha...

Mirna: Óia quanta gente! *(fala olhando para a platéia)*

Brenda: mas ta muito da movimentada essa nossa região inté parece época de festival

Doralice: Ichi quanta gente lá e quanta gente aqui *(aponta para a família que esta dormindo)*.

Crispim: gente mais estranha, não deve de ser daqui das região não.
Os caipiras se aproxima meio desconfiados da família para vê-los mais de perto. Mirna se aproxima de Pedrinho que acorda assustado

Pedrinho: AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

Mirna: AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

Doralice: Ma se acarem!
Os dois param se olham

Juntos: Quem é você? Quem eu? É você!

Pedrinho: Pedro Álvares Cabral

Brenda: Are ele tem o nome iguar ao do cara que descobriu o Brasil.

Daralice: É que ele deve ser aqueles moço muito dos chiqui.

Pedrinho: Mas eu sou o cara que descobriu o Brasil sim..

Crispim: Óia moço não me leve a mal mas nós é jéca mas nós num é burro não.

Pedrinho: Bom eu estou falando a verdade mas se vocês não acreditam tudo bem, está é minha família minhas irmãs, meu irmã, meu pai e minha avó.

Mirna: Muito dos prazer eu so a Mirna e esses aqui são meus irmão: Doralice, Brenda e o Crispim. Mas se ocês não se incomodarem pela minha intrusão que que ocês tão fazendo aqui por essas bandas?

Amanda: A gente ta procurando uma coisa que ta aqui nessa floresta, só que estamos perdidos e não conseguimos encontrar nada!

Otavio: E uma vidente disse que nós iríamos encontrar 4 pessoas que iriam nos ajudar (ao falar isso percebe que na realidade esta falando com 4 pessoas).
Espera ail
A família se reúne

Pai: Magina não deve ser

Natalia: Não não...

Pedrinho: eu acho que pode ser!

Otavio: Não viaja

Amanda: Só tem um jeito de descobrir ...*(vai até as caipiras)*. Vocês tem MSN?

Caipiras: ã?

Amanda: orkut?

Caipiras: que?

Amanda: Celular?

Caipiras: que isso?

Amanda: É não deu, não são eles, e se são fomos enganados

Vó: a já não me bastava esse bando de incompetentes, tinha que surgi uma vidente mais incompetente ainda!

Natalia: e agora o que a gente vai fazer?

Pai: Vamos voltar para casa é o único jeito

Frank: ta vendo aquela pedra ali? Dizem que por ali mas só quem tem o mapa sabe exatamente onde.

Pai: Bom crianças já ta ficando tarde acho melhor a gente ir voltando pra casa se não a mãe de vocês fica preocupada.

Otavio: *(cochichando)* Ta maluco pai? Agora a gente sabe onde ta mais perto do que se imagina!

Pai: Não, não to maluco, to disfarçando.

Todos saem de cena para começar a próxima

8ª Cena:

Pedrinho: Será que é aqui?

Vó: espero que seja, não agüento mais anda, meus calos estão me matando.

Pai: Nos poupe dos detalhes! Amanda o que diz o mapa?

Amanda: Bom tem essa pedra, essas arvores e pelo que eu to vendo o tesouro ta...bem.... aqui *(aponta para o local)*

Natalia: Em baixo dessa pedra?

Amanda: É o que ta dizendo aqui!

Otavio: Bom não custa nada tentar Pai eu e tu erguemos a pedra e o Pedrinho pega o tesouro pode ser?

Todos concordam e se dirigem para a pedra

Pai: 1...2...3 *(puxam a pedra para cima)*

Embaixo dela existe um pequeno buraco com uma caixinha dentro.

Vó: ai mas uma caixinha miseras dessas? O que tem ai dentro não da pra nada.

Pai: Mas tu é velha mesmo heim? Nem viu ainda e já ta reclamando!

Amanda: Abre logo Pedrinho

Pedrinho vai abrindo a caixinha devagarzinho.

Pedrinho: Que estranho um papel

Todos juntos: PAPEL?

Pedrinho: É mas tem alguma coisa escrita nele, eu vou ler quem sabe pode ser uma pista. *(Pedrinho lê a mensagem escrita).*

Vó: Ó...ta bom mas e o tesouro? Eu quero meu tesouro me recuso a sair daqui de mãos abanando.

Pai: Então toma aqui é toda sua *(entrega a mensagem)*

Vó: a eu não quero isso, rião vou usar para nada.

Pedrinho: Hei esperem aqui tem uma chave! E tem um papelzinho junto com ela dizendo que...

Uma explosão acontece e as luzes se apagam

9ª Cena:

luzes apagadas e vão se acendendo devagarzinho

Mãe: Pedrinho...Pedrinho...acorda filho tu tem que estudar!

Pedrinho: *(sonolento)* Ta mãe já, vou primeiro vou ler o bilhete que tem junto com a chave depois eu vou estudar *(de repente da um salto)* MÃE? *(desapontado)* Ai que saco alegria de pobre dura pouco mesmo...foi só um sonho...

Quando as luzes começam a apagar devagarzinho

Amanda: Ai que saco guri sai desse banheiro!

Natália: Mãe cadê meu casaco?

Começa a tocar uma musica

Pai: Abaixa esse som!!!

6 A FACE OCULTA DA MÍDIA

Cena um

Cortinas abertas. Luzes. Uma mulher rica (Carlota Albuquerque) está sentada no sofá, lendo revista e tomando café. A empregada está na sala limpando os móveis.

CARLOTA – Gilda, traga-me uma xícara de chá com alguns biscoitos! Rápido!

GILDA – Gilda, não, Dona Carlota, é Gilda Estrelinha! Es-tre-li-nha! *Entra na cena, tropeça, e derruba os biscoitos, Carlota nem vê e Gilda junta todos do chão e os coloca de volta na bandeja e serve a patroa.*

CARLOTA – que demora heim Gilda?

GILDA – Estrelinha! *Retruca com tom sínico. A fala é interrompida pela música do plantão urgente, vindo da TV. Música do plantão da Globo.*

VOZ DA REPORTER – Atenção, Notícias urgentes chegam à edição da Globo no Rio: Tiririca põe prótese de silicone nas coxas, mas uma complicação na cirurgia fez com que o silicone deslocasse para os pés. Mais notícias a qualquer momento!

Música do plantão.

CARLOTA – grita – Como essa reporterzinha teve coragem de interromper a minha novela para dar uma notícia tão insignificante?

GILDA – *no mesmo instante, cai sentada no sofá e fica em estado de choque. Começa a comer os biscoitos da Carlota e fala:* coitadinho! Ah, como eu fico mal quando um ente tão querido meu sofre!

CARLOTA – *indignada* – mas tu nem conhece a criatura, Gilda! Que ente querido o quê? Ele nem sabe que tu existe!

GILDA – Isso é o que a senhora pensa! E todas as 90 cartas que eu mandei este M~es? Ele sabe até a marca do xampu anticaspa que eu uso! Ele é o amor da minha vida! A azeitona do meu pastel! Licença! *Sai indignada com a patroa.*

CARLOTA – *pensando alto* – o que a mídia não faz com as pessoas!

Vai saindo de cena e fala: se fosse pelo menos o Roberto Carlos...

Cena dois

As filhas de Carlota entram eufóricas com uma amiga. Uma está com um cd na mão e a outra com uma revista. Uma delas comento chocolate.

CARLOTA – *entra na sala e pergunta:* filhas, por onde vocês andaram?

PATI – Por aí mãe. Vamos para o quarto ta?

No quarto:

PATI – Aaaaaai! Olha só essa foto do Armandinho!!!Que lindo, ele é muito fofo!

DEBBY – Eu quero ser o ursinho de dormir dele! *risos*..

DANI – Eu também, nossa, a voz dele é perfeita, ele é super simpático, ta em todas as fotos sorrindo! Além de suas músicas serem o maior sucesso!

Enquanto elas conversam, o irmão entra e se mete na conversa

EUGENIO – Maninhas queridas! *em tom sônico*

PATI – Sim Eugeniosinho fofo! *respondendo no mesmo tom*

EUGENIO – Eih, se não me falha a memória, até umas duas semanas atrás o cara mais perfeito do mundo pra vocês era o Bom Jovi!

DANI – Era, Genio! Era...você não vê TV? Não ouve rádio?

EUGENIO – *Resmunga*..eu estou mais por dentro que vocês, ta?

DANI – Bom Jovi já era! Está down, nós curtimos evidências!

PATI – Agora cai fora que eu e a Dani queremos curtir esse novo som, vai escutar as tuas batidas de panela, vai!

EUGENIO – Não seja por isso! Eu odeio reggae! Eu acho!

Ele sai, as meninas ficam no quarto ao som da música Ursinho de dormir.

Cena três

Na sala, Carlota está sentada tomando seu chá, Gilda está limpando o lugar, Eugenio chega da escola.

EUGENIO – Mãe querida, cheguei!

CARLOTA – Oi amor da minha vida! Aperta as bochechas do filho...dá uma bitoquinha!

EUGENIO – Indignado, resmunga: Ai vida, o que eu fiz de errado meu Deus? Nada dá certo pra mim? Não entendo! Será que eu não agrado quando falo dos tatu-bola que crio no jardim? Ou será que é quando eu falo com as gurias sobre os ácidos que eu uso para a acne? Não sei...

GILDA – Para de reclamar guri! Pelo menos tu tem duas pernas, braços, pensa, respira...eu acho.

CARLOTA – Quieta sua inútil! Vai ferir ainda mais os sentimentos do meu filhootiquinho! Filho, eu preciso sair um pouco, vou no salão arrumar os *cabelos, fazer as unhas, mas não demoro, viu? Dá um beijo no filho e sai de cena.*

EUGENIO – vou ligar a TV e me inspirar nos caras fortes e musculosos que por algum motivo atraem as garotas. Vou ver malhação. Liga a TV....Ah...propaganda!

Cena do comercial:

Jovens numa danceteria, todos alegres fumando, como se fumar fosse o Maximo. Uma mulehr sai em direção à um garoto e pede se ele tem fogo.

EUGENIO – Ahá! É isso! O cigarro é a minha passagem para o mundo dos desejados e bem apessoados! Serei o maior! He..he... é hoje que vai chover na minha horta! *Sai de cena.*

Cena quatro.

Eugenio chega numa danceteria e estão dançando forró. Tenta tirar uma menina para dançar e não consegue. Depois que termina a música, fica com uma cartela de cigarros à mostra no bolso. Faz questão que todo mundo veja que ele vai fumar, faz uma cena toda para acender o cigarro e chega perto de uma menina, dando uma baforada de fumaça na cara dela, sorrindo:

GURIA – *cai fora seu retardado! Empurra ele e abana a fumaça.*

Eugenio fica com cara de quem não entendeu nada e chega em outra menina. Pede se ela tem fofo leva um tapa na cara. Desiludido, sai correndo e todos riem dele.

Cena cinco

No dia seguinte,após a aula Eugenio chega em casa. Falando sozinho:

EUGENIO – o que é que deu errado ontem? Eu fiz o que eles estavam fazendo na TV. Por que comigo não funciona? Eu acho que não era o cigarro...deixa eu ver aqueles caras da malhação...*liga a tv*

IH... olha só esse Mau, Mau, faz o maior sucesso com as gatinhas! Já entendi, he..he....me aguardem!

Chega na escola todo mudado, com o cabelo no estilo do personagem da novela, imitando o jeito de falar e andar dele. Fica se achando quando um colega interrompe:

COLEGA 1 – Credo! O que houve com a tua boca? Te morderam ou foi tu mesmo? Riem

COLEGA 2 – e essa cachopa na cabeça então? Enfiou os dedos na tomada?

EUGENIO – Chega! Não quero mais viver! Vou me matar! Eu sou uma desgraça..eu tenho motivos de sobra pra isso...não falta mais nada pra que isso aconteça...

Entra na aula de matemática. O professor fala alguma coisa em graça, dá a aula e o chama:

PROFESSOR – Eih, Menino, é tu que é o Eugênio?

EUGENIO – Sim professor, por que?

PROFESSOR – Ah sim, Eugenio, como você tirou zero na prova de matemática

maquiavelicamente planejada por mim, você ficará uma quarta-feira inteira comigo tendo aulas de reforço, se não te rodo! *Faz uma cara de satisfação...*

EUGENIO – Nãaaaaaaoooo! E sai correndo apavorado

Cena seis

Eugenio sai correndo pela rua, mas tropeça e cai, batendo com a cabeça no chão. Uma ambulância o socorre.

Cena no hospital. Estão na cena a mãe e as irmãs. Entra o médico.

DR FISH – *explica que o socorreram numa calçada e que seu filho está em coma. A mãe desmaia no colo de Gilda.*

Cena sete

Na escola, aparecem todos comentando sobre o caso.

COLEGA 1 – Nossa, coitado do Eugenio! Ta certo que ele era meio atrapalhado, mas pelo menos ele...tenta achar algo positivo....pelo penso ele tinha seus tatu bola!

COLEGA 2 – Pois é, mas você reparou que ele sempre estava imitando a TV, sempre procurava algo ou alguém para se espelhar

COLEGA 1 – é verdade, ele era meio frustrado, nem todo mundo entende de que a tv nem sempre mostra a realidade...

COLEGA 2 – você lembra da guerra do Iraque? As imprensas iraquiana e americana mostravam a guerra de acordo com o seu ponto de vista e o resto do mundo não conseguia distinguir quem realmente era vítima da história...

Ficam conversando, apagam-se as luzes.

Cena oito

Quarto do hospital. Eugenio está sonhando. Fumaça. Entra um anjo.

ANJA – Eugenio, viu só onde você foi parar acreditando nas farsas da mídia? Querendo ser alguém que você não é? A vida não é uma novela! Tenha personalidade, pois na vida real, acharás alguém que te amará pelo que és...esse alguém sou eu! Me procure....

EUGÊNIO – *acorda assustado...será que foi um sonho? Meu Deus, aquela pessoa disse que me ama!*

Algum tempo depois...ao voltar pra casa, Eugenio se revolta com o que aconteceu na sua vida e quebra a tv.

EUGENIO – *Êta aparelhinho capeta, você não vai mais controlar a minha vida! Como eu pude te dar tanto valor? Você só me trouxe problemas!*

É interrompido pela mãe que entra na cena;

CARLOTA – o que é isso, meu filho? O que deu em você? Não me diga que você usa drogas?
Oh, como eu pude deixar isso acontecer?

Entra a irmã e interrompe a discussão.

DEBY – Dá pra parar com a briguinha que estamos atrasados para a minha apresentação de tango!!

CARLOTA – Ta bom filha, vamos indo, não podemos nos atrasar. *Saem.*

Na hora da apresentação de Tango, Eugenio vê a moça de seu sonho dançando o tango, e corre ao seu encontro. Os dois se olha, toca a música do filme o guarda-costas, termina a música e ela sai correndo e desaparece. Apagam-se as luzes.

Cena final.

Eugenio aparece no divã de um psiquiatra.

EUGENIO – ...e foi isso o que aconteceu, depois daquela noite, nunca mais a vi. É por esses motivos que venho aqui, até hoje não sei se ela é fruto da minha imaginação...

PSISQUIATRA – acalme-se, vou pedir para a minha secretária trazer algo para você relaxar.
A secretaria aparece e ao entrar em cena Eugenio reconhece como a Anja e desmaia.

Luzes apagam. Todos entram. Eugenio lê um texto sobre a manipulação das pessoas, no sentido de deixar uma mensagem de: seja você mesmo, do seu jeito, sem se importar com a opinião alheia, muito menos das influencias da TV.

Fim.

7 QUEM ROUBOU A COROA?

Quem roubou a coroa?

Cena 1 – Um roubo a noite

(cenário - uma cama feita com os blocos, dois pilares e bidê com coroa em cima) (luz baixa)

(musica de ninar) **Dom Pedro e Rainha** dormem (luz apaga) (barulho de quebra de vidro) (grito de mulher) (**ladrão** atravessa o palco correndo e meio atrapalhado)

Cena 2 – Ela foi roubada

(entram dois figurantes vestidos de servos do reino com o cartaz com a foto da Rainha, usando a grande coroa, escrito procura-se. Param no centro do palco, logo após saem – enquanto isso o povo e Dom Pedro se posicionam atrás.)

Dom Pedro – Povo de meu reino, vim aqui vos dizer que ontem à noite aconteceu uma catástrofe!

(povo se mostra assustado)

Dom Pedro – (expressão triste, abaixa a cabeça e retoma a postura) Minha coroa foi roubada!

Pessoa do povo – Como algo tão terrível pode ter acontecido?

Dom Pedro – Infelizmente não sei, não há nenhuma pista, por isso estou aqui! Quero convocar os corajosos de meu reino para formar uma legião em busca da coroa. Se for recuperada, estes honrados ganharão uma bela recompensa.

Povo todo – Óóóhhh!

Pessoa do povo – Mas qual será essa bela (ênfase na palavra bela) recompensa?

Dom Pedro – Para um apaixonado, a mão de minha preciosa filha em casamento. Para um ambicioso, ouro e jóias preciosas e para um honrado toda fama e glória que desejar ter. (povo bate palmas e vai dispersando aos poucos, cochichando e comentando, apenas algumas pessoas ficam, entre elas a legião)

Sherlock Holmes – Eu vou, pois essa fama me ajudará! Depois de desvendar o mistério todo o reino verá quem sou e o quanto sou bom no que faço. Não tenho tempo a perder, vou recuperar essa coroa ou não me chamo Sherlock Holmes!

Romeu – Também vou! Pois quero a mão da princesa e seu amor incondicional!

Mulher – Eu recuperarei a coroa, ganharei muito dinheiro, pois não devo nada a ninguém!

Dom Pedro – Bom espero que tenham sorte e sejam rápidos, a agonia está me matando! Tragam-me o cafajeste que fez isso ainda vivo pois quero fazer com que se arrependa muito do feito!

Romeu – Claro meu rei, como quiser. (abaixa-se em sinal de respeito)

(legião reúne-se no canto da frente do palco – foco somente neles com o canhão seguidor enquanto rei e parte do cenário saem – todos estão pensativos)

Romeu – Companheiros, estamos tendo a oportunidade de termos o que sempre foi desejado. Pela honra de nosso reino, faremos o que for preciso para recuperar essa coroa, e rápido!

Sherlock – Porém Romeu, antes temos que analisar os fatos, procurar as pistas e deduzir, então, onde a coroa deve estar. Um ótimo plano nos levará para a história amigos!

rara pureza!

Mulher – Porém, se são tão espertos quanto dizem, provavelmente podem ter escondido-a em qualquer lugar. (mulher olha por aí)

Prenda3 – Somos éticos, logo perceberão que não faríamos tal coisa, somos pessoas dignas de respeito e confiança.

Sherlock – Ok, mas mesmo assim irei dar uma olhada a mais por aqui, devo investigar tudo!

Mulher- Uma mulher nunca faria isso! Mulheres são inteligentes demais para perder seu tempo roubando!

Romeu- Ou inteligentes demais para não deixar pistas!
(celular da mulher toca novamente e ela tem que atender)

Mulher – Com licença, isto pode ser muito importante. (Se afasta totalmente deles enquanto eles continuam conversando em alto tom)

Sherlock- Para onde mais poderíamos ir?

Romeu- Acredito que devemos traçar um caminho de volta e durante esse caminho darmos uma olhada ao redor.

Sherlock- Vamos ver no mapa!

(enquanto isso eles vão olhar o mapa e a Mulher fala ao telefone mas dessa vez os monstros não aparecem no palco)

Mulher- E aí conseguiram? Você está me dizendo que não terminou o trabalho? Eu vou matar vocês! E agora? Eu que pergunto! Estou F..ralada! Apliquem o plano C e não apareçam mais na minha frente, imbecis! (desliga o telefone com muita raiva)

Mulher- Ahm, Decidiram alguma coisa? (fala nervosa)

Sherlock- Sim! Voltaremos para o reino passando por Brasília, definitivamente é o caminho mais rápido!

Mulher- BRASÍLIA???. Nããão Brasília não! Nessa época do ano há muito congestionamento! Demorariamos dias a mais para passar por lá!

Romeu- Por que você tem sempre que complicar? Quando ouvimos você ,só dá problemas!

Mulher- Seja o que Deus quiser...

(saem caminhando com música de jornada)

Cena 11 – Brasília, a chave do mistério

Narrador- Nossos bravos companheiros vasculharam Brasil a fora para achar a coroa. Até agora nada haviam encontrado!Será que nossos heróis voltariam para casa de mãos vazias? Era o que imaginávamos, pelo menos até agora.. Caminhando por Brasília encontraram um tumulto. O que seria aquilo? Qual era o motivo para tanta confusão? Era o que iam descobrir naquele momento.

Sherlock- Gente, o que é aquilo?!?

Romeu- Mas o que está acontecendo aqui?

Mulher- Vamos embora! (de repente o pânico, que estava no meio da confusão, aponta pra ela)

Pânico- Foi ela! (todos se olham apavorados)

Sherlock- Foi ela o que? (muito barulho)ALGUÉM PODE ME EXPLICAR O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Alguém do povo- Este senhor está dizendo que a coroa foi roubada por esta mulher!

Romeu- Mas isso não é possível! Ela estava nos ajudando a encontrá-la! Isso é impossível!

Sherlock- Tecnicamente não é loucura! (mulher vai saindo de fininho) Ela estando na legião seria muito mais fácil dificultar a procura! Mas sozinha ela não iria conseguir... Você não tem nada a dizer? Aonde ela foi?

(mulher não sumiu realmente ainda está no palco tentando fugir mas alguém do povo a vê)

Alguém do povo- Ali! (aponta para ela, todos olham)

Brasília onde serão julgados em algumas semanas. Voltaremos com mais informações. Tenham uma boa tarde.

Cena 13 – O reencontro

Rei- Graças a Deus!!! Você está de volta! (abraça a esposa muito entusiasmado)
Não agüentava mais ficar longe de você minha velha!

Rainha- Fiquei com tanto medo de nunca mais te ver! Sou muito agradecida a vocês homens. Sem a sua ajuda talvez não reveria meu docinho de côco tão cedo!

Sherlock- Majestade, creio que houve um desentendimento. Quando o senhor comentou sobre o roubo da coroa, com todo respeito vossa majestade, achávamos que você estava falando de sua coroa no sentido literal! Saimos como loucos procurando pela coisa errada!

Rei- Me desculpem senhores, creio que não percebi que poderia haver tal problema pois estou acostumado a chamar minha esposa de coroa!

Romeu- Mas o que importa é que no final, tudo acabou dando certo!

Rei- Claro! Obrigado! Muito obrigado! Não sabem a alegria que me trouxeram ao recuperar minha coroa! Não sou nada sem ela! Como prometido, Romeu, terá a mão de minha belíssima filha e Sherlock, sua fama e reconhecimento já conseguiu.

Sherlock- Muito obrigado senhor, foi um prazer ajudar a recuperar sua mulher, mesmo com todo o mal entendido.

Romeu- Mal posso esperar para me casar com sua filha. O senhor não tem porque agradecer ainda mais, a recompensa nos mostra a sua real gratidão.

Rei- Mas o que farei com o dinheiro prometido á tal impostora?

Sherlock- Acredito que não devemos opinar nesta decisão senhor.

Rei- Estais certo meu querido. Já sei onde irei investir esse dinheiro.

Cena 14 – A festa

(Rei, rainha, princesa, Romeu e Sherlock em cima do palanque. Toda a turma como “povo” no palco)

Rei- Caros cidadãos. Temos aqui dois exemplos de coragem e determinação. Como vocês já devem saber, Sherlock e Romeu recuperaram minha esposa, vossa rainha. Devemos total gratidão á eles. As recompensas prometidas a cada um já foram entregues e uma das recompensas resolvi compartilhar com todos vocês. O dinheiro foi gasto nesta festa para mostrar que além dos nossos dois amigos, todos vocês me ajudaram a agüentar o tempo que me separei da minha coroa. Essa festa é para vocês! (palmas muito entusiasmadas de todo o povo) (música aumenta e a festa “continua”)

Narrador- Mais uma vez a história acabou com um final feliz e com festa. Mas um dia a festa tem que acabar.

(Enquanto o narrador fala a musica acaba e todos saem de cena.)

(Bobo da corte aparece totalmente acabado)

Bobo- Tem alguém aiii? Alooo(apagam as luzes e som de serra elétrica)

-----FIM-----

Um mundo em 24 horas

(O mediador, com uma capa, entra no palco, com uma vela na mão, lê o texto:)

O mundo está enfrentando muitos problemas graves. A miséria, a guerra, a destruição da natureza e, principalmente, o egoísmo estão devastando a nossa civilização.

É preciso reconstruir ~~o~~ o planeta. Para que essa tarefa seja cumprida com êxito, serão reunidas as maiores virtudes de cada continente, com a finalidade de se conseguir as essências necessárias para a renovação da humanidade.

(Ele apaga a vela e sai. Abrem-se as cortinas e estão o mensageiro e o Zé conversando no palco.)

MENSAGEIRO: Agora, vamos ao que interessa. Tenho uma missão para você.

ZÉ: Espere aí! Você deve estar se confundindo. Acho que você pegou a pessoa errada.

MENSAGEIRO: Como eu já dizendo, você terá 24 horas, a partir de agora, para passar pelos 5 continentes. Chegando lá, você deverá escolher um país, e nele, encontrar uma coisa boa que o represente. No final do tempo, você terá que se apresentar ao meu amo e senhor, e entregar a ele, todas as coisas juntas.

Só então, você terá alcançado o objetivo desta missão, ou seja, formar um mundo melhor, um mundo onde terá as coisas que você trouxe dos países.

(Fumaça – Mensageiro sai)

ZÉ: O tempo já está correndo, mas por onde vou começar?

(Ele fica pensando, até que tem uma idéia)

ZÉ: É óbvio, vou começar pelo Brasil, afinal, teria país melhor para representar a América? Mas o que vou pegar no Brasil?

(Enquanto ele pensa, entra o bloco de carnaval. Logo atrás, entra o cafetão e a Edvirgem, atrasada e agitando)

EDVIRGEM: Como que começaram sem mim? Por que não me esperaram?

CAPETÃO: Fica quieta minha nega e vem chegando!

EDILEIDE: A gente que não espera? Tu que é muito lerda!

EDVIRGEM: Ai neguinho... Essa é a minha amiga... leide.

EDILEIDE E: Mas pode me chamar só de Chupif

CAPETÃO Tu nem sabe, eu consegui duas entradas pra gente ir num pagodão.

EDVIRGEM: Como? Onde?

CAPETÃO : Eu consegui com o Rodson Rudinei.

EDVIRGEM: Ah! Aquele da Vila Esmeralda, no morro 52, na 3° casa da esquerda para a direita, atrás do sobrado do Vicente, a 2° casa azul com janelas roxas.

CAPETÃO Este mesmo!

EDILEIDE E: Eu também posso ir no pagodão né?

CAFETAO: Não sei se você ouviu, mas eu consegui só duas entradas.

(**fica emburrada e chupa a laranja. Edvirgem começa a dançar. Zé vai até ela e diz**)

ZÉ: Sabe neguinha, tu é perfeita pra mim!

EDVIRGEM: Acho melhor você sair daqui que o meu nego ta aí...

ZÉ: Mas tu é o que eu estava procurando, você precisa vir comigo.

EDVIRGEM fica tentada e diz: Ah... sai daqui.

(**O cafetão sai do palco e a sai atrás dele dizendo**)

EDILEIDE E: É hoje que eu vou tirar o atraso.

(**As pessoas começam a sair, até que só sobra a Edvirgem, o Zé e mais uma mulher dançando. A mulher vai saindo e o Zé atrás dela. A Edvirgem fica sozinha no palco e diz:**)

EDVIRGEM: É, acho que sobrou pra mim.

(**Ela pega uma vassoura e começa a varrer o chão, sempre dançando e feliz.**)

EDVIRGEM: Ai... eu, aqui sozinha... com todo esse palco só pra mim... E com toda esta platéia me olhando... Assim eu me sinto até uma popstar!!

(**Edvirgem estala os dedos e diz**)

EDVIRGEM: Meninas...

(**Meninas entram**)

EDVIRGEM: DJ, solta o som!

(**Toca a música "Ragatanga". Quando a música acaba, as meninas saem e entra o Zé**)

ZÉ: Ô minha nega, como é que eu fui te esquecer aí?

EDVIRGEM: Eu sei, porque tu é um daqueles que adora um rabo de saia não é seu safado?

(Zé pega ele e a Edvirgem pela mão e apaga a luz. Passa o mediador. Quando a luz acende, toca uma música egípcia e todos estão dançando. Eles param de dançar. Chega uma múmia atrás do João e ele começa a rebolar)

JOÃO: Uhh.. Acho que estou me ardendo em chamas!

(Do outro lado do palco...)

EDVIRGEM: Nossa!! Eu sempre quis conhecer os Egipço.

ZÉ: Que ignorante que tu é Edvirgem! Não é Egipço, é Egípto.

JOÃO: Hmm!! Estou no paraíso...

(Entra um cara culto vestindo roupas egípcias e fala com o Zé e para a Edvirgem:)

EGÍPCIO: É EGITO! O país que possui uma das sete maravilhas do mundo, muito rico em sua cultura e possuidor dos maiores mistérios já vistos...

(Todos vêm o João com a múmia)

TODOS: João???

JOÃO para a múmia: Má, sai daqui animal!

EDVIRGEM: Mas tu é cagão hein?

ZÉ: Eta italiano frouxo!

JOÃO: Io? Frouxo? Eu não... e muito menos cagão!!! Vocês vão ver... eu vô é fazer guizadinho de múmia!!!

(Múmia foge e o João vai atrás dela com um facão)

ZÉ: Mas voltando ao assunto, que tipo de mistérios?

EGÍPCIO: Lendas meu jovem, lendas!

EDVIRGEM empolgada: Tá, mas diga quais lendas.

EGÍPCIO: Como a "Maldição de Tutankamon", um Faraó que foi enterrado vivo e que, mesmo passados mais de mil anos, os motivos desta barbárie continuam desconhecidos.

ZÉ: Só isso? Que sem graça...

EGÍPCIO: Dizem, que todas as noites, ele sai de seu sarcófago e vaga pela terra em busca das pessoas que o enterraram.

(Entra o João. Quando ele começa a falar, todos se assustam:)

JOÃO: Consegui me livrar daquela múmia, só não sei onde ela foi. Ela sumiu de repente. Mas, do que vocês estavam falando?

EDVIRGEM: Nós estávamos ouvindo algumas mentiras sobre lendas, maldições...

ZÉ: Eu acredito nisso, os egípcios eram muito ligados a espíritos, maldições...

JOÃO: Que nada, isso é só história.

Natureza, pois o homem deve agir livremente, sempre amando e respeitando o meio em que vive.

Essas essências não serão suficientes se não estiverem presentes em nossos corações os bons sentimentos, principalmente a esperança, a fé, o amor e a tolerância. Afinal, jamais haverá evolução, se os homens não mudarem internamente. Em vez de esperar os acontecimentos, devem tomar atitudes, caso contrário nossos sonhos e idéias não se concretizarão.

Todos deverão fazer a sua parte e dar o máximo de si para que a humanidade caminhe na direção do bem, da paz e da felicidade.

(Quando o texto termina, o mediador levanta as mãos e diz xxxx, e ocorre uma explosão. – Som borbulhar-

A luz apaga.

Quando acende, estão no palco as meninas do street, todas com capas.

Quando a música começar, elas tiram as capas e dançam o street.

Apaga a luz.

Quando acende, há o mediador e o mensageiro sentados em uma mesa, com um tabuleiro em cima. O mediador levanta bravo e vai embora dizendo:)

MEDIADOR: ~~He!~~ Eu vou embora...

(O mensageiro fecha o tabuleiro, põe embaixo do braço, se dirige para a platéia e diz:)

MENSAGEIRO: Jogo idiota! Isso nunca vai acontecer

(Apaga a luz)

(Acende a luz. Música. A turma entra no palco.

Todos sentam no chão para ver as fotos e ouvir o texto).

FIM!!!

